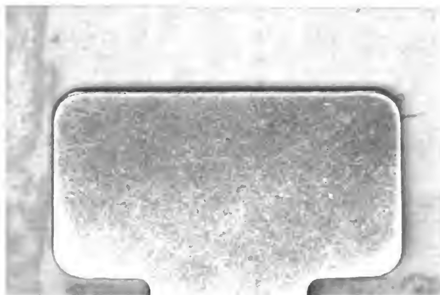

TAYLOR INSTITUTION
DOMI NUS ILLU MINA TIO MEA



POESIAS

DE

ANTONIO DINIZ DA CRUZ

E SILVA.

Na Arcadia de Lisboa

ELPINO NONACRIENSE.

TOM. III.

Que contém as Poesias Liricas.



LISBOA. 1812.

NA TYPOGRAFIA LACERDINA.

Rua da Condeça ao Carmo. N. 19.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.



POESIAS DITHYRAMBICAS.

Quò me, Bacche, rapis tui
Plenum? quæ nemora, aut quos agor in specus
Velox mente nova?...

Horat. Libr. III. Od. 25.

NA primeira Collecção (*assim chamamos á Collecção de Poesias originaes de Diniz, que vimos em Coimbra*) *apenas se achão os Dithyrambos 2. 5. 6. 7. 9. taes como da primeira vez sahirão da penna do Poeta, e com as muitas, e enfadonhas alterações e emendas, que soccessivamente lhes foi fazendo. Por isso pondo de parte este antigo original, seguimos a lição d'huma copia muito fiel da* segunda Collecção (*que he a Vimieirense*) *emendada ainda pela* Collecção terceira, *que contém o ultimo Manuscrito original de Diniz, o qual depois da morte deste nos communicou em Lisboa o Senhor Marechal de Campo Mathias José Dias Azedo. Este Volume, além das Poesias Dithyrambicas, contém as Odes Anacreonticas, que adiante se seguem.*

Advirta-se que o que vai impresso nas Notas do presente Volume com caracter Italiço, não he do Author.

DITHYRAMBOS.

I.

Recitado na Arcadia em Conferencia de 31 de Maio de 1759.

Ludentis speciem dabit, et torquebitur; . . .

Horat. lib. 2. ep. 2. v. 124.

ESte que hoje tocar ousado intento,
Oh Pastores de Arcadia,
Thyrsigero instrumento, (lo,
Q̃ primeiro em minhas mãos soa no Mena-
(E talvez espantado o vulgo escute)
Que hum furor desusado me inspira,
Que me accende, me eleva, e transpor-
A minha não he usada lira, (ta,
Que nas azas suspenso deixa o vento;
Mas a que Arion pulsava
Quando Bromio cantava,
Ou aquella do Reddi affamado,
Que soltando a voz soberana,
Fez entrar Baccho em Toscana
Das Bistonides cercado,
E do Arno florido nas frescas ribeiras
Os thyrsos vibrando saltarem ligeiras.

Mas já sinto bramar-me de em torno

O rouco alarido de sistros e vozes.
Evohe resoão do Menalo as grutas,
Evohe repetem as Melias ferozes.
Sim : he presente o grão Nume,
O filho de Jove imberbe,
Que meu peito com seu lume
Me inflamma, me atiça, e me abrasa.
Tragão-me vinho do turvo Douro,
Seja tinto ou seja louro;
Que a grão sede,
Em que me accendo,
Nelle pertendo
Hoje apagar.

Eis empunho hũ grande copo,
E ligeiro alçando o braço,
Este, que faço,
Brindes suave,
Pastores de Arcadia,
A vós, que primeiro
Da prisca Roma,
Da antiga Grecia
As despresadas
Naturaes graças
Do Tejo ás margens
Trazer ousastes:
A vós, que primeiro,
As silvas segando,
Que o Luso Parnaso cobrião,
E de agudos abrolhos enchião,

O grande caminho traçastes,
Que depois seguirão gloriosos
Outros novos esp'ritos famosos,
Arando o mesmo agro;
A vós o consagro.

Oh cepa venturosa, que produzes
Licor tão saboroso,
De teus ramos, se a idéa me não mente,
Croa o vermelho Bromio a intonsa frente
No Estio caloroso,
Quando Sirio ladrando a terra inflamma.
Nunca do ardente Clario as claras luzes
Crestem tua rama, (ma.
Ou densa nevoa em flor teu fructo oppri-
Nunca o maligno capro em tuas vides
O roaz dente imprima.

Outra vez torno a encher o grande vaso,
Caros pastores!
E em honra vossa
Outra vez com a mesma graça o vaso.
Oh vinho generoso,
Por ti sinto elevar-se o meu esp'rito.
Ah! se me irrito,
Com esta lança
Derrubarei por terra
A soberba Inglaterra,
A inconstante França.

Oh! se me eu via
Nas montanhas de Thracia
C' huma mistica audacia
Na Bacchanal orgia
Hum thyrso floreando!
Que não faria!
Que não diria!
A voz levantando,
Assim cantaria:
Triunfo! Victoria!
Cantemos de Baccho
O louvor e a gloria.
De Baccho, que alenta
Os membros cansados,
De Baccho, que augmenta
Da formosa Venus a graça e belleza,
De Baccho, que affasta de nós a tristeza.

Porem que ave estranha nadando nos ares
Estende humas vezes, outras vezes cerra
As compridas azas? Ah! já chega á terra.
Oh pasmo! oh portêto! oh nunca visto ca-
Este he, oh Pastores, o gentil Pegaso.(so!
Apollo brilhante (se em tal não te affronto)
Com tua licença sobre elle me monto.
Eis já pelos ares me leva voando
Ao monte difficil do sacro Parnaso.
Que novo me abrasa sacrosanto lume?
Poeta me sinto, poeta famoso,
E as plantas estampo no partido cume.

Que fontes de vinho espumoso !
Que ulmeiros de vides cingidos !
Que doce armonia
Me fere os ouvidos !
Ah não he este o cume sagrado (1)
Ao louro Febo ;
Mas ao mitrado , brincão mancebo ,
Que o thyrso empunhando ,
Os reinos da Aurora
Em viva guerra foi devastando.
Debaixo das heras deitado ,
Dos bailes , das graças cercado ,
Hum frasco de vinho brilhante
Chega risonho á meliflua boca ,
Em quanto Cupido
A lira lhe toca ,
O suave Anacreonte. (2)

O borracho Cratino , (3)
Que delle está defronte ,
Hum copo purpurino
De vinho generoso
Da fabulosa Créta ,
Sorvendo está gostoso ;
E o poeta gentil do antigo Lacio ,
Ennio famoso , (4)
Rude n' arte , no engenho poderoso ,
N'hum odre está sentado ,
E ao pé delle deitado
O grande Horacio , (5)

O Cisne Venusino.

Oh coro divino
De Apollo sagrado,
As grandes infusas
Em louvor das Musas
Nesta fonte enchamos,
E ledos bebamos.
As filhas cantemos
De Jove sagrado:
E de seus alumnos
Em honra e louvor
Qualquer de nós próve
Do doce licor.

Ora sus! levantai-vos em pé
E clamai sem cessar: Evohe.
Em quanto prostrado, com tremula mão
Encho ebri-festivo hum grande cangirão.
Tu que, cantando, do grande Gama
Fizeste eterna no mundo a fama,
Sempre famoso
Ou com as trompas
Os ares rompas,
Ou dos amores
A doce pena,
Que o ceo te ordena,
Cantes saudoso
Na branda lira,
Ou rude avena.

Entre os pastores,
Tu em meus versos benigno inspira
De tuas vozes o grato accento:
E em quanto respeitoso a mente inclino,
Dobro o joelho, e o grande vaso empino.

Esta de roixo vinho taça chea,
Sangue espremido da gentil parreira,
Consagralla pertendo ao bom Ferreira.
Ferreira illustre,
Que por modos diversos
Ou deo versos ás leis, ou leis aos versos.
Ferreira, que assombrando a culta Athenas,
Calça o cothurno ás Tagicas Camenas:
E na lira sonora e som campestre
He dos nossos pastores sabio mestre.

Tragão-me hum copo já de branco vinho,
De liquidos topazios fino orvalho,
Com que brindar pertendo ao bom Mausi-
Ante meus olhos (nho.
A todo o instante
Tenho presente
Da bella Zara
O sonipede ardente,
Que o freio mastigando em branca escuma,
Pelas ventas abertas sopra e fuma;
E com o peso
Da Ninfa bella
Se embrida mais e altera.

A mesma Ninfa
Sobre elle vejo,
A manga a meio braço recolhida,
E a trança d'ouro
Aos ventos esparzida:
Qual Arpalice,
Que ao longo do Ebro
O ginete lançando
A' rapida carreira,
Que o veloz vento corre mais ligeira.
Elle ferindo a magestosa cithara
C' o plectro soberano,
Fez eterno no mundo o Africano;
E eu de seu nome em honra agora vaso
Este odorifumante cheo vaso.

Este, que agora empunho
Nesta taça,
Derretido rubim,
Este sim,
A ti bebo suavissimo Bernardes,
Que nas frescas manhãs, serenas tardes,
A' sombra de altas arvores soltando
Doces queixas de Amor em doce rima,
Tão celebre tens feito o manso Lima.

Mas onde ficas tu, claro Ribeiro,
Tu que primeiro
No Luso campo as canas ajuntaste,
E imitar o Deos Pan, cantando, ousaste?

Este pois vinho cheiroso,
Saboroso,
Generoso
Da Madeira
Aqui vindo,
Para os brodios
De Leneu,
Racimifero,
Porta-thyrso,
Rompe-terra
A ti brindo.

A ti . . . mas sinto, sinto
Apollo, que enfadado já me manda
Outro copo brindar de vinho tinto
Ao douto Sá Miranda.
Ninfas do Aonio coro!
Vede que em o fazer me não demoro;

Outro brindo em continente,
Até ver-lhe o centro occo,
A ti grande Gil Vicente,
Que calçando o humilde sòco
Deixar fazes em silencio
Eupolis e Plauto, Menandro e Terencio;

Venha vinho, venha á pressa;
Que brindar quero tres vezes
Ao illustre Sá Menezes.
Inda agora o manso Leça

Com as Ninfas vai dançando
De teus versos ao som brando;
De seus bosques na espessura
Inda o tom suave dura;
Inda o Eco pelas grutas
O repete vezes muitas.

D'outro illustre Sá Menezes
A grão fama me convida
A beber,
A louvar,
A cantar
Sua gloria aos Ceos subida.
Quantas vezes
De Thitrnia o triste fado,
Em seus versos celebrado,
Tem regado
De sentido
Pranto amargo
Na dourada
Chersoneso
As fulas filhas da Aurora esmaltada!
Quantas vezes
Fulminar estou vendo em seu canto
De Albuquerque terrivel a dextra
O povo infido da fera Malaca!
Ora pois em teu applauso
De bom vinho moscatel
Bebo inteiro hum grande vaso.

Esse vinho, que brilha
Nessa vasilha,
Que vinho he?
Se não me engano,
Vinho he do Porto,
Que o nosso Baccho
Para conforto
Quando está fraco
Costuma usar.
Enchão-me pois
Desse liquido pyrópo
Todo este cópo.
Que inteiro quero
Bebello em honra
Do grande Andrade.
De ti, Andrade,
Agora fallo,
Que de todos o primeiro,
De Verona o cisne imitando,
Entre nós gracioso derramas
Os curtos, mas picantes epigrammas.
Só te vejo n'esta estrada;
Mas seguir-te a mi me agrada.
E entre tanto de vinho o copo arraso,
Æ em louvor de teu nome já o vaso.

Outro vá igual
Ao Corte Real;
Que ao Monte-maior
Não hei-de brindar.

Goarde lá sua Diana
Para a gente Castelhana;
Se escrevera em Portuguez,
O brindára d'esta vez:
Mas deixar o doce, puro,
Abundante,
Elegante,
E brilhante
Idioma Lusitano;
E por quem? pelo Hispano;
Não o soffro, nem aturo,
Nem Apollo aturaria:
Porque bem que costumado
A soltar sua armonia
Na riquissima Argiva Lingoagem
(Que de todas as mais tem vantagem)
Na Latina, e Italiana;
Quando falla a Lusitana,
E no Pindo nella canta,
Da Memoria as filhas encanta.

Mas oh que já esquecia-me
Do rosado Oriente a joia, a perola,
Tu Fernando belligero,
Que a lança, e a cithara
Vibrando intrepido,
Tocando armonico,
D'altas palmas á sombra a voz alçaste,
E a clara Lusitania transformaste.
Com este vinho,

Da Cuba vindo,
Eu já te brindo.

Mas hum novo brindes agora me chama.
Silencio: silencio, que Febo me inspira.
Oh tu Candido divino,
Cujo nome, cuja fama
Pelo mundo se derrama,
O pastor da Arcadia Elpino,
Que as leis soberanas, que dictas, recebe,
Hum copo brilhante
De vinho fumante,
De vinho cheiroso
Em torno saltando já bebe gostoso.

Outra vez a voz levanto,
E com ella hum odre, e digo:
A ti, Foyos, doce amigo,
Que nos enches de alegria
Com teu canto,
De soberba malvasia,
Mas que caia aqui de borco,
Esta grande pele emborco.
As correntes
De Hippocrene
Se turvárão,
E confusas
Com o susto as ternas Musas
De mão as liras deixárão:
E o intonso, auricrinito,

Porta-lira, ledo Apollo,
Arrancando o verde louro,
Que a cabeça lhe croava,
Pela terra o arrojava;
E n'hum teixo a lira de ouro,
Que pendente tinha ao collo,
Pendurou,
Quando a fama publicou,
Que a malina
Libitina
Contra ti da fouce armado
Tinha o braço levantado.

Mas na Arcadia inda maiores
Desconcertos se observárão.
De repente se muichárão
Do Erimanto nas margens as flores,
E no Menalo os verdes pinheiros,
Quaes se fossem de raio tocados,
Quasi todos se virão crestados.
As ribeiras sem chuvas crescèrão,
O campo inundárão,
As vinhas perdèrão.
Perdèrão-se gados,
Morrèrão rafeiros;
E como assombrados,
Os tristes pastores
Nem lutas tiverão,
Nem versos cantárão.
O mesmo Sileno

Na gruta metido se via sozinho (nho.
Sem molhar os beiços n'hum frasco de vi-

Mas depois que a bella Hygia,
Dom de Jove o mais precioso,
Do ceo veio, e estendendo
Sobre ti as puras azas,
Fez fugir a descarnada
Macilenta morte fea,
Os campos brotárão mil cheirosas flores,
E a formosa Cytheréa
Rodeada dos Amores
Com as nuas Graças, e verdes Napéas
Alegres choréas
Formárão ligeiras,
Ornámos de rosas as nossas monteiras:
E o velho caprino
Saltando de gosto
No campo vermelho,
E tinto de amoras o peludo rosto,
De forte agoa-ardente
A' tua saude
Já bebe contente
De hũ trago hũ almude.

Amigos, toquemos,
Bebamos, cantemos
O nome de Foyos;
A Foyos louvemos.
Com raros encomios

O seu grande nome
De Evio Brisseu,
Do bom Bassareu
A's orelhas alegres levemos (6).

NOTAS.

(1) Do Parnaso fabulárão os antigos, que tinha dous cumes (donde lhe vem o epitheto de Bipartido) hum consagrado a Apollo, e outro a Baccho.

Parnasus gemino petit aethera colle, (mixto
Mons Phoebo, Bromio que sacer: cui numine
Delphica Thebanæ referunt trietericaBacchæ.

Lucan. Lib. 4. *al.* 5. *v.* 72. *e seg.*

(2) Anacreonte, famoso Poeta entre os Gregos, que ou foi, ou se fingio em suas obras muito amigo do vinho.

(3) Celebre Poeta da antiga comedia, e tão apaixonado pelo vinho, que affirmava que sem elle se não podião fazer bons versos.

Prisco si credis, Moecenas docte, Cratino,
Nulla placere diu, nec vivere carmina pos-
Quae scribuntur aquae potoribus: ... (sunt,

Horat. lib. 1. *Epist.* 19. *v.* 1.

(4) Ennio natural de Calabria, e hum dos mais antigos poetas entre os Romanos, segundo Horacio, tinha huma forte paixão pelo vinho.

Ennius ipse pater nunquam, nisi potus, ad
Prosiluit dicenda. &c. (arma

Idem, ibid. v. 7.

(5) Ninguem ignora que este Poeta se inculca em suas obras por muito amante do vinho, ou porque na verdade o fosse, ou por mais fielmente imitar os Gregos, que em muitas partes copiou.

(6) Aqui deve findar o presente Dithyrambo, sendo por este modo superflua a Estrofe, que se segue.

Mas oh Ceos! que assombros! o dia se cerra,
E dos pés parece que me escapa a terra.
Assoprão os ventos, os montes se abalão,
E prenhes de raios as nuves estalão.
Que he? que he? que será?
Mas seja o que for,
Do grato licor
Bebamos, cantemos
O nome de Foyos,
A Foyos louvemos.

DITHYRAMBOS.

II.

Recitado na Arcadia a 31 de Janeiro de 1758.

ONde estou?
Quem me trouxe a este prado?
Que agradavel espessura
Toda ornada de verdura!
Os ulmeiros levantados
Com as vides
Sem concerto
Entrelaçados
Os olhos vistosos deleitáo
C'os pendentes
Cachos bellos
Verdes, roixos, amarellos.
Qual será, quem, quem me diz,
Táo ameno, abundante país?

Que suave fragancia derrama
Por entre a viçosa
E tremula rama,
Murmurando,
Espumando,
E brilhando
De corrente amethista essa fonte!

Ah ! que he de vinho, de vinho puro !
Sim : de Niza he este o monte(1),
Ou de Naxo a fresca ilha (2).
Naxo seja, seja Niza,
Ou seja o que for,
Beber quero este licor,
Que consola,
Que recrèa,
Que conforta e dá alento
A quem delle amigo he.
Evohe (3).

Oh suave licor generoso,
Sangue puro das uvas brilhantes
Na terra prostrado
Te adoro e recebo,
E da Arcadia
Á saude já te bebo.
Mas se a vista não me engana,
Vejo Albano (4),
Que gemendo debaixo d'hum cantaro,
Chega á fonte.
Caro Albano, assim reparta
O fogo-fremente(5) retumbante Jaccho(6)
Liberal de seus fructos comtigo,
Que enchas logo a grande quarta
D'esse liquido rubim :
Enche, sim.

Lança mais nesta botelha

D'esse nectar saboroso,
Que me banha de alegria
Todo o peito, e me arrebata,
D'essa doce esplendente ambrosia;
Que da adega abundante de Epaphio
Ella só
A digna he.
Evohe!

Toca, e bebe sem demora
A saude de Siveno (7).
Como he doce o bom Lyeu (8)!
Vá hum copo mais pequeno
Á do nosso Melibeu (9):
Que á do grande Coridão (10)
Ja emborco hum cangirão.
Coridão, suave amigo,
Até ver-lhe o fundo enxuto
Col bottàccio io ti saluto (11).
Maior sede agora sinto:
Em calor todo me abraso:
Lança, Albano, n'este vaso
Vinho branco, ou vinho tinto,
Ou genebra, ou agoapé.
Evohe!

Este vai do brando Tirse (12)
Á saude: bebe Albano,
Tirse digo, o nosso Tirse,
Cujo nome soberano

Ha-de com prazer ouvir-se
Pela immensa esfera que aperta
Com seus braços o padre Oceano
Desde hum polo a outro polo.
Caro Tirse, tu de Apollo
A divina Lira tens,
E com ella, quando cantas,
Toda a nossa Arcadia encantas.
Náo me esqueces tu tambem
Com teu canto peregrino
Doce, e meigo, e terno Alcino(13):
Jam, jam, jam tibi propino.

Este copo, que cheo tresborda;
De escuma brilhante croado,
Com leda máo empinando,
Brindo gostoso
A Nemeroso ...... (14)
Mas que estrondo, amigo, he este?
He chegado o Deos do vinho,
O gráo filho de Seméle.
Toca toca na thyméle (15):
Já dos tympanos (16) soantes,
E dos sistros (17) das Bacchantes
O ruido sonoroso
Nos ouvidos me retine.
Lança aqui, Albano amigo,
Lança aqui
Desse liquido ambar puro:
Vinho, vinho, he que procuro:

Vinho digo,
Não Café.
Evohe!

Oh! que já vejo
O intonso Bromio (18),
O padre Emonio (19),
Que da paterna coxa
Bigenito se alçou a eterna vida,
No grande carro
De hera toldado
C' o verde thyrso (20)
Regendo os feros
Tigres manchados.
Por entre as curvas pontas,
Que a fronte prazenteira lhe guarnecem,
Estão pendendo
Da tenaz hera,
Das lentas vides,
As negras bagas,
Os brancos cachos.
Olha, repara
Como os lascivos
Pulanti-satyros
Em torno o cercão,
E foliando,
Beberricando,
Caracolando,
A solta arèa,
Ferem saltando

Com o bifido pé!
Como ululando
Gritão e bramão
Viva o grão Lysio,
Viva, Evohe!

Attenta como as Evias crini-sparsas,
Nas peles marcheradas
Das montarazes tigres embrulhadas,
Vem coriscando
As pampinosas
Asteas tremendas!
E de huma e d'outra parte rodeando
Vem segurando
Ao albi-crinito bebado Sileno,
Que escarranchado
Sobre o pesado
Tardi-jumento,
Todo manchado
De negro mosto
O baço rosto,
Co' as mãos se agarra
Á rara crina,
E balançando
De quando em quando
Hum odre empina,
E a voz alçando,
Os vesgos olhos
Quasi cerrados
Arregalando,

Diz aos Faunos, que mal vè:
Orgio (21), Baccho, Bassareu (22),
Dionysio (23), Rompe-terra (24),
Jaccho, Jaccho (25), Evohe!

Ah pastor, não te detenhas!
Lança, lança
Neste copo,
Não das agoas, que brota o Canopo
Bramindo das aridas brenhas;
Mas do vinho picante do Douro
Doce, puro, tinto, ou louro.
Este vinho soberano
Em honra tua
Bebo, oh Silvano.
Mon ami à ta santé
Lyseo, Briseo (26) Evohé!

Outro venha do que cria
Da Madeira a illustre Ilha,
Joia bella, com que adorna
Anfitrite o branco peito.
Oh! como brilha!
Oh suave Malvasia!
Que hes dos vinhos maravilha,
De alambres brilhantes orvalho!
Em silencio fique eterno
Por ti só o bom Falerno,
Fique o Massico licor.
Doce vinho, meu amor,

Grato á vista, ao gosto ameno
Ao famoso caro Almeno (27)
Só comtigo hei de brindar.
To your good health Sir.
Nebrodes (28), Jaccho, Evohe!

Toca, Albano, toca, toca;
Que este vinho me provoca.
Leneo(29),Sabo,Nisio Epaphio(30)!
Cantemos, bebamos,
E juntos digamos
Evohe.
Oh! Thyoneo, Thyoneo (31),
Epileneu (32),
Evohe!

Mas que fero pé de vento
Desta parte me accomete?
Huma, duas, vinte, cento,
Quatro, sinco, trinta, sete,
Outo, dés, e nove estrellas...
Ah! não: são pirilampos:
São bizouros, borboletas.
Nestes campos
Oh que cousas tão galantes,
Tão selétas
Hoje a turva vista vè!
Nyctileo, Bromio, Evohe.

Dançar quero, toca, amigo,

Toca a frauta, ou toca a lira.
Ai que o monte em torno gira!
Salta tu tambem comigo:
  Haja baile: haja festa;
Que tambem dança a floresta.
Vá de pulo, e piroeta,
Contra tempo e balancé.
      Evohe!

Farto já do doce mosto,
Nesta cepa aqui me encosto.
Ai que os olhos se me cerrão:
Nada vejo: dormir quero,
      Pois cerrada
      A noute he.
      Evohe.

NOTAS.

(1) Monte da Asia consagrado a Baccho, onde os Poetas fingem que elle triunfára solemnemente depois de ter submettido todo o Oriente. Veja-se Curt. lib. 8.

Nec qui pampineis victor juga flectit habenis
Liber, agens celso Nisæ de vertice tigres.

Virg. Æneid. l. 6. v. 804. 805.

(2) Huma das Cyclades consagrada a Baccho; porque nella triunfou sogigada a India, ou vencidos os Gigantes.

Bacchatamque jugis Naxon...

Virg. Æneid. l. 3. v. 125.

(3) Voz que os Sacerdotes costumavão a repetir nas ceremonias de Baccho. He derivada da Grega Εὖ οἱ, que quer dizer: Bem lhe venha: *Bene sit illi.* Outros a derivão das vozes Εὖ υἱὲ, que he o mesmo que: *Euge fili*: fabulando que na guerra, que Jupiter tivera com os Gigantes, todos os outros Deoses fugírão amedrentados; mas que Baccho tomando a figura de hum leão, pelejara valerosamente, o que dera occasião a Jupiter a dizer-lhe aquellas palavras, que ficárão servindo de saudação ao mesmo Baccho.

Evoë, recenti mens trepidat metu.

Horat. Od. 19. lib. 2.

(4) Manoel José Pereira.

(5) As palavras compostas adornão muito hum idioma, e o fazem conciso, e energico.

Dixeris egregiè, notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum &c.

diz o grande Horacio na sua Poetica vers. 47. O nosso Camões observou bem este preceito, introduzindo algumas destas palavras na Lusiada, como he por exemplo *Vndivago.*

Esta regra porem tem o seu proprio lugar nos Dithyrambos. Alem disto o adjunto de Fogo-fremente foi dado a Baccho por Orpheo, ou quem quer que seja o Author dos Hymnos que correm em seu nome, no hymno, *que tem por titolo: Hippa suffimentum.*

(6) Hum dos nomes que se dava a Baccho: veja-se o citado Hymno.

(7) O Senhor Silvestre Gonçalves.

(8) Lieu era hum dos nomes que se dava

a Baccho, ἀπὸ τȣ λύειν, que quer dizer, livrar de cuidados: mas neste lugar se toma pelo mesmo vinho.

Regales inter mensas, laticemque Lyæum.
Virg. Æneid. 1. 690.

(9) O R. P. Caetano Innocencio.

(10) O Senhor Pedro Antonio Correa Garção.

(11) O intrometter palavras estrangeiras em qualquer obra, he a figura a que chamão Soraismo; e ainda que em outras composições o seu uso seja vicioso, e por isso digno de reprehensão Camões que no seu Poema misturou o verso de Petrarca

Tra la spica e la man qual muro è messo;

nos Dithyrambos tem propriissimo lugar. Della usa frequentemente o Aldeani, ou seja Nicoláo Villani, em hum seu graciosissimo Dithyrambo.

(12) *Theotonio Gomes de Carvalho.*

(13) *Domingos dos Reis Quita.*

(14) *Feliciano Alves da Costa.*

(15) Thyméle, lugar alto e levantado na Orchesta á maneira de pulpito. « Thymelici autem erant musici scenici, qui in organis, et lyris, et cytharis præcinebant. Et dicti Thymelici, quod olim stantes cantabant super pulpitum, quod Thymele vocabatur. » Isidor. lib. 18. c. 47.

(16) Especie de timbale, instrumento proprio do coro estrepitoso de Baccho. Delle havia duas differentes especies. *O Author as delineou no seu Manuscrito, copiando-os quanto parece, de* Calmet *na Dissertação*

sobre a Musica dos Antigos, que vem no Tom. 2. do Commentario aos Salmos.

(17) Outra especie de instrumento tambem muito usado nas Bacchanaes. *A figura vem em Calmet no lugar citado, donde o Author a copiou.*

(18) Nome que se dava a Baccho, derivado do Grego βρέμω, isto he, bramo, ou de βροντὴ, trovão: pois nasceo com hum trovão, sendo Semele abrasada por hum raio; ou de Brome, ou Bromio, Ninfa que o creou. Serv. in Virg. Eclog. 6. Hygin. Fab. 18.

Thuraque dant, Bacchumque vocant
Bromiumque, Lyæumque.

(*Veja-se Orph. Lysii Lenæi Hymn.*)

(19) Emonio, *isto he de Thracia; pois nesta provincia foi muito venerado: chamando-se Sithonio, Edonio, Ismaro ou Ismario, e Rhodopeu, de outros tantos nomes da mesma Thracia.*

(20) Lança enramada de parras, de que os antigos armavão a Baccho, e as Bacchantes.

Etenim molles tibi sumere thyrsos,
Te lustrare choro, sacrum tibi pascere crinem,
Fama volat:

Virg. Æneid. lib. 7. v. 390.

(*Porta-thyrso he nome que a Baccho dá Orph. Semeles Suffim.*)

(21) Com este nome era tambem Baccho invocado. Orph. Trieter. Suffim.

(22) Outro nome do mesmo Baccho, tomado ou da Cidade de Bassara na Lydia, onde era muito venerado; ou de certo vestido talar de que usavão os seus sacerdotes;

ou da pele de lince, a que os Thraces davão este nome. (Βασσαρεὺς *quasi* Βαττάρευς *lingua titubans, vel blæsus. Baxter, ad Horat. Carm.* 18. *lib.* 1. *Veja se Orph. no hymno Dionys. Bassar. Trieter.*)

(23) Nome com que tambem era adorado. Orph. Dionysii Suffit. (Διόνυσος, *quia cum nasceretur femur* Διὸς ἔνυξεν: *para nascer rompeo a coxa da perna de Jupiter, onde este o tinha metido, morta Semele sem se comprir o tempo do parto. Outros o derivão das mesmas palavras, allegorizando* νύσσειν τὸν δία, *isto he,* τὸν νοῦν *a alma; porque o vinho a perturba. Da etymologia, que Bluteau dá a este nome não sei Author: da antecedente são Passor no Lex. in Hesiod. e Robert. Constantin. L.* δ.)

(24) Titulo que se dava á mesma fabulosa Divindade. Orph. Trieter. Suffim.

(25) Outro nome do mesmo Baccho, derivado do Grego ἰαχὴ, que he, clamor: tomado do muito que fazião vociferando os seus sequazes.

(26) Estes dous nomes são proprios de Baccho. Orph. Trieter. Suffim. Briseo traz a sua origem de Brisa que significa em Grego a uva. Macrob. Saturnal. l. 2. c. 18. (*Lyseo, tem a mesma origem que Lyeo, que vai na not.* 8.)

(27) O Senhor Manoel Nicolau Esteves Negrão, Secretario da Arcadia.

(28) Nebrodes, nome de Baccho, do Grego Νεβρώδης. (*Sic dictum, quod Bacchantes pellibus hinnulorum uterentur.*)

(29) Outro nome com que era invocado. (*Non à leniendâ mente, ut imperite Donatus putat; sed à* ληνὸς, *torcular, prælum vinarium.*

Ruæus ad Virg. Georg. 2. v. 4. (Veja-se Orph. Lysii Lenæi Hymn. e Triet. Suffim.)

(30) Outros nomes attribuidos á mesma Divindade. (*O primeiro, que aqui não explica o Author, estava explicado na nota 2. ao Dithyrambo 5.* Baccho imberbe, Baccho ardente : *as quaes notas supprimio nas ultimas Collecções ; talvez por serem absolutamente huma recopilada traducção do que disse Mr. Tourreil nas notas á Oração de Demosthenes a favor de Ctesifonte ; onde se pode ver a explicação das palavras Saboé, Yés, Attés, Evohe. O segundo nome* Nysio, *vem de Nysa, onde foi creado Baccho segundo a fabula. O terceiro Epaphio, pode vir de ἐπαφίημι, que significa irritar, incitar contra, açular, e todos sabem quanto o vinho irrita, e incita a ira. Todos estes nomes dá Orph. a Baccho nos hymnos Hippæ Suffim. Licliti Suffim. Trieter. Suffim. Lysii Lenæi Hymn.*)

(31) Outro apellido do mesmo Baccho, derivado de θύω, que significa enfurecer, e enlouquecer ; tomado dos effeitos, que produz o vinho.

(32) Outro apellido que se lhe dava. (*Composto do de Leneu, que já se explicou na nota 29. e que por força da preposição ἐπὶ que nelle entra, poderá significar, que preside aos lagares. Veja-se Orph. Lysii. Lenæi Hymn.*)

DITHYRAMBOS.

III.

Mandado ao Author no anno de 1759. que então se achava enfermo de sezões, por Theotonio Gomes de Carvalho, e Feliciano Alves da Costa: chamados na Arcadia o primeiro Tirse Minteo, e o segundo Nemeroso Cilleneo.

QUe das sezões
Já livre estejas,
Porque possas beber cidras, cervejas,
E dos tintos corridos borrachões
Os vinhos puros,
Letificantes,
Odori-spumantes,
De que tu, grande filho de Semele,
Nos enches a pele;
O teu Tirse extremoso,
E o teu Nemeroso
Muito desejão.

Eia bebamos,
Oh Nemeroso,
Do saboroso

Bom moscatel,
Mais doce que o mel;
E á sua saude
Se despeje este almude.

Náo quero d'esse;
Pois mais me aquece
A malvasia,
Que a Ilha cria,
Ou o Falerno
Bom para o Inverno.

A tudo topo:
Chega esse copo,
Seja qual for:
Que este licor
Sempre he de Baccho,
E alegra o caco.
Oh que bello rubim!
Toca, toca, tim, tim.

Venha mais, oh meu Tirse, venha mais
Á saude de Elpino
D'esse licor divino;
Porque da cama logo se levante,
E comnosco de Baccho o louvor cante.

Omnipotente Emonio,
Duas vezes parido, oh padre Aonio,
Tu que as tristezas e sezóes molestas

Aborreces, detestas;
E aos teus confrades
Seculares, Frades,
E á mais sordida turba,
Que não se perturba,
Alegras, confortas
Endireitas, e entortas;
E em ondi-bamboleantes manejos,
Em os festejos,
Os Gallegos molles
Com gaitas de folles
Pelas ruas trazes,
E cantar os fazes:
Se te merecem (cem,
Estes dous copos, que hoje a ti se off're-
O teu favor divino,
Dá saude, saude ao bom Elpino.

DITHYRAMBO

IV.

Em resposta ao antecedente, feito pelo Author estando com huma sezão.

Tirse ditoso,
E Nemeroso,
O doce estado
Está mudado,
Em que comvosco
Com plectro tosco,
Movido de hum furor Dithyrambifero,
A Baccho Bassareu cantei ignifero
Hymnos sagrados.
Virão-me os fados
Com triste aspeto,
E hum esqueleto
Me tem tornado.

As ali-negras,
De Flegetonte
Filhas tremendas,
As descoradas
Sezões horrendas,
Hirsuta a fronte,
De neve e fogo

Todas armadas,
De mi em torno
Andão voando,
E esvoaçando,
Co' a garra adunca
Arrepellado,
Arripiado
Me tem por tantas vezes;
Que mais que nunca
Agora temo
Os seus revezes.

Do pobre leito
A curto espaço
O seco braço
Do curvi-ferreo, sanguineo-baculo,
Que tremendo, que triste espectaculo!
A dura Parca
Eu vejo armado.
Se sobre mim furiosa não emprega
A fouce cega,
Ai que contemplo,
Com vituperio
Do Luso imperio,
De Camões renovado o feo exemplo.

Pobreza fea
De pesares cercada
A cama me rodea;
E de espectros crueis accompanhada,

A pallida e voraz malincolia.
Estou de sorte,
Que a doce vida
Tão suspirada,
Me he mais pesada,
Que a triste morte.

Por ver se posso
Quebrar-lhe a ira,
Com thyrsigero plectro
De Evio-fremente lira,
Com que faço, oh inveja, que te mordas,
Ferir as cordas
Talvez intento.
Mas oh! que em vão o busco!
Que o carregado e fusco
Barbaro Rei da região opaca
Doce lira infeliz jamais aplaca.

Mas eis o frio,
Qual se estivera
Entre os horrores da Circacia fera,
Do Tanais dentro no gelado rio,
Me corre os ossos,
Caros pastores:
E ao repetir os vossos,
E de Brisseu louvores
Em alto accento, (to.
Me embarga as vozes hum tremor violen-

DITHYRAMBOS.

V.

BAccho imberbe, Baccho ardente,
Porta-sono, prazer e alegria,
De nocturnos festejos o guia,
Que refrescas, aqueces a gente,
Frio, e quente,
D'esse cume peregrino,
Que ao teu nome he consagrado,
Solta hum rio arrebatado
Espumoso,
E cheiroso
De purpureo ou branco vinho,
Onde beba os teus furores:
E qual o trovão,
Que os montes abala
Quando a nuvem prenhe
Rasgando-se estala;
Cante a Arcadia e seus pastores
D'este dia altos louvores.

De Aganippe assás na fonte
Ja molhado tenho a boca:
Agoa pura
Não provoca
A cantar,
A bailar,

E a saltar,
Como a lucida tintura
D'essa planta, que enroscada
Trazes na mitrada
Cornigera fronte.
Eia, eia! que o monte
De vinho se enche, se inunda, e se alaga.

Licor almo e generoso,
Rubim puro, ambar desfeito,
Com que gloria, com que gozo
Em ti banho a boca, e peito!
Atés, Hyés,
Hyés, Atés,
Viva, viva o dia
De tanta alegria.

Oh se eu pudera
Em boca e lingoas
Todo tornar-me,
Só por fartar-me
D'este elixir!
Então, Dioneo,
Na tenaz hera,
Ou no Idumeo
Cedro oloroso
Teu gordo vulto
Lavrára, erguera:
E para mais realçar os teus adornos,
Na soberba ara

Os brancos cornos
Em puro Ofir
Eu te curvara.
Doce elixir,
Que as almas purgas
De espectros tristes,
Que triste gera
A pallida e voraz Malincolia,
Vem neste dia
Dobrar da Arcadia
A pura alegria.
Oh suave dia, dia venturoso!
Em que o teu mimoso
Coridão nasceo!
Oh grão Bassareu!
Atés, Hyés,
Hyés, Atés.
Viva, viva o dia
De tanta alegria.

Dia, que os saltantes
E capri-barbudos
Corni-pedes Satyros
Co' as ebri-festantes
Lascivas Bassarides
De prazer saltando
Pelas montanhas alegres cantárão;
E de quando em quando
Gritando,
Bramando,

Assim repetiáo:
Saboé, Arcadia,
Arcadia, Evohe!
Já o teu Coridão nascido he.

E que bella se derrama
De alegria ardente chama
Do Erimanto nas florestas!
Pelas bocas das cavernas
Em ecos festivos sonoros respondem
Os montes soberbos de Arcadia famosa
Aos golpes, que os ferem,
De liras suaves,
De tympanos graves,
De sistros agudos
De crotalos duros!
Ah! sim, caros pastores,
Brilhe, brilhe a alegria:
Coroemonos de flores.
Cantemos suavemente o grande dia,
Que á Arcadia nos traz tanta alegria:
Dia que trouxe
Rosado ao mundo
O bom Coridão,
Coridão, que jucundo
As antigas,
Esquecidas
Mascaras carcomidas
Animoso tomando,
E entre o hirsuto capri-saltante Coro

As vozes levantando,
O triste e feo bando
Dos multiformes vicios
Faz da Arcadia fugir com seus convicios.
Evohe! Saboé.
Saboé! Evohe.
Viva, oh pastores, viva o grande dia,
Que comsigo nos traz tanta alegria.

Eia, eia pastores,
Cantemos, bebamos,
Bebamos, cantemos:
Tão ditoso dia
Com esta ambrosia
Ledos festejemos.
Atés, Hyés,
Hyés, Atés.
Viva, viva o dia
De tanta alegria.

Eis-me já nos nocturnos misterios
De corimbos e flores croado,
Nas mãos cerrando as grossas serpentes.
Eis já deixo dos troncos pendentes
As imagens sagradas,
E entre os copos de vinho espumando
Vou, Coridão, seguro saltando
Em teu louvor os odres untados,
Sobre os prados hervosos deitados.
Evohe, Saboé.

Saboé, Evohe.
Viva, oh pastores, viva o grande dia
Que comsigo nos traz tanta alegria.

Ah! venha hum capro lascivo malvado
Ao altar pelos cornos puxado;
E expie o sangue seu fervido, e quente
Quantas já estragou vides co' dente.
Thyrse-potente Iaccho,
Oh biparido Baccho,
Se a victima te he grata,
Que humilde te offereço,
Ah! por ella te peço
Que jucundo, grato, placido,
Risonho, meigo, e lepido
Com o teu licor tepido,
Doce e não acido,
Nos conserves ao Menalo
Em Coridão
O seu brasão:
Que de louros croado,
Que cheo de alegria
Nascer mil vezes veja tão bom dia.

DITHYRAMBOS.

VI.

EIs o sombrio, gelado Inverno
Com as mãos ambas das grossas nu-
Fero dardeja, (ves
Troveja,
Chameja:
E Aquilão rigido,
O corpo rorido
Ajaesado de negras plumas,
Do polo frigido
Guiando hum turbido,
Esquadrão horrido
De ventos rispidos,
Ataca, fere, derruba, estronca
Os freixos, os juncos, as canas, os cedros.
Coridão, Coridão, amigo,
Ah! contra elle busquemos abrigo.

Mas já te vejo confuso, attonito,
Sordido, pallido, timido, lugubre,
A hirsuta cabeça coçando,
Perguntar-me com mil extremos:
Onde, Elpino, encontrallo podemos?
Mackdowel experto,
Que no lenho concavo
Vai rasgando impavido

Entre as ondas humidas
As campanhas tumidas
Do inconstante pelago,
Mostrar-t'o bem pode,
Pastor engraçado;
Pois nasceo na frigida,
Soberba, belligera
Insula Britanica,
Da qual he indigena
O bom ponche rubido:
O ponche illustre, de aiábres liquidos
Orvalho odorifero,(chuvas
Que os gelos, q̃ os ventos, q̃ as nuves, q̃ as
Enveste, derrota, derruba, affugenta.

Ah! quantas vezes o povo orgulhoso
De Eolo fero, bramando horrrosc,
Em rijas brizas sobre elle desfeito,
Das negras vergas roubar-lhe intentou
O pano, q̃ aos sopros fia dos Zefiros!
Ah! quantas vezes do reino espumáte
Erguidas serras rolando arrogante,
Do baixel fulminante
O costado
Espalmado
Lhe descose com ellas!
Assustáo-se os nautas, e a rouca celeuma
A's estrellas vòa;
De tristes gemidos
O ar se povòa:

Porem elle impavido,
Huma taça empunha d'este almo licor,
E com ella dos ventos amansa o furor.

Eia pois, amigo,
Conforta-te, alegra-te:
E na mesa optima,
Aonde cercado
De Febo e das Musas,
Com a grande cithara
Do Cisne de Apulia,
Quando a doce voz levantas,
O Parnaso todo encantas;
Com pudim e poncho
Esta noute espera-me,
E me verás lepido,
Com o copo gravido
Do bom licor tepido,
Affrontar impavido
Os furores do Inverno engelhado.

DITHYRAMBO
VII.

POis que Noto ali-nevoso
Pelo ceo raivoso vaga,
E furioso
As plantas, as flores
Com o venenoso
Bafo estraga:
Dá-me, oh Filis, huma taça,
Com que o frio fugir faça,
Que me tem enregelado,
D'esse vinho açucarado;
D'esse digo, que tem a cor branca,
Que he manná que estillou Peramanca.

Dá-m'o, oh Filis, dá-m'o á pressa;
Que o cruel de neve armado
Se arremessa
Contra mim bramando irado.
Vê quão rapido galopa
No cavallo procelloso,
Conduzindo revoltoso
De miuda saraiva huma tropa!
Dá-me o copo, Filis bella,
Que eu, coberto d'este escudo,
Do feroz vento não temo

O gelado dardo agudo.

Já o enxugo: bravo! bravo!
Doce vinho ignipotente,
Que dos vinhos empunhas o cetro,
Por ti nas batalhas
Sem colete,
Capacete,
Grevas, malhas
Ardente guerreiro
Com semblante inteiro
Se lança animoso.
Por ti do Pegaso
Nas azas brilhantes
Sobre o cume do verde Parnaso
Vôão triunfantes
Os grandes Poetas.
Entre os sustos, entre as penas,
Que no peito lhe derrama,
Quando o inflamma,
O frecheiro Porta-penas,
Por ti baila, por ti canta,
Folga e ri o triste amante,
E entre os júbilos esquece
Cloé ingrata, ou inconstante.
Oh mil vezes mil ditoso
O terreno,
Que produz no seio ameno
Este nectar saboroso,
Este balsamo odoroso,

Que póde curar n'hum instante
Ferida que he tão penetrante!

Outro venha: que alegria
Na minha alma provo e recebo
Quando o sorvo, o enguio, e bebo!
Já não sinto do Noto os assaltos;
Já deposta a soberba arrogante,
Com que as ondas bufando anaçava,
O pó revolvia,
O bosque açoutava,
As flores crestava,
E as mãos me feria;
Foge, corre a homisiar-se,
Encovar-se,
Emboscar-se,
Embrenhar-se
Da Groelandia nas grutas geladas.

Venha outro, e venhão mais;
Que brindar quero agora
A Aglaia, a quem adora
Constante o coração em seus extremos:
A' bellissima Aglaia,
Que de seus olhos
Com a azagaia
Em cem partes o peito
Me trespassa, me fere,
Me zarguncha, azagaia:
A' bellissima Aglaia

Auri-crinita,
Nevi-rosada,
Do opulento Brazil rico diamante,
Mais puro, mais brilhante,
Que o setemplice raio luminoso,
Que dardeja do Ceo Febo lustroso.

Na tarde serena
Encarnada rosa
Não he tão formosa,
Como a linda Aglaia
Aos olhos que a vem.

A Ninfa vistosa
Filha de Thaumante,
Da nuve orvalhosa
Cem cores vibrando,
Não he tão brilhante,
Não he tão pomposa,
Como a linda Aglaia
Aos olhos que a vem.

Da Feriz se cria
Que d'ouro esmaltando
As plumas purpureas,
Aos ares subia
O sol registando:
Foi ficção galante
De Musa gentil.

Mas a minha Aglaia,
Portento mais bello,
Purpura nas faces,
Ouro no cabello
Ostenta brilhante
Aos olhos que a vem.

Mas já sinto no peito accender-se
Rapida chama,
Que a mente inflâma:
Bacco fremente de pôtas taurinas (me:
C'o thyrso punge-me, move-me, agita-
Dentro nas veias o sangue me escuma:
Fugi, profanos; q̃ o corpo se empluma.
Cisne canoro
Do Aonio coro
Vòo cantando no ar transparente.

Mas que Ninfa he esta,
Que nas leves azas de tenros Amores
A's nuves se eleva de flores croada?
Será da floresta
A Deosa sagrada?
Ou será das flores
A mãi delicada?
Será de Cithéra
A Diva engraçada,
Que vòa ás estrellas
D' Amores cercada?
Mas oh! que he Aglaia!

Formosa pastora,
Porque assim te apartas
De quem te idólatra?
Onde vas? Quem te guia?
Attende a quem te ama,
Te brada, e te chama.
Mas já entre os astros
Sintillá serena!

Sús oh mortaes, minhas vozes ouvi;
Que Leneu seu furor inspira em mi.
O ignifero Cupido, contemplando
De Aglaia a formosura,
Entre os nitidos astros a colloca,
Fausta constellação aos que navegão
Seu vasto mar, e a seu furor se entregão.
De hoje em diante erguei-lhe templo, aras:
Ali em seu louvor hymnos cantando,
Ternos desejos, lagrimas ardentes,
Victimas que propicio Amor aceita,
E aligeros suspiros lhe offertai:
Ali lhe consagrai
Fervidos e devotos
Da passada borrasca os puros votos.

DITHYRAMBO

VIII.

Foi cantado a tres vozes na Sessão Academica, que se celebrou em applauso do Illustrissimo, e Excellentissimo Marquez de Pombal em casa do Morgado de Oliveira em 20 de Janeiro de 1774. Elpino cantou o Tenor. *Composto por Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Theotonio Gomes de Carvalho. Os versos do primeiro são os notados com o Asterisco. Foi impresso na Officina Regia no sobredito anno.*

Primeiro Tenor.

* EM cem negros cavallos procellosos
* Por entre as grossas nuves galopando
* Do austral polo gelado
* O fero Noto sai bramindo irado:
* E barbaro senhor do campo etherio
* Com dispotico imperio
* Ora inchando as bochechas
* De crespa fria reluzente neve
* Borrifa os altos montes,
* Os rios prende, prende as claras fontes;
* Ora arroja insoffrido

* Sobre a timida terra
* Agudas setas de gelada chuva,
* E em densas sombras, negro nevoeiro
* Do ceo cerrando o rubido luzeiro,
* A noute faz descer mais appressada
* Na carroça de trevas carregada.
* Mas em vão esbraveja, corre e freme,
* Se contra a sua furia
* Bassareu Porta-fogo nos defende (1)
* Com a lança fatal, que o mundo rende.

* Se a noute embrulhada
* Das sombras no manto
* Nos cobre de espanto,
* Nos enche de horror:
* Accendão-se fachas,
* E contra o Inverno
* Do Luso Falerno
* Nas taças fulmine
* O vivo fulgor.

SEGUNDO TENOR.

Fulmine, sim, fulmine o Ebri-festante
Padre Leneu o seu fulgor brilhante.
Eia pois, aqui temos o espumoso
Almo licor da parra, que virente
Enrama o grão Tridente
Do Tejo caudaloso:
Almo licor, que o Inverno enregelado
Torna ledo e rosado,

Que affugenta as mortaes melancolias,
E em teu regaço, fresca Oeiras, crias.

A coruscante
Dextra de Jove,
Que os raios move
A' fragil terra
Com dura guerra,
Dardeje-troveje
Fulmine-arruine;
Que armado e cercado
De Baccho potente,
A máquina ingente
Impavido, immovel
Verei estalar.

PRIMEIRO TENOR.

* Lança pois, oh Tirse ditoso (2),
* D'esse almo licor saboroso (3)
* Neste copo brilhante e dourado (4);
* Dos Heroes ás saudes dicado.

SEGUNDO TENOR.

Aqui tens a suave ambrosía,
Que desperta, que inspira alegria,
Que ferve, que cheira, que espuma,
Que as aras de Baccho perfuma.

PRIMEIRO TENOR.

* Agora que brilha croada

* Do licor rubro a nitida taça,
* Pela terra me lanço e derrubo
* E respeitoso á boca a subo (5)
* Em honra e louvor
* Do grande Carvalho;
* Do famoso Carvalho, que alçando
* A's estrellas a fronte sublime,
* Com a sombra benigna que estende,
* Ampara, protege, defende
* Os ditosos pastores do Luso.

* Em honra e louvor
* Do grande Carvalho
* O cheiroso orvalho,
* Que das cepas mana,
* Que produz ufana
* A viçosa Oeiras,
* Neste copo empino.

CORO.

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

SEGUNDO TENOR.

Basta, basta, calai-vos, ouvi-me.

Esta de vinho
Taça primeira,
Que á boca encaminho,
A' verdadeira
Constante amizade

Consagro devoto:
Aceita, oh bom Carvalho, o puro voto.
No cume das grandezas,
Onde te elevão solidas virtudes,
Não foges, não despresas,
Inda q̃ humildes, corações que te amão.
Do fausto a luz brilhante,
Cujo falso esplendor a tantos cega,
Não muda teu semblante.
Quanto no mundo he rara esta virtude,
Tanto mais a Grande Alma nos cativa.

CORO.

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Venha hum copo de vinho do Douro
* De rubins destillados rocio,
* Vinho que vence os vinhos de Chio,
* Que derruba, que prostra por terra
* A possante, soberba Inglaterra:
* Vinho, que Bromio alegre e saltante
* Para seus brindes colhe e vindima,
* Vinho, que cresce em preço e estima,
* A' sombra ditosa
* Do grande Carvalho;
* Que a sua saude
* Outra vez a brindar me convida
* Por cem bocas a Fama, cantando
* As virtudes, que acolhe em seu peito.

CORO.

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Venha, amigos, outro copo.

SEGUNDO TENOR.

* Pronto, pronto aqui está.

PRIMEIRO TENOR.

* Venhão sinco, quatro, seis.

SEGUNDO TENOR.

* Aqui prontos todos tens.

CORO.

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Evohe! grão Leneu.
* Que doce frenesi a alma me agita!
* Já de alegres espiritos fervendo (6)
* Huma violenta alboratada tropa
* Pelas inchadas veias me galopa.
* Oh bom Dioneu!
* Lança-de-ouro, terrivel, fulminante,
* Fero exterminador de ancias, tristezas,
* Saboé! vibra o thyrso fulgurante,
E a vil plebe ignorante

Me affasta de diante. (to
* Sús, silencio, silencio, que em meu pei-
* De cantar altamente o Deos me inspira.
* Ah! soe a sonorosa
* Thymele ebri-saltante, estrepitosa,

* Sòem fagotes,
* Sòem timbales,
* Sòe a trombeta
* Que a furia incita:
* Nos fundos valles
* Eco repita
* Tan tan ran tan.

CORO.

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Mas q̃ vejo! q̃ assombros! q̃ portentos!
* Dés, vinte soes, quarẽta, trinta estrellas!
* Ah! não, são Ninfas bellas,
* Que eclipsão com seus bellos resplendo-
* Do louro Febo os nitidos fulgores. (res
* Tragão-me vinho,
* Tragão-m'o á pressa.

SEGUNDO TENOR.

* Aqui ha louro.

TIPLE.

* Ha carmesim,
* Sangue cheiroso
* De brilhantes racimos.

SEGUNDO TENOR.

* Qués do topazio (7)?

TIPLE.

* Qués do rubim?

PRIMEIRO TENOR.

* Tragão-me d'esse q̃ tem a cor branca(8),
* Puro manná, que estillou Peramanca,
* Doce licor, que por doce se preza;
* Que em teu louvor, e que á tua saude
* Delle pertendo beber hum almude;
* Oh de Pombal excellente Marqueza.
* Já dobrando o joelho
* Pela terra me inclino,
* E a chea taça denodado empino.

CORO.

* Viva a Grande Marqueza, viva, viva.

TIPLE.

A' margem viçosa
Do Danubio undoso
O Tejo invejoso

A foi demandar.
Alma tão formosa,
De virtudes chea,
Adora, e recea
A Musa brindar.
Mas em fim ha de ser; venha a botelha,
Que encerra o saboroso
Licor espiritnoso de Champanha,
Que muito gosta a gente de Alemanha.
Da aguda faca a lamina bruida
Quebre a loura resina, salte a presa
Cheirosa escuma, e em bolhas mil ergui-
Saude a Grão Marqueza; (da
E retinindo
Pelos erguidos
Tectos dourados
Os reciprocos brindes alternados,
Vereis, ah! sim, vereis,
Do grande Daun o grão Nome ouvindo,
Attonitas fugindo
Do Odder nas ribeiras
Destroçadas fileiras,
Bater a Aguia Imperiosa
De sangue as negras pennas salpicadas,
Voar victoriosa;
Marte horrendo inclinar a fronte altiva.

Coro.

* Viva a Grande Marqueza, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Não quero Borgonha:
* Não quero Champanha:
* Não quero Tockai;
* Nem vinho do Cabo:
* Os vinhos estranhos
* Não provo: não gabo.
* Quero vinho, q̃ alegre, que aquente:
* Dá-me d'esse que goarda na cuba
* Doce çumo Mação excellente,
* Camarista estimado e valído
* De Evio Lysio na Casa enramada,
* Por isso chamado
* Da chave dourada.
* Este pois, oh formosa Condessa,
* Gloria e timbre de Oeiras formosa,
* Te brindo e consagro.

CORO.

* Viva a grande Condessa, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Quando sai do Horizonte
* Na fogosa carroça o sol dourado,
* O sol de immensa luz perenne fonte,
* Não vem de tantos raios coroado.
* Tão formosa e engraçada,
* De flores adornada,
* Não sai do Ganges fóra

* Na fresca madrugada
* As nuvens roixeando a bella Aurora:
* Ao terno Esposo,
* Cujo espirito raro e generoso,
* Mais que da terra, do alto Ceo he digno,
* Em casto laço santamente unida
* Brilhar se vem as duas almas bellas,
* Quaes os Gemeos de Leda entre as es-
(trellas.

CORO.

* Viva o Esposo gentil, a Esposa viva.

TIPLE.

Mas que fero gigante
De setas armado,
Os campos talando,
As plantas crestando,
Com fina navalha
Os beiços retalha,
Me off'rece batalha! (te,
Hes tu, bem te conheço, impio Nordes-
Dos mortaes crua peste.
Não fujo, não fujo,
Espera, suspende;
Que a ti não se rende
De Bacco o valor.

Dá-me d'esse, que tem a cor loura,
Impenetravel rigida coura,
Que do Oceano as nitidas filhas

Me mandárão de mimo das Ilhas.
Venha hum copo, dous copos, tres co-
Capacete, rodela, e montante : (pos,
Dize agora que venha o gigante.
Mas que esquadrão formoso
De aligeros soldados,
De viçosa oliveira coroados,
Com suave armonia o ar povòa,
E a soccorrer-me vòa!

Os leves Amores,
As candidas Graças
Em torno das taças
Alegres voando,
Entoão louvores
De Amalia gentil:
Amalia excellente,
De tronco viçoso
Ramo florecente,
Que em laço ditoso
Promettes, seguras
Mil bens, mil venturas
Ao Esposo feliz.

A ti pois, oh Amalia formosa,
De raras virtudes compendio,
A taça cheirosa
De vinho espumoso
Consagro rendido:
Tambem a consagro

A teu grande Esposo,
Que louros cingindo
Vai ao templo da Gloria subindo.

CORO.

Viva Amalia gentil, o Esposo viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Mas que sinto! que vejo! q̃ escuto!
* Se Epaphio fremẽte, de põtas taurinas(9),
* Que acceso inflâma-me, embrulha-me o (cerebro(10),

PRIMEIRO TENOR.

* Náo me illude,

SEGUNDO TENOR.

M'o finge,

TIPLE.

Me engana,

PRIMEIRO TENOR.

* A terra agita-se, abana-se, move-se.

SEGUNDO TENOR.

* Os ares cerráo-se, engrossáo-se, turbáo- (se.

TIPLE.

* Rugem com impeto rigidos Africos.

PRIMEIRO TENOR.

* Brilhão relãpagos subitos, lugubres,
* Rõpendo a concava maquina etherea.

SEGUNDO TENOR.

* Accesas, tremulas, rubidas viboras
* Horriveis bramão por farpadas lingoas.

TODOS.

* Oh vite-comado, farfante Brisseu,
* Brincão, pampinoso, mancebo Lieu!
* Que he! que he! que será!

TIPLE.

* Quem tanta desordem,
* Oh Ceos, causará?

CORO.

* Mas seja o que for,
* Cantemos, bebamos,
* Dancemos, durmamos
* Do grande Carvalho
* A' sombra feliz.

NOTAS.

(1) As palavras Bassareu, Bromio, Epaphio, Lança-de-ouro, &c. são apellidos dados a Baccho por Orpheu, ou quem quer que he o Author dos Hymnos, que se lhe attribuem; e por outros muitos Poetas Gregos e Latinos: a maior parte dos quaes denota as qualidades e predicados, que os Ethnicos attribuião a esta falsa Divindade, (*ou antes os effeitos fisicos, que o vinho produz em quem o bebe*). O uso das Nações mais polidas as admittio, e approvou em semelhantes composições. As palavras novas e compostas, como igualmente a frequente variedade de metro, e uso de Metaforas atrevidas, são os adornos proprios d'esta extravagante e fantastica Poesia, como indicão estes versos de Horacio:

Seu per audaces nova dithyrambos
Verba devolvit, numerisque fertur
Lege solutis.

Od. Libr. 4. *Od.* 1. (*al.* 2.) *v.* 10.

Sobre ella se póde ver Quadrio no tom. 2. liv. 1. Distin. 2. cap. 3. e Menzini liv. 3. onde, ao mesmo tempo que ensina as regras, dá hum excellente exemplo.

(2) Este verso he chamado Enneasyllabo, ou de nove syllabas, e pertence á primeira classe delles, que devem levar os accentos na terceira, quinta, e outava; como se pode observar nos Authores que o introduzirão, e lhe derão a regra.

(3) Outra especie de versos de nove syllabas, que deve levar os accentos na segunda, quinta, e outava: como se pode observar no seguinte verso que he de José Caetano Salvadori, ou de Loretto Mattei.

Di perle, di tremulo gelo.

(4) Verso Decasyllabo; os quaes tem seus accentos ou na terceira, sexta e nona, ou na quarta, setima, e nona; de que ha muitos exemplos em Reddi, e no Aldeano, ou seja Nicolao Villani. Este verso não he novo em Portugal.

(5) Outro verso de nove syllabas com os accentos na quarta e outava; de que he Author Gabriel Chiabrera na sua Canzoneta:

A duro stral di ria ventura,
Misero me! son posto segno,
E l' empio duol, ch' io ne sostegno,
Misero me! non ha misura.

(6) *O Author na revisão dos Dithyrambos mudou aqui dous versos: e lendo-se no impresso:*

Já de alegres espritos huma tropa
Pelas veias fervendo me galopa.

escreveo na revisão como vai emendado.

(7) Qués, he syncopado de queres. Semelhantemente diz Camões na Ecloga 3.

E se qués ver se ardentes são seus tiros.

(8) Esta especie de versos só differe dos mais endecasyllabos, em levar os accentos na quarta, setima, e decima. Delle se vem muitos exemplos em Camões, Ferreira, &c. mas o seu proprio lugar he nos Dithyram-

bos, por terem huma armonia alegre, e estrepitosa.

(9) Verso de doze syllabas. Este verso he dos mais antigos de que usárão os Portuguezes, se he certa a invenção do Poema da Perda de Hespanha, achado no Castello da Louzã em tempo de ElRei D. Affonso Henriques: não ha duvida porem que no Cancioneiro de Resende ha muitas poesias compostas neste metro.

(10) Verso chamado Choriambico, que leva os accentos na quarta e setima, acabando com esdruxulo, fazendo cesura na sexta syllaba: delle são os seguintes exemplos tirados do Reddi no seu *Baccho em Toscana*, e Campelli na sua Tragedia *La Gerusalemme cattiva*.

O come l' ugula bacciami, e mordimi
O come in lagrime gl'occhi disciogli-
(mi. } Reddi.

Ma qual distruggemi rapida furia
Come spaventami l' Erebo, e seg-
(nami. } Campelli.

DITHYRAMBOS.

IX.

Baccho em Lusitania.

HUma tarde de Maio serena
Quando o sol se banhava nas ondas,
A's ribeiras do Tejo, que corre
As campinas de flores bordando,
N'hum carro de vides toldado,
Por tigres ferozes
A passo tirado,
Entre o som confuso de sistros e vozes
Loução chega o filho de Jove sagrado.
Trazia a seu lado
Das Graças cercada
A formosa Ariadna de estrellas croada.
De tenros Amores aligera turba
Voava ligeira
Por entre a ramada da fresca parreira,
Que o carro toldava.
Dalí fulminava
Mil setas brilhantes, que o ar abrasando
Amores geravão
Por onde passavão:
Amores travessos,
Que logo adejando

As azas soltavão,
E dos dous amantes nas almas entravão.

Caracolando cercavão o coche,
Vlulando, saltando, cantando
As fogo-trementes
E Jaccho-gritantes
Lascivas Bacchantes,
Ou grossas serpentes
Nas mãos apertando,
Ou tyrsos vibrando.
Seguia-se logo
A chusma incomposta
De Faunos galhudos,
Cornipedes Satyros,
Que pegas trazião,
E fallar fazião,
Evohe gritando,
Nebrodes chamando,
Dithyrambo uivando.
Huns tocavão soantes adufes,
Outros saltando batião nos ares
Crotalos, cymbalos, tympanos, sistros.
Nem falta Silvano,
Que ás costas trazia
Com grandes raizes
Hum grande pinheiro.
O Deos dos pastores
De amoras pintado, e vestido de flores
Nas mãos conduzia a sagrada ciranda.

Tu tambem, de Lampsaco
Nume impudente,
Companheiro fiel do brincão Baccho,
Alí presente
A longa cana
Ao ar alçavas,
Com que o vento e as aves açoutavas.
Roncava a Frygia, tumida tibia
Por entre os rigidos horridos crotalos.
Canta de Satyros fervida cafila
Em Dithyrambicos turgidos numeros,
E o velho Sileno banhado de mosto,
Picador mesquinho de imbelle jumento,
Levantando a vara, que o burro feria,
Ao coro estrondoso o compasso batia.

Quando subitamente
Alto: bradou o filho de Semele,
E n'hum ponto cessou toda a thymele.
Ao grande acceno
Do burro se desmonta o bom Sileno:
Mas como velho,
E tomado dos vinhos,
Cae ao descer na arèa de focinhos.
Correo a levantallo toda a tropa,
Hũs lhe pegão das mãos, outros da ropa;
E posto em pé com mal seguro passo
Vai a Baccho, que desce, dar o braço.
A quem Ariadna segue tão formosa,
Que na belleza o mesmo sol vencèra,

Se o mesmo sol então não se escondèra.
Logo o Deos biparido se encaminha
A huma gruta que alí está vizinha,
Guarnecida de musgos e videiras,
E em torno rodeada de parreiras:
Onde indigenas Ninfas,
Deixando as claras linfas,
Vem a passar as sestas
Em doces jogos, em alegres festas:
E em quanto pela arèa caminhava,
De Jaccho ao braço a Ninfa se encosta.
E a terra de mil flores (va;
Ao passar lhe alastravão os Amores.

Tanto que na frondosa lapa entrárão,
Sem ceremonia todos se assentárão
Nas verdes almofadas,
Que a destra e subtil mão da Natureza
Sem estudo estofara,
E broslara
De mil lustrosas desvairadas cores,
Que em seu seio ostêtavão lindas flores:
E só em pé ficou a vil caterva
De Faunos petulantes,
E lascivas Bacchantes,
Que retóção saltando sobre a herva.

Então o loução Deos a voz desbrochando
Do fundo do peito,
Com suave aspeito

Desta sorte foi a todos arengando:
Ariadna bellissima,
Esposa carissima,
Doce emprego e idolo
Desta alma ternissima!
E tu oh solicito
Sileno capripede,
Ayo amabilissimo,
De todos meus jubilos
E trabalhos asperos
Socio fiel e intimo!
Vós tambem dos rusticos
Pastores e agricolas
Oh Numes beneficos!
E toda a mais recova
De Faunos e Satyros
E soltas Bassarides,
A mi devotissimos!

Supponho que nenhum de vós ignora
O quanto grato
Não só agora,
Mas já ha muito
Me foi da Lusitana terra o trato,
A pesar de quanto escreve,
E a dizer de mi se atreve
O velhaco de Camões.
Elle foi por certo Poeta,
E das Hespanhas Archipoeta:
Porem foi meu inimigo.

Eu com tudo lh'o perdòo ;
Porque sei q̃ aos grandes Vates
De fingir lhes deo licença
Meu Irmão o louro Apollo.
Eu lh'a dou , eu lh'a concedo ;
Pois assás estou vingado
No desdem com que o tratárão
Os seus mesmos Lusitanos ,
Cujos feitos mais que humanos
Elle cantou ,
E eternizou.
Mas deixando digressões ,
E o velhaco do Camões ,
Lysio meu caro amigo , e companheiro
Do vencido Oriente nos triunfos ,
Aqui firmou guerreiro
O magestoso trono , e lhe deo nome.
Aqui de verdes pampanos croada
A terra brota
Mil cepas , mil bacelos
Com o peso curvados
De saborosos cachos bellos , (los ;
Quaes brancos , quaes roixos , e amarel-
Que á vista se apresentão mais brilhantes
Que os rubins , q̃ os diamantes,
Que os jacinthos , granadas , amethistas ;
E na pia marmorea espremidos
E derretidos ,
Em cheirosa ambrosía se tornão ,
Que em rios suaves entornão ,

Convidando
Seu humor
Com a cor
A bebello,
Rebebello
O estrangeiro e o natural.

Por estas causas pois, e sobre tudo
Porque da florente
Antiga Silveira
A flor mais virente
Hymeneo meu filho,
De Urania gerado,
Com nó apertado,
Lisonjeiro prende
A hum tenro novo ramo florecente
Do robusto Carvalho, que alçando
A's nuves a coma soberba,
Do Luso os pastores abriga
No furor da procella inimiga:
Deixando Nyza, Naxos e o Oriente,
E do Arno famoso
As frescas ribeiras,
Onde á sombra de opimas parreiras,
De mil vinhos
Odorosos,
Saborosos,
Generosos,
Preciosos
O Reddi affamado

Hum banquete me deo bem delicado;
Neste bosque applaudir comvosco intento,
Caros confrades,
Tão ditoso ajuntamento,
Que Hymeneo
Ledo teceo.

Dos tenros Esposos
Gentís e mimosos
Em honra e louvor
Aqui beberemos,
Aqui brindaremos,
Aqui cantaremos,
Aqui bailaremos,
Aqui gorgomilos,
Aqui peito e bofes
Com o grato çumo
De illustres famosas videiras
Ledos regaremos;
Embalsamaremos:
E da solta alegria
Entre os extremos
Nos emborracharemos.
A vós, caros confrades,
Dou toda a liberdade, e só prohibo
Inflexivel, severo
Dos vinhos estrangeiros hoje o uso.

O Tockai deixe-se
Ao robusto Hungaro;

Deixe-se ao Batavo
O licor de Africa,
Que o nome arroga-se
Do cabo celebre,
Que arando de Neptuno os ermos paramos
O Luso intrepido
Ousado descobrio ao mundo attonito:
O Francez lepido
Beba o que espreme-se
De Borgonhezes, Champanhezes pampa-
Succo aromatico. (nos
Do Rheno no fumante branco balsamo
Gostoso enfrasque-se
O Alemão frigido.
Goste o molle Italo
O seu Monterapoli,
E o que de Rei por mi tomou o titolo
Por empenhos que me fez o Reddi inclito,
Montepulchiano grato, illustre e celebre.
O Ibéro tumido
Beba o seu Malaga,
E o Britano ardego
Alague-se,
Encharque-se
Em ponche tepido,
Cerveja rubida;
Que hoje em paz lhe consinto, e em paz lhe
Todos esses licores. (deixo
Nós beberemos, Collegas, somente
Os ricos vinhos, os vinhos famosos,

Que estes campos brotão,
Que alegres esgotão
Francezes, Inglezes,
E até esgotára,
Se acaso os provára,
A pesar do seu Santão,
E de todo o Alcorão,
O seu Opio deixando e o seu Café,
O soberbo barbarrão
Do fanatico Mufti.

Se algum de nós houver tão despejado,
Que se attreva a quebrar o grande edito,
De minhas alegres nocturnas Orgías,
E mais folias
Sem recurso será logo proscrito:
E por maior vergonha condenado
Com infamia e com magoa
A beber somente agoa.
Só para variar de quando em quando
Permittirei beber hum calizinho
Do generoso vinho,
Que no regaço ufano
Nutre a fresca Madeira,
Por ser tambem hum vinho Lusitano.
Eia pois, principie a grande festa:
Fuja, fuja
A tristeza de nós grave e molesta.

Tragão-me d'esse esplendente carmim,

Que de Ceilão brilha mais que o rubim,
Que em cheiro vence o suor odoroso
Da Capreúba,
Inda fechado
Dentro na cuba;
Sangue brilhante de cepa estremada,
Que Maçáo avaro e zeloso
Goarda nas pipas com chave dourada.
Ariadna, bebe
Desta ambrosía.
Oh! que alegria
N'alma recebo,
Quando te bebo,
Grato licor!
Vá á saude
Da nova Esposa,
Que he mais formosa
Que o mesmo Sol.

Vá á saude
Da nova Esposa,
Que he mais formosa
Que o mesmo Sol,
Repete a chusma
Dos convidados:
E em quanto contentes bebião,
Do coro folião a grande tropa,
Que em torno á lauta mesa estava em pé,
Cantava em altas vozes: Evohe.

Este copo brilhante e lavrado
(Ariadna dizia)
Este copo brilhante e dourado
Em que brilha em que fuma escumãdo
O manná, que derramão suaves
Frondentes vides
Em Peramanca :
Este que grato me apaga e me estanca
A ardente sede :
Este sim, que o nectar excede ;
Vá, vá á saude
Do recem Esposo
Gentil e garboso,
Que de aceiro armado
De Marte he traslado,
E delle despido
Parece Cupido.

Vá, vá á saude
Do recem Esposo
Gentil e garboso,
Que de aceiro armado
De Marte he traslado,
E delle despido
Parece Cupido,
Repete a chusma
Dos convidados :
E em quanto contentes bebiáo,
Do coro foliáo a rude tropa,
Que em torno á lauta mesa estava em pé,

Cantava em altas vozes: Evohe.

Então de Lampsaco
O Nume potente
Hum frasco tomando
De vinho odoroso,
Que em seus cãpos produz a Chamusca;
Em quanto a rolha porosa sacava,
Assim aos mais commensaes fallava:
Esta viva desfeita granada
Neste claro cristal engastada
Vai á saude
Da Esposa bella,
Que nova fenix
Viva e reviva
Sempre gentil.

Vai á saude
Da Esposa bella,
Que nova fenix
Viva e reviva
Sempre gentil,
Repete a chusma
Dos convidados,
Que os vasos ledamente despejárão.
E em quanto contentes bebião,
Do coro folião a rude tropa,
Que em torno á lauta mesa estava em pé,
Bradava em altas vozes: Evohe.

Seguio-se logo
O bom Silvano,
Que hum grande jarro
De vinho enchendo
De Carcavellos,
Ao claro Esposo
Assim brindou.
Oh tu nova vergontea florecente
De alto tronco em Heroes sempre fecundo
Ou nas artes da Paz, ou nas que escreve
Com roixo sangue Marte furibundo,
Cuja grão fama vaga pelo mundo:
Este vaso,
Que no bucho
Pronto vaso,
E qual fero robusto Tudesco,
Que bebe e rebebe animoso,
Com elle os bofes
Régo e refresco,
Em honra tua,
E do futuro
Soccessor, que ledo te auguro,
Manso, manso vou entornando.

Em honra tua,
E do futuro
Soccessor, que ledo te auguro,
Manso, manso vou entornando:
Repete a chusma
Dos convidados.

E manso, manso
Os gordos vasos
Todos gró, gró
Forão vasando.
E em quanto contentes bebião,
Do coro folião a rude tropa,
Que em torno á lauta mesa estava em pé,
Bradava em altas vozes: Evohe.

Em pé então
Se levantou
O agreste Pão,
E hum cangirão
Nas mãos tomou,
E assim bradou:
Enchão-me prestes do ardente pyrópo,
Que o Lavradio fecundo destilla,
Este, de que uso,
Rustico copo.
E n'hum ponto
Hum Sileno
Diligente,
A quem toca
De copeiro alí o officio,
Lh'o enche todo até á boca.

Com as mãos ambas
O Semicapro
Alegre o toma,
E antes que beba

Assim fallava:
Este vinho puro e macio,
Oh se caudal manasse d'elle hum rio!
A' saude vá
Da Esposa gentil,
Que conserve o Ceo
Por seculos mil.
Qual rola innocente
Que em densa floresta,
Ou hervoso prado
O parceiro amado
Fiel accompanha,
E sempre a seu lado
Constante se vè,
E leda rolar:
Do Esposo extremoso
Ao lado se veja
Contente extremosa
De amor suspirar
Por seculos mil.

A' saude vá
Da Esposa gentil,
Que conserve o Ceo
Por seculos mil,
Repete a chusma
Dos convidados:
E em quanto contentes bebiáo,
Do coro foliáo a rude tropa,
Que em torno á lauta mesa estava em pé,

Bradava em altas vozes: Evohe.

Neste ponto o bom Sileno
A' bagagem corre.
Das ancas do jumento despendura
A grande infusa,
Pela qual usa
A seu sabor beber quando tem sede
Das doces uvas o licor fumoso,
E as azas tinha do pegar çafadas;
E a tremula voz alçando assim dizia:
Eu não uso beber por acipipe:
Peramanca, Mação e Carcavellos,
Chamusca e Lavradio são bons vinhos,
São gratos, são bellos:
Mas para a gente hum pouco delicada,
E a opiperas mesas costumada.
A minha pituita
Me pede outro molho:
E fallando sem refolho,
Quero vinho cascarrão,
Que se gasta nas tavernas,
Que a cabeça logo logo
Me perturbe e mais as pernas,
Que a lingoa trave-me,
Que o esofago (me;
Rasque-me, morda-me, pique-
Este que se bebe nas selvas
De toscas vinhas campeche estillado
Nas lagariças

E talhas de Elvas.
De teu nome em honra
E da tua prole,
Oh flor graciosa
De fertil Silveira,
Mais fresca e formosa
Que em verde roseira
Pudibunda rosa,
Ledo e pronto todo emborco
C' o suave esposo
De tenros filhinhos
Em torno cercada,
Qual fertil videira
De cachos ornada,
Cada vez mais bella
E mais engraçada,
Desfruta contente
Do doce consorcio
O fructo feliz.
A teus longos annos
Em dourada roca
Benevola Clotho
Lentamente tire
O fio feliz.
Disse, e de hũ sorvo o cantaro despeja
Sem deixar-lhe se quer o turvo pé:
E o rustico coro de Faunos, Bacchantes
Sem cessar gritava, Evohe, Evohe:
E ao som dos ruidosos instrumentos
Em romper proseguia os vagos ventos.

D'esta arte cantavão,
D'esta arte solicitos
Hymeneo chamavão.

CORO.

Desce propicio,
Desce do ceo,
Oh loução filho
Do bom Lyeo.
Vem Hymeneo,
Vem Hymeneo!

Já Febo esconde
O rosto seu,
Suppra seus raios
O facho teu.
Vem Hymeneo,
Vem Hymeneo!

Sacode as teas,
E o roxo veo
Traze ligeiro,
Traze do ceo.
Vem Hymeneo,
Vem Hymeneo!

Delle coberta
O pudor seu
A Esposa vença:
O lume teu

Siga Hymeneo:
Vem Hymeneo!

O nó suave,
Que Amor teceo,
Estreita, aperta
Casto Hymeneo.
Por teu trofeo
Vem Hymeneo!

Impaciente
Do vagar teu
Daun te accusa,
Se queixa ao Ceo.
Vem Hymeneo,
Vem Hymeneo!

Ah não demores
O prazer seu,
As esperanças
Que o ceo nos deo
Neste Hymeneo.
Vem Hymeneo!

Mas já sintilla
No claro ceo
A luz brilhante
Do facho teu.
Vem Hymeneo,
Vem Hymeneo!

Inda bem a seu canto estrepitoso
O temulento coro fim não dera,
Quando Bacho sequioso
Por matar a sede ardente
Assim brada impaciente:
Satyrosinho,
Gentil copeiro,
Corre ligeiro,
Corre de trote;
Traze hum pipote.
Mas de que vinho?
Traze d'esse generoso,
Espumoso,
Precioso,
Que mais longe lança a barra,
Q̃ os vinhos gabados de Chipre e de Chio;
Que o vinho affamado,
Vinho de ouro em Syria chamado,
Que Tripoli cria,
E como reliquia de lá nos envia,
Esse vinho chamado da Ponte:
Oh! quem me dera d'elle hũa fonte,
Mais perenne
Do que a fonte da Hippocrene!
Disse, e n'hum pulo
O Satyro lh'o traz hirsuto e fulo.
Então o brincão Deos assim prosegue:

Vinho suave,
Da fonte do prazer registro e chave,

Quando neste rustico copo
Lingoa e padar em ti ensopo,
Quando teu grosso jorro cá no peito;
As guelas lavando, cae e chove,
O nectar não invejo a meu pai Jove.
Tu hes o saudavel
Ouro potavel,
Que a vida alentas,
Que o coração
Refocillas, sustentas,
Vigorisas, confortas:
Do alcaçar dos gostos tu abres as portas.
Tu da tristeza
Veloz affugentas
As lugubres trevas.
Tu as almas suspendes, elevas,
E a ver novos mundos nas azas ardentes
Os astros calcando conduzes e levas.
Se do Menalo o audaz pastor Elpino,
Que só agoa bebendo se arroja
A cantar guerreiros famosos,
De melhor lira assumpto digno,
Em ti sua boca molhára,
Então dignamente
As grandes proezas cantára:
Então eu lhe encommendára,
Que de Thebas no carro montado,
Brilhantes estrellas trilhando,
Pelo mundo fosse cantando
Deste grande Hymeneo o Epithalamio.

Certamente que elle ignora,
Ou assella por mentira
O que já Argiva Lira
Publiçou
E assellou,
Quando disse, que hum vinho famoso
Era aos Poetas ginete brioso.
Mas já que se obstina
Somente em beber
Agoa pura e cristallina,
Com sua agoa se fique o mesquinho;
Pois fiar tão grande empreza
De quem só agoa bebe e não vinho,
He pequice, he sandice, he leveza.
Diz que aos olhos lhe faz mal:
He mentira, não ha tal;
Que eu mais vejo, se mais bebo.
Se he de dia,
Vejo tres e quatro soes:
Se he de noute, pelos ares
Vejo aos centos, aos milhares
Nadar juntas as estrellas,
E outras cousas muito bellas,
Como são
Rebentar d'hum embrião
As idéas de Platão:
De Epicuro enxergo os atomos;
E huns com outros vejo, vejo
De Renato os turbilhões
De continuo aos empurrões;

E outras cousas muito bellas,
Que não vejo, nem percebo
Se não bebo.
Mas já que se obstina
Somente em beber
Agoa pura e cristallina,
Com sua agoa se fique o mesquinho,
Que eu inveja lhe não tenho:
O sublime empenho
De mais alto engenho
Fiarei.
Quem será, eu cá o sei;
Mas agora o não direi;
Porque temo que o povo do Pindo
Agravado,
E picado
Desta minha preferencia,
Solte as redeas á insolencia,
E com satyras mil me caia ao rabo;
Que hum poeta irritado he hum diabo:
Quanto mais hum enxame de poetas,
Ou roucas rãs dos charcos da Hippocrene,
Que grasnando com tumido boato,
Em vez de versos trovas mil entoão,
Que os cegos pelas ruas apregoão.
Mas a culpa tem Apollo;
Pois que atura tanto tolo
Sem que á pressa
A cabeça
Lhe não rache,

Ou escache
Com a lira, ou c'o cajado,
Com que hum tempo desvelado
De Thessalia nos pacigos
Pastorava
Branco gado.
Mas onde me transporta
Contra hum bebedor d'agoa a justa sanha,
Que no peito concebo,
Que esqueço o que por hora mais impor-
Que não bebo (ta,
Este balsamo cheiroso,
Este liquido rubim?

Gentil Esposa,
Ao Esposo unida
Vive gostosa,
Vive feliz:
Qual fertil vide,
Que em mil abraços
C' os verdes braços
Tenaz aperta
O olmo gentil:
Disse: e gorgolejando,
Todo o pipote
Nas aridas entranhas foi vasando.

Gentil Esposa,
Ao Esposo unida
Vive gostosa,

Vive feliz,
Repete a chusma
Dos convidados,
E os cheos vasos
De vinho rasos
Ledos emborcão,
E em tanto dos Faunos e soltas Bacchantes
A tropa festiva, que em giro saltava,
Os verdes thyrsos brandindo espantosa,
Huns apòs dos outros, a boca applicava
Ao jorro que espalha fumando de em torno
D'hum tonel bojudo e cheiroso
O largo torno:
E de quando em quando
Bramindo, ululando
E vociferando,
Evohe gritava:
Evohe!
Evohe!

Sinto girar-me de em torno a cabeça:
A selva se dobra e tresdobra a meus olhos:
Vejo bailar as arêas do Tejo:
E as cerulicrinitas Tagides vejo
Sobre as ondas formarem coréas.
O carro c'os tigres voltèa de em torno:
Cabriola comnosco a floresta:
Que gosto, que prazer, que alegre festa!
Ariadna dizia,
E assim proseguia:

As toscas nebrides
Larguem as Menades:
Os racimiferos
Thyrsos horrificos
Dexem os Satyros:
Teção levissimos
Coréas lepidas
Ao som armonico
Dos rijos crotalos,
Das gaitas turgidas.
Dia tão celebre
Por nós celebre-se
Com baile e canticos;
E os nossos jubilos
Augmente prodigo
O sangue liquido
De cepas inclitas.
Teça-me, teça-me
De vós, Bassarides,
A mais solicita
Verdes lauréolas
De frescos pampanos,
De hera frondifera,
Donde pendão vistosos os corimbos;
Que em sinal de alegria,
Neste de almo prazer solemne dia,
As soltas tranças
Coroar pertendo com ellas.
Serão mais brilhantes,
Que a outra de estrellas,

Que no ceo sintilla
Por dadiva tua,
Thyoneo gentilissimo,
Esposo carissimo.
E tu em tanto,
Pincerna rustico,
D'esse chrysolito
Doce, odorifero,
Que de grata fecunda videira
Colhe e pisa e prepara a Madeira,
Esta copa luzente e sagrada,
D'ouro com rico lavor tauxiada,
Traze-me chea.
Disse, e qual sae fusil da nuve fea,
O Satyro fragueiro lhe obedece.

Então tomando Ariadna o rico vaso,
E a branda voz soltando,
Que sobre as tremulas humidas azas
As soltas Auras suave prendia,
D'esta arte proseguia:
Feliz Esposa,
Que hes mais formosa
Que a roixa Aurora,
Quando nas conchas o pranto, que entorna,
Em netas per'las
Converte e torna:
Ao terno Esposo
Sempre liada
Lysia te veja;

E com inveja
A tenaz hera,
D' alto azinho no tronco enrolada,
Escale em mil pedaços
Pertendendo emular táo doces laços.
Esta que derramou meliflua uva,
De fragantes jacinthos rica chuva,
Porque assim seja,
E Lysia o veja,
Com immenso prazer empino e vaso,
E a grande sede mato em que me abraso.

Porque assim seja,
E Lysia o veja
Este grão vaso
Empino e vaso,
Repete a chusma
Dos convidados;
E alegres todos
As grandes taças
Tocáo e beijáo,
Sorvem, despejáo.
E em tanto a turba
De Evias e Faunos,
Que beberricava,
Caracolava,
Tripudiava,
Ferindo a arèa
C'o solto pé,
Sem cessar brada:

Evohe!
Evohe!

Qual de vós me traz, oh Silenos,
Huma pipa de vinho do Douro
Vermelhaço,
Brilhantaço
Para nella cortir este couro?
Grita então
De Hellesponto o Nume potente.
E hum Fauno lhe apresenta hũ cangirão.
Este vaso
Não he azo,
Replicou,
A matar a sede ardente,
Em que meu peito arder se sente:
Mas se outro mais pronto não ha,
Que remedio? paciencia:
Este vá.

Oh quinta essencia
Dos vinhos todos!
Que noutro tempo bebèrão os Godos,
E agora bebe
A gente Ingleza,
Que tanto se preza
De beber
E entender
Dos bons vinhos a excellencia.
E te dá a preferencia

Sobre os vinhos de Borgonha,
De Bordòs e de Champanha,
Que o Francez vão, orgulhoso
Tanto gaba, e tanto jacta:
Eu te bebo respeitoso
Em honra do novo Carvalho
Que a crescer começa viçoso;
Porque de astro benigno amparado,
E á formosa Silveira accostado,
Novos ramos brotando fecundo,
Com seus pimpolhos encha todo o mundo.

Porque de astro benigno amparado,
E á formosa Silveira accostado,
Novos ramos brotando fecundo,
Com seus pimpolhos encha todo o mundo,
Em honra do novo Carvalho,
Que a crescer começa viçoso,
Eu te bebo respeitoso,
Grato vinho generoso:
Repete a chusma
Dos convidados,
E as grandes taças,
Do Duriense licor todas croadas,
Deixão lavadas:
E em tanto a plebe
Ebri-festiva
Beberricando,
Tripudiando,
Em leves pulos

Ao ar saltava,
Batendo a terra
C' o solto pé;
E ululava, bramia
Triambo, Dithyrambo:
Evohe, Evohe.

Agora me sigo, Silvano dizia:
Agora me sigo, tambem Páo dizia.
E sobre qual delles primeiro faria
D'hum novo prolfaça respeitosa off'renda,
Entre ambos se move estrondosa conten-
Até que Lyeo (da.
Que a grão rixa vio,
Assim decidio.
Em táo fausto dia
Não haja pendencia
Que a paz nos perturbe,
Que o prazer nos turbe:
Brindemos todos
Sem preferencia.
E pois Silvano
Fallou primeiro,
Em brindar seja
Páo derradeiro.
Com tal decisão
Lançou logo mão
De hum borrachão
O Nume campestre.
Oh! vinho suave,

Oh! ambre desfeito,
Que na Vidigueira
Orvalhou generosa videira,
(C' o vinho fallando
Silvano exclamava)
Com o teu lume
O peito inflamma-me,
Da mente affia-me
O subtil gume,
Porque possa
E repossa
Celebrar
E louvar,
Oh Esposos gentís, a gloria vossa!

Dos mimos cercado
Já veo, já vejo
O Esposo extremoso,
Que ardendo em desejo
Procura animoso
A Esposa gentil.
De encantos cercada
Já vejo, já vejo
A Esposa formosa
Que chea de pejo
Esquiva medrosa
O Esposo gentil.
Amor, que os inflammas,
Hymeneo que os guias,
Soprai vossas chamas.

Triunfem Desejos,
E fujão os Pejos,
Amor! Hymeneo!
Ah! não demores
C' o prazer seu
A nova ordem dos grandes soccessores.
Porque assim seja,
E Lysia veja
Comprido o fausto agouro,
Despejo alegre o empantufado couro.

Porque assim seja
E Lysia veja
Comprido o fausto voto
Este puro licor bebo devoto:
Repete a chusma
Dos convidados,
Emborcando cada hum veloz contente
O vaso cheo do licor ardente.

Seguio-se Páo,
Que assim dizia:
Venha hum quartão
De roixo vinho,
Que os vagos ares
Todos perfume,
Que borbulhe, q̃ ferva, que escume.
Ah! traze-me d'essa brilhante triaga,
Barbiponente ligeiro Sileno,
Que da Anadia

Os cheirosos lagares alaga,
Que os tristes cuidados,
Veneno da vida,
Sumerge, dissipa, anniquila, e estraga.
D'esta tiorba
Ao som suave
Da linda Esposa,
Do guapo Esposo,
As ternas graças,
O gesto vivo
Descantarei,
Celebrarei:
Ella he Cyprina,
E elle Gradivo.
Mas porque mais e mais se inflamme a (mente,
D'ambos em honra
Este grão vá....
Este grão vá....
Este grão vaso empunho reverente.

Disse: e de ardente sede e prazer cheio,
D'hum sorvo o levou até ao meio.
Então descançando
E o quartão pousando,
Assim continúa
Na pratica sua:
Gentil Donzella,
Tu hes mais bella
Que a Ninfa ingrata,
Que ainda em longo arbusto cõvertida,

Fera homicida
De amor, de saudades me mata.
Nas tuas faces
Rubras, formosas
Trazes as rosas:
Na boca trazes
Perolas, cravos:
E na garganta,
Que a vista encanta,
Tens os jasmins,
Tens mogarins.
Gentil Esposo,
Quando te vejo,
Quanto te invejo!
Tu tantas flores
Na companhia
De mil Amores,
Tu, venturoso,
Tu colherás.
Ah que ambos sois
De Marte e Venus
Retrato vivo:
Ella he Cyprina,
E tu Gradivo.
Mas porque mais o jubilo se augmente,
Em que meu peito trebordar se sente,
Em honra vossa,
Oh venturosos
Ternos Esposos,
O grão vaso despejo reverente.

Mas porque mais o jubilo se augmente,
Em que meu peito tresbordar se sente,
Em honra vossa,
Oh venturosos
Ternos Esposos,
O grão vaso despejo reverente:
Repete a chusma
Dos convidados,
E as grandes taças
Todas enxugão.
E a plebe que em torno bailava,
Evohe pulando gritava,
Evohe.
Evohe.

O velho Sileno
Que em tanto matreiro
Hum vaso apòs outro
Sorvia e bebia
Sem tregoas lhe dar,
Agora que a solemne vez lhe toca
De beber e brindar,
Antes que falle dando huma risada,
Aos ledos commensaes assim palrava:
Redomas e copos,
Garrafas e frascos,
Infusas, quarrões,
Picheis, borrachões,
Odres e potes
Vasos são para mamotes.

Eu quero hum grande tonel,
Para nelle de vinho fartar-me,
Mergulhar-me, lavar-me, ensopar-me.
Venha d'esse villãozão,
Em que se enfrasca
E se encarrasca
O sordido Gallego nas tavernas:
Que o faz ondear,
Bailar e saltar,
Gritar e cantar:
Pois quando as guélas me lava,
E o padar me pica e trava,
Nos gorgomilos
Tão suaves cocegas sinto,
Que de ri... Que de ri....
Que de riso me sinto estalar.
Em honra vossa, felices Esposos,
Eu todo o sorverei por hum funil:
E por mais não tardar,
Já sofrego o começo a despejar.

A rustica turba
Que cabriolava
Festiva de em torno;
E de quando em quando
A boca applicava
Da pipa ao torno;
Em quanto o tonel
O velho espichava,
Evohe clamava,

Evohe.
Evohe.

Neste ensejo o brincão Deos
Assim brada: Amigos meus,
Aqui ha da Cuba
O liquido alambre;
O grato, o puro ambre,
Que goarda na cuba
Feliz Lamarosa:
Aqui da Anadía
Sintilla o fumante
Elixir fragante,
Que do Mondego nas saudosas fraldas
Gerárão vegetantes esmeraldas,
Em cachos de jacinthos e amethistas.
Temos o vinho
De Fonte Arcada;
E o affamado
De Taboado;
E para mais requintes
Tambem o vinho temos
Da nobre Avintes,
Com outros muitos
Hũ branco, outro vermelho, outro lou-
Que em rios brotão (ro,
As altas margens
Do turvo Douro.
Nem falta o famoso
Rocio gostoso,

Que em Monção orvalhão
Erguidas videiras:
Que na cor flamigera
Excede da purpura
O resplendor nitido,
E no gosto e cheiro
Da divinal odorosa ambrosia
Tem conseguido levar primasia.
A' saude dos novos Esposos
Poderá cada qual gostar,
E beber,
E tostar,
Rebeber,
Retostar
O que mais grato for a seu padar.
Eia pois, amigos, a elles:
Eia amigos, a elles, a elles!
Neste de vinhos diluvio cheiroso,
Nesta corrente de humor precioso
A boca, a lingoa, ás entranhas lavemos,
E até cahir a grão sede matemos:
Que em seu tempo e lugar perder o siso
He, parceiros, prudencia, e he juizo.
Eia pois aos vinhos, amigos!
Sem ceremonia,
E comprimento,
Que nojosa torna a mais leda assembléa.
Sem medida, sem regra
Aos Consortes brindemos.
Fuja a negra,

A voraz melancolia ;
Reine entre nós festival alegria.
Viva a Esposa gentil, o Esposo viva !

Viva a Esposa gentil, o Esposo viva,
Repete a chusma
Dos convidados ;
E em pé alçados,
Alvoraçados,
Alborotados,
Hum gritava, da Cuba me tragão
O alambreado licor refulgente ;
De Monção pelo vinho excellente
Outro pinchando bradava contente ;
Outro cantando com voz sonorosa
Da Lamarosa
Ora pedia
O puro vinho,
Ora o famoso
Lá da Anadia :
E retòçando, bebendo e cantando,
A grande folia
A selva de em torno
Retumbar fazia.

Quando Sileno,
De esgotar acabando
A azeda zurrapa da bojuda pipa,
Os vesgos olhos
Arregalando,

E balançando,
Dos Consortes em louvor assim dizia:

Generoso Daun
Silveira bella,
A quem hoje de Baccho o filho ingēte,
O suspirado gentil doce Hymeneo,
Para gloria e prazer da Lusa gente,
Guiado de propicia e fausta estrella,
Com casto nó benigno ajũta e prēde:
Vivei em santa paz sempre ditosos
Immensos dias, annos numerosos,
Dando de vós os fructos desejados,
Que Thalasio, que os Fados
Ha tanto á Lusitania tem traçados.
Chegue a dourada Idade,
A nova ordem de tēpos: d'alta fama....
Arrebatado
E transportado,
Vejo, sim, vejo (crede-me, oh profanos!)
Descer do seio dos brilhantes astros
Nova immortal Progenie,
Os grandes Soccessores,
Que robustos pisando a grande estrada,
Que trilhárão gloriosos
Os Carvalhos famosos, (zes,
Os Daũs, mais os Silveiras, Sás, Mene-
Hũs rompendo Mahometicos arnezes,
Outros ao som da lira descantando
Seus feitos portentosos,

Outros em fim dictando
Ao mundo novas leis, e á patria cara,
Aos astros lhe realção,
De Fama coroada, a fronte altiva,
Fazem que o Tejo corra mais ufano
Que no Lacio correo hum tempo o Tibre
Feudo a cobrar do indomito Oceano.
Assim o tem o inexcrutavel Fado
Em seus Fastos de sua mão gravado:
Elle, rasgando do futuro a nevoa,
A' minha accesa, extasiada mente
Benevolo m'o faz hoje patente.
Ah ferreo velho alado,
Rei dos annos voraz! vem mais ligeiro!
As negras bate tragadoras penas:
Os novos heroes traze.
Traze.... porem q̃ he isto! o campo treme!
Estou no mar? estou na firme terra?
Ah! sim, no mar estou, e c' os marulhos
Sinto de arrebeçar, sinto os engulhos.
Ai que os pés me resvalão, e c' o peso
Me não rege a cabeça: sinto o caco
Vertiginoso: Bromio, Lysio, Baccho!
Eu tremo, eu me desmaio:
Ah! quem me pega: Bromio! eu caio, eu
Disse: e dos fumos, q̃ subtil exhala (caio!
O vinho trepador, a testa chea,
Sem mexer-se cahio na molle area.

Então a temulenta companhia

Victor! gritou; e dando mil palmadas,
Soltou de riso grandes caquinadas.
Mas logo pouco e pouco
Forão sem excepção todos cahindo,
Do muito vinho e grão sono vencidos;
E a resonar entrárão
Com tão grande ruido,
Que das palreiras rás, nocturnos grillos,
Que a cantar começavão,
Os importunos cantos não soavão. (1)

---

(1) Este Dithyrambo não chegou a publicar-se, nem ainda a dar-se ás Illustrissimas Pessoas, que forão causa d'elle se fazer.

ODES ANACREONTICAS.

Nec, si quid olim lusit Anacreon,
Delevit ætas;

Horat. Libr. IV. *Od.* 8.

NA Collecção primeira *achão-se as Odes* 1. 2. 3. 4. 6. 10. 11. 18. 25. *e* 41: *porem a lição do texto he bastante imperfeita, e carregada de variantes. Mais exacto e aperfeiçoado he o exemplar da* Collecção segunda, *o qual contem as primeiras* 32 *Odes. Este he o mesmo exemplar que o Poeta nos ultimos annos da sua vida havia retocado, e accrescentado com as ultimas* 9 *Odes; o qual nos foi communicado pelo Senhor Marechal de Campo Mathias José Dias Azedo, e nos servio para a presente Edição. He até escusado advertir, que nenhum uso se fez de innumeraveis copias mais ou menos fieis, mas sempre incorrectas, que tem apparecido das Odes Anacreonticas de Diniz, nem tão pouco das que se imprimirão em* 1809 *bastantemente desfiguradas n'huma Collecção de Poesias ineditas. Em quanto ás Variantes, não só ommittimos todas as que se achavão na*

primeira Collecção, *que já o Author havia despresado na segunda e terceira, mas algumas das poucas que elle ahi conservou. O contrario offereceria huma lição summamente empeçada, e desagradavel.*

ODES ANACREONTICAS.

I.

De seguir no alto monte
Fatigado as bravas feras,
Huma fonte,
Que toldavão verdes heras,
E bordava o fresco prado
De junquilhos,
De violas e tomilhos,
A buscar baixo appressado,
Por matar a sede ardente
Em a frigida corrente.

Quando Amor, que repousava
De Nigella no regaço,
Despertava
C' o rumor, que ao passar faço:
Ergue o rosto, e ao ver que eu era,
Quem buscando
Da fontinha o cristal brando,
Sua doce paz lhe altera;
Toma o arco, que deitado
Entre a relva tinha ao lado.

Huma seta, cuja ponta
Era de ouro o mais brilhante,
Nelle aponta.

Voa o raio penetrante,
E veloz me passa o peito.
O Tiranno
A ferida vendo ufano,
Com hum riso contrafeito;
Olha, diz, pastor grosseiro,
Se he Amor destro frecheiro.

E voltando-se a Nigella,
D'esta sorte continua:
Ninfa bella,
A conquista será tua:
A' tua ira, aos teus rigores
Novo emprego
Neste louco hoje te entrego:
Morra em váo por ti de amores,
Soffra e cale o seu agravo,
Pois t'o entrego como escravo.

Ai de mi! que a deshumana
Tomou bem esta doutrina;
Pois tiranna
O meu mal, minha ruina
Só deseja, só pertende.
Improperios,
Crueldades, vituperios
O servilla só me rende;
E de táo injusta sorte
Só livrar-me póde a morte.

ODES ANACREONTICAS.

II.

TUrva a chuva as claras fontes,
Que risonhas murmuravão;
E os ribeiros
Escumando caem dos montes,
As campinas alagando,
Que pouco antes lisonjeiros
De mil flores esmaltravão,
Frescos Zephyros voando.

Brama o Noto, e enfurecido
Grossas nuvens envolvendo,
Em seu seio
Nos esconde o Sol luzido.
Com estranha ligeireza
Rompe a Noute, e o manto feio
Sobre os campos estendendo,
Cobre os peitos de tristeza.

Bella Eralia, em quanto irado
Brama o polo, o Ceo troveja,
Nyctileu,
E de Chipre o Deos vendado,
Seus prazeres derramando
No teu peito e peito meu,
Da sua ira nos proteja;

Torne o tempo alegre e brando.

Entre as taças, que derramão
Hum suave e vivo fogo,
Os Amores
Ardem mais, e mais se inflámão:
Ao enxame dos Desejos,
Dos Desejos brincadores
Livre o campo deixão logo
Brandas Iras, falsos Pejos.

Eia pois não te demores,
Vem, Eralia, entre os meus bra-
Nelles croe (ços:
O Prazer nossos amores.
Reine o gosto e a alegria;
Pois ou vente, ou chova, ou troe,
Entre tão suaves laços
He rosado sempre o dia.

ODES ANACREONTICAS.

III.

DÁ-me o frasco, e dá-me a lira,
Que beber e cantar quero,
Oh bellissima Nigella,
Não de Marte acceso em ira
O estrago horrendo e fero:
Cantarei de Aglaia bella,
  Beberei em seu louvor
  De Thyoneo o bom licor.

Cantarei do gentil rosto
A suave formosura,
Cantarei que a natureza
Liberal nelle tem posto
Lirios, rosas, neve pura
Para idéa da belleza.
  Beberei em seu louvor
  Deste copo o bom licor.

Cantarei de seu cabello
Longo, fino, crespo, e louro,
Que já preso ou solto ao vento,
Faz que seja menos bello,
Menos rico o fino ouro,
Almas prende cento e cento.
  Beberei do bom licor

Outro copo em seu louvor.

De seus olhos triunfadores
Cantarei, que o sol dourado,
Quando as luzes lhes admira,
Os brilhantes resplendores
A esconder corre appressado
Com vergonha, e cheo de ira.
Beberei do bom licor
Outro copo em seu louvor.

Da vermelha linda boca,
Onde as Graças tem morada,
Cantarei, que hum só sorriso
Dos que a vem a alma colloca,
Em prazeres encantada,
N'hum suave paraiso.
Beberei do bom licor
Outro copo em seu louvor.

Da columna cristallina,
Onde tanta formosura
Se sustenta, e se levanta,
Cantarei, que á neve Alpina
Leva a palma na candura.
Oh bellissima garganta!
Beberei do bom licor
Outro copo em teu louvor.

Que direi do gentil seio,

Onde o ninho, Amor, tens feito,
Donde feres, e onde enlaças...
Mas cantar delle receio:
Tu, Amor, do branco peito,
Tu, que as sabes, conta as graças;
Que eu já bebo em seu louvor
D'outro frasco o bom licor.

Do que esconde fina Hollanda,
E por fé humilde adoro,
Eu cantára, se pudéra;
Mas Amor calar me manda,
Pois misterios são que ignoro:
Venturoso se os soubera!
Beberei do bom licor
Todo o frasco em seu louvor.

ODE

IV.

JA' batendo a roixa Aurora
De ouro as redeas sintillantes
Aos cavallos estellantes,
Veloz sae do Ganges fóra;
E guiando o novo dia,
Enche a terra de alegria.

De rubins a fronte ornada,
E o regaço de alvas flores,
Pisa as nuves de mil cores
Das subtís auras cercada;
E de lirios cobre os montes,
E de luz os horizontes.

Tão ditoso, alegre dia,
Branda lira, descantemos;
Doces hymnos lhe cantemos,
Doces hymnos de alegria;
Pois de Aglaia, Aglaia bella
Nasceo nelle a nova estrella.

Já rompendo o leve vento
Coroados de aureas flores
Se derramão os Amores
Pelos ares cento e cento,

Que mil circulos formando
Seu alvergue andão cercando.

De Erycina o filho amado,
Que o lustroso esquadrão guia,
Vibra o arco de armonia
Não de dura seta armado;
E tocando aureo instrumento
D'esta sorte prende o vento.

Bella e fresca em prado ameno
He a rosa nacarada,
De ouro e purpura esmaltada,
Qual estrella em Ceo sereno:
Mas mais frescas, mais formosas
De teu rosto são as rosas.

Bella rompe, e bella brilha
Da borrasca entre os horrores
Com o manto de cem cores
De Thaumante a gentil filha:
Mas mais bella tu serenas
De hum amante peito as penas.

A tormenta embravecida
Ella aplaca alegremente,
Ella traz do sol luzente
A luz clara e apetecida:
Mas tu trazes no semblante
Outro sol, que he mais brilhante.

Deixa pois, Aglaia bella,
Que he já tempo, o leito brando:
Venhão teus olhos raiando,
Qual da Aurora vem a estrella;
Faça o rosto teu formoso
Este dia mais ditoso.

Vem, Aglaia, vem contente,
Com teu rosto peregrino
Alegrar o triste Elpino,
Que te aguarda impaciente;
Que este dia n'aurea lira
A fazer eterno aspira.

V.

JA' no Oriente
D'alva a Estrella
Risonha e bella,
De alegres luzes
Croada a frente,
Na aurea carroça
Vem desfazendo
A sombra grossa,
Que a fea Noute
Triste espalhou.

Do alvo regaço,
Entre esplendores,
Fragantes flores

Lança em chuveiros
O eburneo braço:
E os passarinhos
Com doces cantos
Pelos raminhos
Estão saudando
Seu resplendor.

Neste almo dia
Aglaia bella,
Que avara estrella
D'esta ribeira
Ha tanto havia
Cruel roubado;
C' os olhos bellos
O verde prado,
Floridos montes
Torna a alegrar.

Colhei, Amores,
Mirtos e rosas:
Colhei, formosas
Ninfas do Tejo,
Conchas e flores:
Ricas capellas
Ledas tecendo,
Vinde com ellas
As tranças de ouro,
Vinde, ennastrar.

Eu que vos chamo
Serei o guia :
Assim dizia
Amor voando
De ramo em ramo.
Então ao prado
Veloz descendo ,
Hum delicado
De lindas flores
Ramo teceo.

E a mi voltando ,
Me diz : Elpino ,
Feliz destino
He hoje o teu:
Parte voando ,
A' Ninfa bella
Leva este ramo:
Dize , que a ella
Por ti lh'o envia
O mesmo Amor.

VI.

JA' vem a primavera
Os prados matizando,
De verde murta e de hera
As selvas coroando;
E as aves entre as flores
Renovão docemente os seus amores.

Venus em companhia
De mil Ninfas formosas,
Pela selva sombria (1)
Colhe lirios e rosas,
Com que os longos cabellos
Destramente ennastrando faz mais bellos.

Os Risos, a Alegria,
Os Brincos a accompanhão,
E sobre a fonte fria
Voando as azas banhão;
Que logo sacudindo,
De branco orvalho a Deosa vão cobrindo.

---

(1) Var. Citherea cercada
De mil Ninfas formosas,
Pela selva intrincada

Hum delles ao parceiro
Dentro nas agoas lança,
Que voando ligeiro
Delle a tomar vingança,
Este de astucia cheio,
Da branca Deosa foge ao branco seio.

Mil em torno adejando
Das Ninfas peregrinas,
Sobre ellas vão lançando
Em chuvas as boninas;
E as faces hum lhe toca,
E o mais descomedido a linda boca.

Amor alegre vòa
Em repetidos giros;
Ferido o vento sòa
Dos amorosos tiros;
Ardem em vivas fragoas
O bosque, o ar, as flores, Ninfas, agoas.

Zephyro suspirando
A linda Cloris chama,
Que travessa occultando
Se vai por entre a rama;
Mas ao vello impaciente
Entre seus braços corre velozmente.

Os Faunos namorados
As Melias vão seguindo,

Que contra seus agrados
Brandas iras fingindo,
Se metem de ardilosas
Da selva pelas matas mais frondosas.

A doce liberdade
Do campo affasta ufana
A triste seriedade,
Dos prazeres tiranna;
Que leva em companhia
A pesada e cruel melancolia.

O campo pois, oh Cloe,
Solicitos busquemos;
Antes que o tempo voe,
Do tempo nos gosemos:
Que huma parte da vida
Aos brincos, e aos amores he devida.

Dos alemos frondosos
A' sombra reclinados,
Façamos venturosos
Nossos doces cuidados;
Antes que a idade breve
Nos roube os gostos, e o prazer nos leve.

ODE

VII.

OH Lira das Graças amiga,
De Baccho, de Venus alũna,
Que zombas do tempo e fortuna,
Da ambição e do fausto inimiga,
Que em feliz ocio innocente
Pobre vives, mas contente.

As douradas cordas affina,
Cantemos de Aglauro a belleza;
Aglauro, em quem a Natureza
Ajuntou suave e benina
Graça, alinho e formosura
Aos encantos da doçura.

Em seus negros olhos formárão
Amores travessos morada,
E por sua a boca engraçada
Os Risos, as Graças buscárão:
De Abril nas faces formosas
Lhe florecem vivas rosas.

Seu cabello do evano excede
A fechada cor tão lustrosa:
Nelle faz Amor que gostosa
Huma alma se prenda e se enrede:

Que alí presa e cativa,
Da prisáo vaidosa viva.

A neve dos Alpes gelados
O collo lhe fórma e garganta;
E os peitos, que tem graça tanta,
Sáo da mesma neve formados.
Olhos que vellos merecem,
De mais ver alí se esquecem.

De alabastro ou marfim brunido
Torneou Natura seus braços,
Para serem gostosos laços
De hum mortal de Amor escolhido.
Oxalá que elle quizera
Que esta sorte me coubera!

Se seguindo accorde instrumento,
Sólta a voz suave e sonora,
Como serea encantadora
As almas prende, prende o vento,
Circe táo activo encanto
Nunca teve qual seu canto.

Cantemos pois, candida lira,
A sua immortal formosura,
E da maga voz a doçura
Cantemos pois, candida lira:
Rasgue eterno em teus accentos
O seu nome os leves ventos.

NOTA:

Esta Ode he quasi toda composta de versos enneasyllabos. Delles ha quatro differentes especies. A primeira tem os accentos na terceira, quinta e outava syllaba. Taes são os seguintes versos de Cino de Pistoia:

Che s'accorse, ch' era partita,
Chi mi porse quella ferita.

E taes são os desta Ode:

Seu cabello do evano excede
A fechada cor tão lustrosa.

A segunda especie leva os accentos na terceira, sexta e outava. Taes são os seguintes de Reddi:

Quel rubino ch' e il mio tesoro.
De la terra tapeti vivi.

E taes os desta Ode:

D'alabastro, ou marfim brunido.
Para serem gostosos laços.

A terceira leva os accentos na quarta e outava. Taes são os de Chiabrera:

A duro stral di ria ventura
Misero me! son posto segno.

Taes os desta Ode:

Aglauro, em quem a Natureza.
Como serëa encantadora.
As almas prende, prende o vento,

A quarta e ultima especie leva os accentos

na segunda, quinta e outava. Tal he o seguinte de Loretto Mattei:

> Di perle, di tremulo gelo.

E taes são os da presente Ode:

> Oh Lira, das Graças amiga,
> De Baccho e de Venus alũna.

Este verso enneasyllabo faz boa união com o de outo syllabas, que são os ultimos de cada Estrofe, com a medição certa de levarem o accento na terceira e setima.

ODE

VIII.

Pois que o raivoso
Celeste cáo,
Como hum leão,
Por fauces, olhos
Chamas vibrando,
Vem abrasando
A terra e ceo:

Vem a meus braços,
Licoris bella,
E a fera estrella
Deixa que ladre
Em raiva accesa;
Pois que a defesa
Já pronta está.

Essa nevada,
Grão sorveteira
Abre ligeira,
Abre contente;
Que dentro nella,
Oh Ninfa bella,
Tu a verás.

De roixas ginjas

A doce calda,
Do Sol que escalda
Ella defende.
A fria neve,
Que a cerca, em breve
Toda gelou.

Esta bebida
Suave e pura,
Que na doçura
Excede o nectar;
Que da amethysta
Off'rece á vista
A grata còr;

Só domar póde
Os seus furores:
Bebe, Licóres,
Bebe, e com ella
Gostosa entria
Do ardente dia
O vivo ardor.

Que eu de teu seio
Nos delicados
Pomos nevados
Apagarei
A viva chama,
Em que me infláma
Por ti Amor.

ODE

IX.

JA' a neve a calva fronte
Desempara
Do alto monte,
E a ribeira corre clara,
Que pouco antes enlodada,
Espumosa,
Furiosa,
Fervia,
Corria
Pelo campo arrebatada.

Já a Aurora no Oriente
Raia pura,
E refulgente (1),
Sem que grossa nuve escura
Entre sombras pavorosas
A luz clara
Cubra avara;
E as aves
Suaves
A festejão armoniosas.

(1) *O Poeta quiz talvez elidir o* E *por acabar o verso antecedente em vogal.*

Já cantando, ao pasto usado
Os pastores
O seu gado
Vão levando, que entre as flores
Ora pasce, ora se espalha
Pela selva,
E na relva
Saltando,
Brincando,
As boninas enxovalha.

De fragantes flores finas
A verdura
Das campinas
Se matiza, e na espessura
Altas arvores, que os ventos
Desfolhárão,
Estroncárão,
Brotando,
Lançando
Ramos, folhas vão aos centos.

Torna Abril; e a terra toda
De alegria
Se enche em roda.
Só eu fico em agonia;
Pois sem ver, gentil Neéra,
Teu semblante,
Porque amante
Suspiro,

Deliro,
Nasce em vão a primavera.

X.

Que não sou o vento brando!
Que o cabello
De Licoris encrespando,
Brandamente o rosto bello,
Alvo collo, e as mãos lhe toca,
E o coral da linda boca!

Que não sou a fresca rama!
Que zelosa,
Quando o sól a terra inflãma,
Com a sombra deleitosa,
Que na verde grama estende,
De seus raios a defende!

Que não sou a flor graciosa!
Qu' ella colhe
Na manhã fresca e saudosa
Pelos prados, e a recolhe
Em o seio cristallino,
Onde brinca o Deos menino!

Que não sou a verde relva!
Que ella pisa,
Quando airosa pela selva
Segue as feras, e matiza

De seu sangue as varias flores,
Rodeada dos Amores!

Ou o rio cristallino,
Onde banha
O seu rosto peregrino,
Quando desce da montanha,
No calor da sesta ardente,
A buscar sua corrente!

Feliz rama, aura serena,
Flor graciosa,
Verde relva, fonte amena!
Vós a luz pura e formosa
De seu rosto ficais vendo,
E eu me vou de amor morrendo.

Quando a virdes, por piedade
De meus males,
Lhe contai minha saudade:
Sim, dizei-lhe vós, oh valles,
Que a morrer leva o destino
Deste campo o seu Elpino.

ODE

XI.

Já pelo verde monte
De cachos coroado
Levanta a turva fronte
O outono desejado;
E abranda docemente
O calor da terra ardente (1).

As vinhas resplendecem
Das uvas matizadas,
Que aos olhos off'recem
Mil cores engraçadas;
E os timidos cultores
A Baccho dão louvores.

Hum do tecto affumado
Os cestos despendura,
Outro o ferro embotado
Affia á pedra dura;
Outro os toneis limpando,
Em roda os vai raspando.

Entre as vinhas contente

(1) *Vej. a nota á Ode* IX.

Os cachos decepando,
Ferve a rustica gente:
E em chusmas descantando,
Faz c'o som armonioso
O trabalho gostoso.

Seguindo o lento guia,
Das tinas carregado
C' o peso o carro chia
Dos tardos bois puxado,
Deixando nas estradas
As rodas sinaladas.

Nos cheirosos lagares
Da Celeuma (1) o alarido
Se espalha pelos ares,
Do Eco repetido;
Enchendo de alegria
A rude companhia.

Ali a agreste gente,
Os vasos coroando,
Ao ar pula contente,

(1) Ainda que esta voz se costuma applicar á grita, que os Marinheiros fazem, excitando-se mutuamente com ella ao trabalho; a sua original significação he exprimir a grita alegre dos Vindimadores. Isaias cap. 16. v. 10. Jeremias cap. 48. v. 33.

Os Faunos imitando:
Ali dança Licóres,
Qual a Mái dos Amores.

Na cava e chea pia
As uvas vai ligeiro,
Banhado d' alegria,
Pisando o lagareiro;
E ao bater da agil planta,
De Baccho as glorias canta.

Aqui sorvendo a escuma,
Que fermentando entorna
O licor que já fuma,
Na grande e chea dorna
Tinge hum de negro mosto
O seco adusto rosto:

Ali outro da mão
Pichel faz; e contente
N'hum velho cangirão
Bebe outro o çumo quente;
Outro correndo em torno
A boca applica ao torno.

Os Jogos innocentes
No vinho remolhando
As azas esplendentes,
Aqui andão voando;
A quem seguem ligeiros

Os Risos prazenteiros.

Aqui, Tirse, te chega:
Tristes e váos cuidados
Aos ventos os entrega;
Aos ventos denodados,
Que os levaráo n'hum ponto
Alem do negro Ponto.

Aqui croando a fronte,
Teu brando plectro fira
Do terno Anacreonte
A delicada lira:
Aqui Amor cantemos,
Aqui Baccho exaltemos.

XII.

VEs, Lisio amado,
Como branqueja
Co' a neve o prado!
Ves como alveja
Do calvo monte
A crespa fronte!

Como soprando
O Noto frio
Vai congelando
O claro rio,
E na floresta

As plantas cresta!

Em vão forrado
De martas finas,
Seu bafo irado
Vencer destinas:
Que o sopro agudo
Penetra tudo.

De Baccho ardente
A ignea lança
O inverno algente
He quem amansa,
Quem lhe faz guerra,
Quem o atterra.

Tristes cuidados,
Da vida algozes,
Aos denodados
Ventos ferozes,
Meu Lisio, entrega;
E aqui te chega.

A' branda chama,
Que em secos troncos
Arde e se infláma,
Do Noto os roncos
Escutaremos,
E beberemos.

Vinhos e cidra
Prontos estão ;
Do inverno a hydra
Estroncarão :
Quaes tu quizeres,
Quaes escolheres.

Voão os annos,
E o tempo leve
Cobre de dános
A vida breve,
Que por fim sega
A morte cega.

Passa o prudente,
Que a razão preza,
Vida contente ;
Pois com tristeza
Atormentalla,
He encurtalla.

Ou da riqueza
No molle seio,
Ou da pobreza
No gremio feio,
E da desgraça,
Ella em fim passa.

E igual a Parca
De hum pobre a vida,

E a de hum Monarca
Corta insoffrida:
E ao Rei e ao pobre
A terra cobre.

XIII (1).

A Minha Lira,
Que n'outro tempo
Heroes cantou;
Subitamente,
Aglauro bella,
O som mudou.

De invicto peito
Cantar pertendo
Raro valor:
E a lira terna,
Da mão ferida,
Só canta Amor.

Mudo-lhe as cordas,
Os pontos mudo;
Mas he peor.

---

(1) *Esta Ode he huma excellente imitação da de Anacreonte* ἐις λύραν. *Começa* θελω λέγειν Ατρείδας.

Pois ao tocalla,
Tenaz repete
Amor, amor.

De Marte os louros,
Com que algum dia
Tanto se honrou,
Por tenros mirtos
De Citheréa
Hoje trocou.

Desta mudança
Em ti a causa
Devo suppor:
Pois desde a hora,
Que vi teus olhos,
So vejo amor.

Deixemos pois
Da brava guerra
O fero horror:
E só cantemos
As brandas iras
Do brando Amor.

ODE

XIV.

Pelo campo hum dia
Livre de receio
Aglauro tecia,
Para ornar o seio,
Hum ramo engraçado
Das varias boninas,
Que juncão o prado.

Amor, que entre as flores
Brincando voava
Com os mais Amores,
E pronto espiava
Da Ninfa o intento,
Huma trama lhe urde
Subtil, fraudulento.

Por entre as boninas
Se mete atrevido:
Então escondido,
Entre as flores finas(1),

---

(1) *Seria preciso trocar estes dous versos 3.° e 4.° para a uniformidade da rima; á qual o Author não attendeo em outros lugares, como a pag. 161, 165 167 &c.; no que (ou isto seja negligencia ou liberdade Poetica) teve elle por si alguns dos nossos bons Poetas antigos.*

Por pòr-se em seu peito,
Astuto se torna
N'hum amor perfeito.

Ella, que o engano
Não teme, não sente,
No ramo o tiranno
Prendeo innocente.
E no peito posto,
Amor em beijallo
Se ceva a seu gosto.

XV.

OUtro cante embora ufano
O destroço ou as victorias
Do fanatico Othomano:
Que eu á vista deste frasco,
Deste são, puro elixir,
Nada curo do Visir.

Ou as Aguias generosas,
Ou as Caudas de cavallo
Sejão, ou não victoriosas,
Isso a mim nada me toca.
Só me toca esta ambrosía,
Viva fonte de alegria.

Doce vinho, que no Porto
Doces uvas espremèrão:

Doce vinho, em quem conforto
De prazeres e de graças
Hum tesouro achar espero,
De ti só cantar eu quero.

Se feroz do polo algente
Noto sae alinevoso,
E nos corta cruelmente
Mãos e faces engelhadas,
Tu hes só quem na tormenta
Lhe resiste, e nos aquenta.

Se da Noute tenebrosa
A Tristeza afflicta filha
Nos ataca, e furiosa
Nos abate e attribula,
Tu com tua valentia,
Tu nos tornas a alegria.

Cante pois outro severo
Em tom alto e magestoso
O furor de Marte fero;
Que eu ao som de Achiva lira
Cantarei suavemente
Teu valor ignipotente.

XVI.

AMor, que fugia
De Venus formosa,
Que irada e raivosa
Veloz o seguia,
Contra seu furor
Assustado buscava favor.

Até que encontrando
Com Aglauro bella
Amor, corre a ella
Alento tomando.
Em seus olhos quiz,
Mas em vão, esconder-se o infeliz.

Que a Ninfa, que esquiva
O seu cruel fogo,
De bronze a seu rogo,
D'este asylo o priva:
Os olhos fechou,
E o triste sem protecção deixou.

Amor consternado
Em tanta afflição
Em meu coração
Se mete appressado:

Mas mal nelle entrou,
Hum voraz fogo ali ateou.

Em seu vivo ardor
Me sinto abrasar
Sem remedio achar:
Se Aglauro de Amor
Não tem compaixão,
Que esperar deve o meu coração?

XVII.

HUma pomba, mais que a neve
Branca e bella, rodeava
A aurea lira, que eu tocava;
E cruzando solta e leve
Huma e outra vez o vento,
C'o biquinho do instrumento
Mansa as cordas me feria
Com suavissima armonia (1).

Eu ao vella tão mansinha

---

(1) Huma pomba, mais que a neve
Branca e bella, me saltava
Sobre a lira que tocava.
Hia e vinha solta e leve,
Sem temor rasgando o vento:
E c'o bico do instrumento
Meiga as cordas me feria
Com suavissima armonia.

De huma vez a mão estendo,
E ao fugir veloz a prendo:
D'a gentil branca pombinha
Ter caçado satisfeito,
Dentro a meto no meu peito:
Mas, ai triste! de repente
Se tornou n'huma serpente.

A farpada cauda então
Me ferrou no esquerdo lado,
E d'ali tem derramado
Seu veneno ao coração.
Era, Aglauro, Amor tiranno
Que tramou tão feo engano,
Para que eu ardesse vivo;
Porém tu foste o motivo.

ODE

XVIII.

Essa linda borboleta
De cem cores esmaltada,
Que em mil giros inquieta
Destas rosas namorada,
Ora as cerca, ora bafeja,
Ora as pica, morde, ou beija;

He hum vivo emblema claro
Do que sinto, amado emprego:
Sim, oh Clori, eu t'o declaro;
Borboleta sem socego
He meu terno coração;
Os teus labios rosas são.

ODES ANACREONTICAS.

XIX.

AMor, que ouvir desejava
Das Musas a melodia,
Ao Pindo subir queria;
Mas de subir receava:
Pois ao vellas táo esquivas,
As temia vingativas.

Longo tempo vacillou
Entre o desejo, e o receo:
Em fim de seu valor cheo
Occulto ao monte voou.
Mas rapaz travesso, esperto,
Como estaria encoberto?

Qual relampago brilhou
Por entre a rama virente
De seu facho a luz ardente,
E o monte todo assustou:
As Musas se alboratáraõ,
E para o punir se armáráo:

Toda a floresta intrincada
Com subtil rede cingiráo,
E ardilosas a cobriráo
Com a rama levantada.

Amor, que não tem cautela,
De improviso cahio nella.

A' rede as Musas corrèrão,
E as tenras mãos delicadas
Com cadeas lhe prendèrão
De niveos jasmins formadas:
Rente as azas lhe cortárão,
Arco e setas lhe quebrárão.

Depois de assim espancado,
Sem ouvir suas razões,
O deixão com mil baldões
D'hum rosal ao tronco atado:
Suspirar, bradar ao Ceo,
De nada ao Amor valeo.

As liras então velozes
Tomando cheas de gloria,
A cantar sua victoria
Se dispõem em altas vozes:
Mas em vão, que a seus accentos
Não convem os instrumentos.

Huma e outra vez concertão
As liras de ouro esmaltadas;
Mas co' as notas levantadas
Por esta vez não acertão:
Com as notas, de que usavão
Quando só Heróes cantavão.

Em vez dos sons magestosos,
Que de gloria o peito inflámão,
Huma e outra vez derramão
Huns accentos maviosos,
Que provocão a ternura
Do monte a penha mais dura.

Hum brando ardor de repente
Se espalhou pela montanha:
Hum fervor, huma ancia estranha
Em toda a parte se sente;
Hum confuso sentimento,
Que he prazer, e que he tormento.

De tão raras maravilhas
Attonitas, admiradas,
Por algum tempo assustadas
Ficão da Memoria as filhas,
A que até ali notoria
Só fora a paixão da gloria.

Mas que era Amor o motivo
Destes prodigios no Pindo
Pouco depois reflectindo,
Soltar vão o moço esquivo:
Do monte mandão que deça,
Que ali mais não appareça.

Mas Amor, que nesta empresa
Perdera ditosamente

Com as penas juntamente
A inconstancia e a leveza;
E preso das Musas bellas,
Só feliz se crè com ellas:

Lança-se a seus pés ligeiro,
E com rogos e ternura
Lhe pede, protesta e jura
Ser seu fiel companheiro;
De as seguir sempre contente
A' sua voz obediente.

D'aqui vem que em toda a parte
Amor co' as Musas se mira;
Que elle em seus cantos inspira
Novas graças e nova arte:
Que em vão quer sua armonia
Sem Amor a Hypocrisia.

ODES ANACREONTICAS.

XX.

De meu triste cuidado
Na triste companhia
Passeava o outro dia
Por hum ameno prado:
Quando a meus pensamentos
Interrompem o fio
Huns languidos lamentos,
Que de hum bosque sombrio
Táo sentidos sahiráo,
Que a alma me feriráo.

De compaixáo tocado,
Ao mato espesso corro,
Por ver se algum soccorro
Dar posso ao lastimado.
E pouco andado havia,
Quando vejo hum menino,
Que junto á margem fria
De hum rio cristallino,
As agoas lhe augmentava
C'o pranto que exhalava.

Delle pego piedoso,
E o levanto ao meu collo:
Nelle o beijo, e o consolo,

E seu rosto mimoso
Ao rosto meu ajunto:
Quem he, e o que fazia
Táo cheo de agonia,
E táo só, lhe pergunto,
Naquellas brenhas feras,
Covil de brutas feras.

Amor sou, respondeo,
Amor, a quem desterra
A táo distante terra
O cruel Destino seu.
O meu genio imprudente,
Ligeiro e revoltoso
Entre esta inculta gente
Me conduzio vaidoso.
Triunfar della esperava:
Mas quanto me enganava!

Entre os homens procuro,
Apenas aqui chego,
Protecçáo ou emprego,
Em vão de os servir juro
Em tudo obediente,
Que em nenhum acho abrigo.
De meu braço potente
A força então lhe digo,
Que a Amor tudo obedece;
Mas nenhum me conhece.

Em fim desenganado
De achar nelles soccorro,
Entre as mulheres corro
Por achar gasalhado;
Pois por experiencia
Achei que a Natureza
De ternura e clemencia
Dotou sempre a belleza.
Mas nesta estranha terra,
Quem assim pensar, erra.

Ellas que assim me viáo
Táo nú e táo despido,
Que excellente vestido!
Por mófa me diziáo.
Da apparencia, que encobre
A muitos, enganadas
Julgaváo-me por pobre,
E contra o pobre iradas,
Fóra pobre, clamaváo,
E as portas me fecharáo.

Vendo-me sem piedade
De todos espancado,
Corrido e envergonhado
Fujo a cruel cidade.
Minha triste ventura
Choro aqui escondido;
De minha vá loucura,
Mas tarde, arrependido:

Eis porque tão sozinho
Me vès, e me amesquinho.

De tanto desemparo
Eu então condoido,
Lhe off'reço enternecido
Em meu alvergue amparo.
Amor o açeita grato:
E eu pela mão o trago.
E movido do affago,
Dos mimos com que o trato,
Me jura, oh Lilia impia,
Punir tua tirannia.

XXI.

DA-me, Aglauro, essa pôcheira
D'ouro e flores esmaltada,
Que na China celebrada
Destra mão pintou ligeira.
Da-me o frasco refulgente,
Onde, qual topazio, brilha
Do Brazil pura agoa ardente,
De aureas canas aurea filha.

Não te esqueça o refinado,
Tenro açucar, mais seleto
Que o mel de Hybla que o de Hy-
Dos Poetas tão gabado: (metto,
Nem tambem a fructa bella,

Agra sim, mas doce e grata,
Que de timida donzella
Os gentís peitos retrata.

Traze agoa, e quente seja:
E se o inverno desabrido,
De crueis tufões seguido,
Solto ronca, e se esbraveja,
O bom ponche aqui façamos;
O bom ponche, que despresa,
Quando Noto estala os ramos,
De seus bafos a crueza.

Em brilhantes, limpas taças
Aqui ambos o bebamos,
E do inverno escarneçamos
O furor e as ameaças.
Coroados de hera e flores,
Tu de Amor doces empresas;
E eu, deBaccho entre os furores,
Cantarei suas proezas.

ODE

XXII.

JA' do sol o raio ardente,
As campinas abrasando,
As boninas vai crestando,
E as hervinhas juntamente,
De que Flora matizados
Tinha os montes, tinha os prados.

As ribeiras, que engrossadas
Pelas chuvas cristallinas
Alagavão as campinas,
A seus leitos já tornadas,
O furor, com que corrèrão,
Com as agoas já perdèrão.

E os curvados segadores,
Em suor todos banhados,
Vão cortando os trigos grados,
Que esmaltados de mil flores
Pouco havia verdejavão,
E prazer aos olhos davão.

Lilia minha, Lilia bella,
De meus olhos doce encanto,
Em quanto arde o sol, e em quan-
Do celeste cão a estrella, (to

Deste bosque á sombra fria
Passaremos ledo o dia.

Eu de murtas mil capellas
Tecerei, e tu de louro:
Eu as ricas tranças d'ouro
Te ornarei, Lilia, com ellas,
Tu com ellas juntamente
Me ornarás, meu bem, a frente.

Eu tocando a eburnea lira,
Tu soltando a voz sonora,
Quando raia a roixa Aurora,
Quando o dia se retira,
Nosso amor celebraremos,
Nosso amor feliz faremos.

Destramente entrelaçados
O meu nome e o nome teu,
Crecerão ao alto Ceo
Em seus olmos entalhados:
Crecerão nossos amores
Doce exemplo aos amadores.

ODE

XXIII.

Aurea lira, lira amada,
Deixa em paz altos loureiros,
Com que a fama dos Guerreiros
Já croaste desvelada:
Tenros mirtos pede agora
Ao suave Anacreonte,
Com que ornar póssas a fronte
De Neéra encantadora.

Se em brilhante companhia
Ella luz, ella apparece,
Qual o sol quando amanhece,
Enche tudo de alegria:
As mais Ninfas, bem que bellas,
Fazem campó aos seus primores,
Como á rosa as outras flores,
Como á lua as mais estrellas.

Se ella os passos com destreza
Move ao som de aureo instruméto,
Sobre as azas pára o vento
Só por ver-lhe a ligeireza.
Se em accentos mil suaves
Solta a voz ao doce canto,
Emmudecem com espanto

Por ouvilla as ternas aves.

Tem na boca, quando falla,
Tal doçura, tal agrado,
Que o mel de Hybla tão prezado
De suave a não iguala:
As tres Graças, quando a virão,
Por morada a procurárão,
E depois que alí entrárão,
Nunca mais dalí sahirão.

Falle em fim, ou baile, ou cante,
Qual a Deosa de Cithera,
Dos que a vem nos peitos gera
Mil amores n'hum instante.
Eia pois, oh lira de ouro,
Tenros mirtos procuremos,
E com elles lhe ennastremos
O cabello ondado e louro.

ODE

XXIV.

JA' que o Inverno
Do sol que nace
A roixa face
Cobre veloz,
E envolto em nuves
Aquilão rigido
Do polo frigido
Ruge feroz:

Bebamos, Mysis,
Desta amethysta,
Que he grata á vista
E ao paladar.
Deixa que mófe
O vulgo estolido,
Que allivio solido (1)
Nella has de achar.

Depois que em frascos
Foi encerrado (2)

---

(1) Var. Censor estolido,
Que hum prazer solido

(2) Var. Dès que em cristaes
Está lacrado

Já tem passado
Vindimas dés.
Contra os furores
Dos ventos tumidos,
Dos ares humidos
He forte arnez.

Do Luso Baccho
Potente lança
Por terra lança
O triste humor.
Ao varão serio
Jocoso e lepido,
Ao fraco intrepido
Faz seu furor.

No Lavradio
Foi espremido,
Vinho he subido
Dos vinhos flor.
Elle restaura
Forças invalidas,
E ás faces pallidas
Dá viva cor.

Se em viva guerra
Amor cansado
Jaz desmaiado,
Sem forças já:
Para a peleja,

Elle magnanimo
Espr'ito e animo
Pronto lhe dá.

Nelle montado
Gentil Poeta
Do Pindo á meta
Póde voar:
Que hum vinho puro
Mais que o flamigero
Pegaso aligero
Sabe trotar.

Eia bebamos,
Mysis galante,
De tão brilhante
Almo elixir:
E verás logo
O Inverno hispido,
Que ronca rispido,
Veloz fugir.

Inda encerrado
Lá nas redomas,
Olha que aromas
Lançando está.
No cheiro, Mysis,
Vence as riquissimas
Drogas finissimas
De Asia e Sabá.

Ah! bebe, e o dia
Triste e turbado,
Almo e rosado
Verás tornar.
Verás Amor
E as Graças floridas
Das copas roridas
Junto adejar (1).

Ellas dos vòos
Cheas de gosto,
Ninfa, em teu rosto
Repousarão.
E o Deos tiranno
De setas gravido,
Buscará avido
Meu coração.

(1) Var. Amor em torno
Das copas roridas
E as Graças floridas
Verás voar.

ODE

XXV.

De suor todo banhado,
Anelante, espavorido,
De Amathunta entra Cupido
No alcaçar venerado:
E a formosa mãi ao vello,
Corre afflicta a recebello.

Em seu collo o toma anciosa,
Nelle o abraça ternamente;
E de algum grave accidente,
Lhe pergunta, receosa:
„ Meu Amor, meu filho amado,
„ De que vens tão assustado? „

„ A huma pomba, que cortava
„ (Amor diz) ligeira o ar,
„ Para, Venus, te offertar,
„ Lá no bosque a rede armava:
„ Quando a mi da mata espessa
„ Cerval lobo se arremessa.

„ De temor então cortado,
„ Largo a rede sobre a relva;
„ E por entre a basta selva
„ A fugir entro appressado:

,, Mas a fera carniceira
,, Apòs mi corre ligeira.

,, Táo feroz e com tal ancia
,, A cruel me perseguia,
,, Que sem forças já me via:
,, E a não ser breve a distancia,
,, Sem valer-me a ligeireza,
,, De seus dentes fòra presa. ,,

,, Porque as setas não vibraste,
,, Filho meu, para rendella? ,,
,, Não as tinha, Venus bella. ,,
,, Pois ai triste! onde as deixaste? ,,
,, Da gentil Marilia, ao vellos,
,, As deixei nos olhos bellos.

XXVI.

EM seus cabellos
Negras violas
Tem o meu bem;
Nas mãos pequenas
Tem açucenas,
E lirios cem:
Flores táo lindas
Abril não tem.

Em sua boca
Vermelhos cravos

Abrir se vem:
Purpureas rosas
Tem nas formosas
Faces tambem:
    Flores tão lindas
    Abril não tem.

No niveo seio
Oh que de flores
Brotando vem!
Brancos jasmins,
Mil mogarins,
Lirios tambem (1):
    Tão lindas flores
    Abril não tem.

Flores tão frescas
Oh quem colhèra!
Oh Ceos! oh quem!
Mas mil Amores
Tão frescas flores
Em goarda tem (2).
    Quem as colhèra!
    Oh Ceos! oh quem!

(1) Var. Entre os jasmins
Os mogarins
Brotão tambem.
(2) Var. Tão lindas flores
Vigião bem.

ODES ANACREONTICAS.

XXVII.

A Glaia bella,
Unico objecto
Da minha lira,
Do meu affecto:
Eu não cobiço
Metaes brilhantes,
Perolas netas,
Rubins, diamantes
Filhos do sol.

Só ver teu rosto:
E quando o vejo,
Se ceva em vello
O meu desejo.
Se vello brando
A Amor mereço,
Que o rico Midas,
Que Attalo ou Cresso
Mais feliz sou.

Em teu cabello
Ondado e louro
Sintillar vejo
Mil fios de ouro.

Vejo em teus olhos
Vivos, brilhantes,
Quando os contemplo,
Dos diamantes
A luz brilhar.

Perolas alvas
Vejo nos dentes,
Rubins nos labios
Resplendecentes.
Tanta riqueza
Ah! quando a vejo,
De vella pago,
Mais não desejo
Que a possuir.

Põe-me onde a neve
O mar enfrea,
Põe-me onde ferve
C'o sol a arèa.
Esta alma minha
Em toda a parte,
Aglaia bella,
Ha de adorar-te
Sempre fiel.

Se qual promettes
Constante me amas,
Verei contente
O gelo e as chamas.

Alí pulsando
Meu plectro terno,
De Aglaia o nome
No mundo eterno
Ledo farei (1).

XXVIII.

BOrboleta que innocente,
As subtís azas soltando,
Em mil giros vas cercando
D'essa véla a luz ardente,
Que a procuras enganada
De seus raios namorada:

De teus vòos a carreira
Ah! suspende! d'essa sorte
A buscar a propria morte
Oh! não vòes tão ligeira!
Que essa luz, que te namora,
Consumir-te ha de traidora.

O teu fim, tua desgraça
Evitar quero e desejo:

(1) *O verso 7. da primeira Estrofe, e o da terceira faltavão no original, e se supprirão para não ficar a simmetria das Estrofes errada.*

Mas ai louco, que não vejo
Que por mi o mesmo passa!
Que a buscar corro sem tino
Outro, ao teu igual, destino.

Pois de Aglauro, Aglauro bella
A minha alma namorada,
Bate as azas, e encantada
De mi foge, e corre a vella:
Sem olhar que a Ninfa ingrata
Só da minha morte trata.

Alma minha, que encantada
No brilhar dos olhos bellos
Tão veloz corres a vellos,
E me deixas enganada;
Alma minha, toma exemplo
Nesse insecto, que contemplo.

Cerra as azas, que atrevida
D'ella em torno vas batendo,
Se nas luzes, que estás vendo,
Consumir não qués a vida:
Qual a simples borboleta
Em a luz que cerca inquieta.

ODES ANACREONTICAS.

XXIX.

EU vi a Baccho,
Crede oh vindouros!
Baccho potente;
Que em vez de louros,
De verdes parras
Tinha a mitrada,
Galhuda fronte
Toda enramada.

Ao som da lira
Brincão cantava,
E de Silenos
O rodeava
Festiva tropa;
Que na armonia
Toda embebida,
Suspensa o ouvia (1).

Do vinho as graças
Em livre canto
Elle exaltava:

(1) Var. Que attenta ouvia
De seus accentos
A melodia.

E a turba em tanto
De quando em quando
As mãos batia,
E a cada pausa
Bravo! dizia.

Por largo espaço
Com seus accentos
Deteve os rios,
Prendeo os ventos:
Até que pondo
Ao canto fim
Ledo e risonho
Me falla assim:

De Amor à quem
Tanto cantaste,
Ah! dize Elpino,
O que tiraste?
Que tens de Marte
Tambem tirado,
Que em seus alumnos
Tens exalçado?

De Marte deixa
E de Amor a ira:
Toma ligeiro,
Toma esta lira,
Lira que a furia
Dos leões quebranta,

Que amansa os tigres,
E a mi só canta.

Ah canta Elpino!
Que ao beneficio
Teu serei grato,
Farei propicio,
Que as tuas vides
Sempre floreção,
Que opimos cachos
Sobre ellas creção.

Se eu não possuo
Campos, nem vinhas,
Como crer devo
Que vides minhas,
Então lhe torno,
Fertis floreção,
E de almos cachos
Gravidas creção?

Em breve, Elpino,
Elle replica,
De Alceste a mão,
Potente e rica
De largos campos
Far-te-ha senhor:
Desta promessa
Sou fiador.

Então a lira
Tomando ousado,
A ti e a Baccho,
Alceste amado,
Nesta esperança
Canto contente:
Em ti espero;
Que o Deos não mente.

XXX.

A Lisio.

EM meu aluergue
Não ha de prata
Copas que ornou
Destro buril:
Nem de Alemanha
Finos cristaes,
Que esmaltou d'ouro
Pincel subtil.

Não ha do Rheno
O branco çumo,
Que o voraz luxo
Embotelhou:
Nem o que avaro,
Lá de Constança
Nos limpos tanques,
Belga pisou.

Mas ha o vinho,
Que em seus lagares
O Lavradio
Ledo espremeo.
Ha sobre tudo
Para servir-te,
Lisio, o sincero
Animo meu.

Por limpos copos
De vulgar vidro,
Que por vil preço
Collipo dá,
Bebello pódes:
Vem caro Lisio,
Que elle chamando
Por ti está.

A Horacio lendo
E Anacreonte,
O beberemos
Em doce paz.
Vem, e com elle,
Lisio, e comigo
A' bella Aglaia
O brindarás.

ODE

XXXI.

RIcas baixellas
De altos florões
Todas lavradas;
Ou porçolanas
De ouro esmaltadas,
Eu não invejo:
Pouco me satisfaz, pouco desejo.

Modesta mesa,
Sem arte ornada
De sãos guisados,
Sem os estranhos
Vinhos, comprados
Por alto preço,
Somente rogo ao Ceo, só apeteço.

Se estes meus votos
Puros, humildes
Elle comprira,
Do rico Alcippo
Com desdem vira
A lauta mesa;
Onde entre o luxo vão mora a tristeza.

Em torno d'ella

Comtigo, Aglaia,
Em paz sentado,
De Carcavellos
O celebrado
Vinho gostára,
E aos teus olhos gentís ledo brindára.

Amor comigo,
Comtigo as Graças
Os frugaes pratos
Nos tornarião
Inda mais gratos,
Mais saborosos:
Os brindes alternáramos gostosos.

Então de Téos
Ao Vate a lira
Eu pediria,
As tuas graças
Descantaria:
Baccho e os Amores
A tecer me ajudárão teus louvores.

Em paz serena
Alegres horas
Então passára:
A crua Morte
Não receára
Ver escondida
Entre o fausto de esplendida comida.

ODE

XXXII.

Casta rola, que rolando
Nesse freixo aos Ceos subido,
O parceiro teu querido
Tristemente estás chamando,
O innocente teu parceiro,
Que empolgou Açor ligeiro:

Ah! comigo, casta rola,
Essa dor, que te maltrata,
A saudade, que te mata,
Por hum pouco, sim, consola:
Pois os males allivia,
Ter nos males companhia.

O tiranno injusto Fado
Contra nós igual conspira,
Contra nós igual em ira,
Seu furor se tem mostrado:
O parceiro a ti tirou,
E Nerina me roubou.

Do Destino deshumano
Nesse ramo em vão te queixas,
E eu tãbem formo em vão queixas

Do Destino meu tiranno (1):
Ah! que á nossa infausta sorte
Só porá limite a morte.

Mas em tanto tu comigo
A tiranna dor modera;
Que eu tambem a pena fera
Consolar quero comtigo:
Pois os males allivia
Ter nos males companhia.

XXXIII.

LEves Auras, que voando
Entre as flores mansamente,
Sobre a limpida corrente
Deste arroio andais brincando:
  Leves Auras, por piedade
  Mitigai minha saudade.

Susurrando lisonjeiras
Ide os olhos meus cerrando;
Hum tranquillo sono brando
Me trazei, trazei ligeiras.
  Leves Auras, por piedade

(1) Var. Nesse tronco alto e frondoso
Do Destino em vão te queixas,
Eu tambem formo em vão queixas
Contra o Fado rigoroso:

Mitigai minha saudade.

Póde ser que o gentil rosto
De Nerina em sonhos veja :
E se Amor faz que assim seja,
Qual será então meu gosto (1)!
Leves Auras, por piedade
Mitigai minha saudade.

Então sua formosura,
Qual hum tempo já sohia,
Em prazer, em alegria
Tornará minha amargura.
Leves Auras, por piedade
Mitigai minha saudade.

Seu suave rosto lindo
Nesta ausencia ver desejo :
Fartai, Auras, meu desejo,
Seja embora, ou não, durmindo.
Leves Auras, por piedade
Mitigai minha saudade.

Auras leves, se beninas
Annuís ao que vos peço,

(1) *O Poeta escreveo por equivocação :* Qual será minha alegria.

Vosso altar a ornar me off'reço
De fragantes flores finas.
  Leves Auras, por piedade
  Mitigai minha saudade,

XXXIV.

DE mil Ninfas na innocente
E lustrosa companhia
Passeava o outro dia
N'hum vergel fresco e virente,
Onde a arte e a natureza
Competiáo na belleza.

Entre as varias lindas flores
Que viçosas abrolhaváo,
E a verdura marchetaváo
Com as finas vivas cores,
Hum rosal crecendo vinha,
Que mil rosas em si tinha.

Hum botáo entre ellas vejo,
Que na graça os mais vencia:
De o colher a fantasia
Me excitou logo o desejo.
Para pollo no meu peito
Vou cortallo satisfeito.

Mas apenas lhe bulia,
De seu seio molle e brando

Tenro vulto sae voando,
Leve abelha parecia.
E era Amor, que alí pousava,
E em seu caliz repousava.

Das gentís Ninfas voando
Pelo meio foi ligeiro;
Porem logo lisonjeiro
Torna entre ellas revoando.
Mas alí, caso estupendo!
O tiranno foi crecendo (1).

De Marilia nos cabellos
Ora salta velozmente,
Ora vòa mansamente
De Micale aos olhos bellos:
De Nerina as faces toca,
E de Aglauro a linda boca.

De voar em fim cansado
As purpureas azas feicha,
E cahir de Egle se deixa

N ii

(1) Var. Das gentís Ninfas ligeiro
Pelo meio foi fugindo;
Porem logo a ellas rindo
Volve o vòo lisonjeiro.
Mas então, caso estupendo!
Entre as mesmas foi crecendo.

Em o seio delicado:
Onde embebe prestesmente
No arco eburneo a seta ardente.

E o farpão adamantino
A meu peito endireitando,
Foi comigo assim fallando:
Vè agora, triste Elpino,
Que castigo sente enorme
Quem desperta Amor que dorme.

Disse: e a seta despedindo,
Me trespassa o coração.
Ai de mi! que desde então
Abrasar-me estou sentindo.
Crece o mal, e não tem cura;
Pois de mi Egle não cura.

ODE

XXXV.

Suave Avezinha,
Que de Egle formosa
Arrojas ditosa
No pé o grilhão:
Tambem como tu
Eu sou seu cativo;
E como tu vivo
Na sua prisão.

Mas oh quão diff'rentes
Nos fez a ventura!
Egle te procura
Com extremos mil:
E a mi, que a procuro
Rendido e constante,
Esconde arrogante
Seu rosto gentil.

De teu terno canto
De longe chamada,
Vem leda appressada
A ouvir tua voz:
E deste meu peito
Aos ternos gemidos
Lhes cerra os ouvidos,

E foge veloz.

No seio te affaga,
Te dá carinhosa
Mil beijos gostosa,
Mais doces que o mel:
E a mi, que a procuro,
Com baldões me trata:
Offende e maltrata
Esta alma fiel (1).

Ella te agradece
O teu doce canto;
Mas eu de meu pranto
Não hei galardão.
Suave Avezinha,
Pois hes tão ditosa,
Ah! canta gostosa
Na doce prisão.

---

(1) Var. E a mi sempre irado
Me mostra o semblante:
Despresa arrogante
Esta alma fiel.

ODE

XXXVI.

HUm tenro Cupido
Sem tino saltava,
Dos outros perdido,
Por cima das flores:
Qual salta inquieta
Leve borboleta,
Que esmaltão mil cores.

Nerina, que o via,
Da sua belleza
Prender se sentia;
E para prendello
Corria teimosa.
Em fim n'huma rosa
Chegou a colhello (1).

---

(1) Var. Nerina encantada
Da sua belleza,
Correo appressada
No bosque a colhello.
E instando teimosa,
N'huma fresca rosa
Póde em fim prendello.

Menalcas, que a via,
E por experiencia
Amor conhecia;
Ah Ninfa innocente!
Diz, larga essa fera,
Que o monte não gera
Mais crua serpente.

A Ninfa se ria
Do que o bom Menalcas
Prudente dizia:
Pois não receava
Que hum lindo menino
Fosse tão malino
Como elle bradava.

Amor affagando,
Mil mimos lhe faz:
E no seio brando
O mete contente.
Mas ai triste! logo
Toda em vivo fogo
Ardendo se sente.

Amor então quiz
Do seio lançar
Nerina infeliz:
Porem foi em vão,
Que o monstro raivoso
Se afferra teimoso

No seu coração.

Desde este momento
Que a Ninfa arde viva
Em fogo violento.
Porem he bem feito;
Soffra tanto ardor
Quem o fero Amor
Meteo no seu peito.

XXXVII.

PIntor destro e delicado
Em lugar de asp'ras batalhas,
De Guerreiro, que de malhas
Veste o corpo, e denodado
Sopesando a lança forte
Sangue espalha, horror e morte:

Em lugar do torvo Marte,
Que feroz tala a campanha,
E a carroça em sangue banha,
Sem que o seu furor se farte;
E de campos alastrados
De Cavallos e Soldados:

Tu me pinta, Baccho, a fronte
Coroada de aureos cachos,
E mil Satyros borrachos,
Que saltando em verde monte,

Do bom vinho de Bucelas
Regão bofes e guelas.

Pinta as Evias desgrenhadas
Verdes thyrsos volteando,
Que Evohe andão gritando
De furor arrebatadas:
Que em mil saltos e mudanças
Formão soltas livres danças.

Eu no quadro ver não quero
Vivamente debuxado
De Alexandre o braço armado,
O furor de Achilles fero:
Mais que a Marte e seus rigores
De Thyoneo amo os furores.

ODE

XXXVIII.

QUal flor formosa
A quem falece
Do Ceo o humor,
  Que o collo inclina
E se emmurchece
C'o grão calor:

Tal em Cythera
Triste languia
O Deos de amor.
  E o mal crecendo
De dia em dia
Hia a peor.

Nos lindos olhos
Se lhe não via
Já sintillar
  Aquelle brio,
Com que sohia
Hum tempo olhar.

Do arco e das setas,
Com que travesso
Usa brincar,

Já não curava.
Tal era o excesso
De seu pesar.

Os doces Risos,
Terna Alegria
O deixão só.
Tão triste estava,
Que a quem o via
Causava dó.

Venus os olhos
Tornados fontes
De compaixão,
Medicas hervas
Nos altos montes
Buscava em vão.

Que do Menino
Nada allivia
A occulta dor.
Antes crecendo
De dia em dia
Hia a peor.

Então com votos
Mil fervorosos
Se volve aos Ceos.
Mas não aceitão
Os Ceos piedosos

Os votos seus.

Que com mais força
O mal se augmenta
Do terno Amor.
  Então na magoa,
Que a atormenta
Toda furor;

Em vão dos Fados
Seus maldizia,
E seu rigor:
  Que o mal crecendo
De dia em dia
Hia a peor.

Até que ao Templo
Lá da Esperança
Amor levou:
  E apenas entra,
Sem mais tardança
Amor sarou.

Logo a seu rosto
Tornou a viva
Brilhante cor:
  Pois a esperança,
Oh Clori esquiva,
Alenta amor.

Como pois queres
Ver no meu peito
Amor crecer,
  Se o teu em iras
Todo desfeito
O faz morrer?

Da-me esperanças;
E verás logo
Crecer o ardor.
  Porque sem ellas
Se extingue o fogo,
Que atèa amor.

XXXIX.

Imitando ou parafraseando a Ode de Anacreonte Παρὰ τὴν σκιὴν Βάθυλλε.

A' Sombra suave,
Que esta arvore lança,
Armia, te senta,
E hum pouco descança.

Como ella he formosa!
E o Zephyro brando
Os ramos lhe move,
Entre elles brincando!

O rio, que cerca
Sua agoa derrama,
Com seu murmurinho,
Pastora, nos chama.

As tenras hervinhas,
Que em torno florecem,
Oh que molle assento
Cheirosas nos tecem!

Ah! que em tão ameno,
Tão fresco lugar
Amor nos convida
Repouso a tomar.

ODES ANACREONTICAS.

XL.

A huma Rosa.

A Rosa he das flores
A flor e Rainha:
Tu Rosa, serás
Somente a flor minha.

De Rosas seu arco
Amor só adorna:
E Venus com Rosas
Mais bella se torna.

De Rosas se touca
A candida Aurora:
E as nuves de Rosas
Com seus raios cora.

O Zephyro brando
As Rosas festeja:
E entre ellas lascivo
Voando as bafeja.

As Graças, as Musas
As Rosas só amão:

De Rosas as tranças,
E as roupas recamão.

De Rosas croado,
E a Cithara minha,
A ti cantarei,
Das flores Rainha.

A ti cantarei,
Oh bella flor minha:
Pois hes das mais flores
A flor e Rainha.

ODES ANACREONTICAS.

XLI.

Quem vio huma Ninfa bella
Que o coração me roubou,
E com elle de meus olhos
Não sei onde se occultou?
Se os sinaes querem saber,
Os sinaes a dizer vou.

Sobre branca neve Alpina
Seu cabello desce ondado,
Onde tece aos corações
Mil laços o Deos vendado.
Brandos laços, em que Amor
Me tem para sempre atado.

São as negras sobrancelhas
Arcos, d'onde fere Amor
Com mil frechas os que incautos
Contemplão o seu primor.
Oh formosas sobrancelhas,
Arcos triunfaes de Amor!

Traz em seus travessos olhos
Duas brilhantes estrellas.
Quem as vè, em vão procura
Ver no Ceo outras tão bellas.

Não são do sol mais brilhantes
As claras luzes, do que ellas.

Unidos os brancos lirios
Com ás encarnadas rosas
Docemente a vista encantão
Em suas faces formosas.
Oh lirios, quanto sois bellos!
Oh quão frescas sois, ôh rosas!

Os Risos, as gentís Graças
Lhe morão na linda boca:
Quando falla, oh quantos n'alma
Ternos desejos provoca!
Oh mil vezes venturoso,
Se algum dos mortaes á toca!

Se alguem a vio, por piedade
Diga-me em que lugar e onde;
Que a tiranna por matar-me
D'estes meus olhos se esconde:
E por mais e mais que a chamo,
Se me escuta, não responde.

ODES.

Ajuntamos neste lugar as diversas Odes, que encontrámos nas tres Collecções originaes das Poesias de Diniz.

A Ode I. *vem na* primeira e segunda Collecção ; *e naquella acha-se em dous diversos lugares : n'hum d'elles está dividida em Estrofes ou Estancias semelhantes ; e no outro, está escrita em verso rimado, e dividida em Estrofes, Antistrofes e Epodos, pela forma por que se imprime no fim do presente Volume.*

A Ode II. *vem tambem em ambas as ditas Collecções. O verso* 4. *da Estancia* 7. *falta na* primeira.

A III. *acha-se tão somente na* segunda Collecção, *e não era escrita pela letra do Author.*

A IV. *acha-se só na* primeira.

A V. *e* VI. *vem na* Collecção primeira, *e forão depois emendadas e reformadas n'hum moderno Volume original de varias Poesias, que nos communicou o Senhor Marechal de Campo Azedo, e d'onde tirámos para o presente Tomo, alem destas duas Odes e das duas seguintes, o Epithalamio e a Canção.*

Da VII. *vem na* segunda Collecção

as primeiras nove Estancias, que d'antes formavão este breve Poema: depois he que o Author a accrescentou tal como agora se imprime.

A VIII. *he inteiramente nova, e acha-se só no citado Volume original.*

ODES.

I.

A' Immaculada Concèição de Maria Santissima, que recitou no Menalo na Conferencia publica, que a este Misterio celebrou a Arcadia de Lisboa em 8 de Dezembro de 1757.

Ah! longe, longe deste fertil monte,
A's Musas consagrado, indocil vulgo,
Vulgo profano:
A cujo rude espirito não move
O sagrado furor, que nos transporta:
E vós almas sublimes, (sas,
A que infláma hum ardente amor das Mu-
Attenção: que hoje intêto em novo estilo
Tocar a agreste frauta.

Sinto, sinto elevar-se pouco a pouco
O meu humilde engenho: em outra espe-
Mudar me vejo. (cie
Ah! já não sou, não sou o rude Elpino,
Pastor da bella Arcadia: estes os campos
Não são do claro Alfeio.
Onde está Melibeu? onde a cabana
Do goardador Albano? onde Siveno,

Montano, e mais Pastores!

Hum occulto poder da humilde terra
Suavemente me eleva: a minha frauta
Em som mais alto,
Qual armonica trompa, rompe o vento:
Até o ar, que respiro, he mais sereno.
Ah! que entre as densas nuves
Eu vòo, eu vòo; e em circulos velozes
Aguia do Sol ás luzes me remonto,
Batendo as crespas azas.
(pente
Mas que vejo, oh Ceos! que horrida ser-
Naquelle inferior globo se sustenta!
Ai! que de mortes
Entre os seus habitantes semeando
Está o horrivel monstro! huns entre as
Furioso despedaça; (garras
Outros devora, e ainda palpitando
No immundo vêtre encerra; outros enlaça
Nos vinculos, que tece.

Em todo, em todo o globo se derrama
O seu mortal veneno, em toda a parte
Arde o contagio.
Que lastima! não ha quem lhe resista.
Tristes mortaes, não ha quem vos soccor-
Quem de vós se enterneça? (ra,
Mas que brilhante luz, qual a da Aurora
Na fresca madrugada, lá do Oriente

Pouco a pouco apparece!

Oh Ceos! oh nunca vista maravilha!
Huma pura Mulher, toda vestida
Do Sol brilhante,
De nitidas estrellas coroada,
Pisando a branca Lua, he quem espalha
A luz pura e formosa.
Já com seus raios o ar se purifica;
E como com o Sol a densa nevoa,
Se desfaz o contagio.

Oh que formosos passos que vem dando,
Toda de graça chea! á sua vista
O Dragão fero
Da escamosa cabeça as grossas conchas
Horrendamente erriça; os olhos tinge
De negro, immundo sangue:
Das entranhas respira hum vivo fogo,
Que abrasando o contorno, o deixa cheo
De halitos venenosos.

Ai! que contra a bellissima Donzella
(Tremo de horror!) furioso se arremessa!
Para tragalla
Já sobre o meio corpo se levanta;
Com a cauda o ar açouta; e assobiando,
Vibra a farpada lingoa.
Já, já para enredalla, em largos giros
Humas vezes estende, outras enrosca

O corpulento vulto.

Mas em váo, mas em váo, Serpe enganosa,
Aspiras á victoria, em váo te cansas;
Que a Mulher forte,
Qual o guerreiro Exercito ordenado,
Terrivel te resiste. Ah! já lhe cedes,
Já lhe deixas o campo;
Já foges, já te segue, já te alcança,
E na torpe cabeça victoriosa
Te imprime a sacra planta.

Valerosa Mulher, tu só podeste
Triunfar do horrendo móstro: os teus lou-
Mas que sonoras (vores...
Vozes no ar se dilatáo! que vistoso
Admiravel objecto absorto vejo!
De Espiritos celestes,
De açucenas croados e jacinthos,
Hum brilhante esquadráo em torno a cer-
Batendo as azas d'ouro. (ca,

Huns sobre ella derramáo ás máos cheas
Huma nuve de flores outros cantáo
A cordemente
Ao grato som de varios instrumentos
O seu triunfo. Oh bemdita entre as mu-
Exaltada na terra, (lheres,
Qual no Libano o cedro, e junto d'agoa
O platano frondoso; ou qual nos campos

A formosa oliveira.

Entre as filhas d'Adão, qual entre espinhos
O puro e branco lirio, resplendeces
Toda sem mancha!
Tu dos Coros Angelicos hes honra,
Tu do Empireo alegria, e da triunfante
Jerusalem hes gloria.
Vem, oh flor de Jessé, nossa Rainha,
Esposa do Senhor, serás croada
De palmas, de açucenas.

II.

Em louvor da Senhora, que se venera no Cabo de Espichel.

SAntas Intelligencias,
Que ao Leão de Judá, ao Ineffavel
Nas azas luminosas
Firmando estais o trono formidavel;
E em divinas cadencias
Ao grato som das liras portentosas
O acclama o vosso canto
De Sabaoth Senhor, tres vezes Santo:

Vós, que a supplica ardente
Dos Justos offertais no Altar Divino

Do Cordeiro triunfante;
Batendo as azas d'ouro, este meu Hymno,
Rude mas innocente,
Levai, levai ao templo sintillante,
Onde como o Sol brilha
A Virgem, de Deos Mãi, Esposa e Filha.

Purissima Senhora,
Cuja agradavel vista he mais terrivel
A' Serpente enganosa
Que na campanha Exercito invencivel;
Formosa, qual a Aurora
Do Ganges surge na manhã saudosa (2);
Alta e cheirosa, como
A palma de Cadés, o cinamomo:

Do Barbarico monte,
Que hoje o Templo teu faz celebrado
Dos que surcão o Oceano,
E donde o Nome teu sendo invocado,
De graças viva fonte,
Mandas de teu influxo soberano
O raio coruscante,
Qual estrella do mar, ao navegante:

Banhado de alegria,

---

(2) *O Poeta escreveo*: Ao surgir do Ganges &c.

Qual aos tenros filhinhos mãi piedosa,
A nós volve o semblante,
Com que a furia dos ventos pavorosa
Em grata calmaria
Aos naufragos convertas n'hum instante:
E aceita os fieis votos,
Com que invocamos teu favor devotos.

Não te offereceremos
O dourado metal, que o Tejo cria,
Nem o fino diamante,
Que o Sol gera onde nasce e morre o dia,
Que tanto não podemos:
Nem lá da Siria a purpura brilhante;
Ou as gommas, que encerra
Em seus bosques da Arabia a larga terra.

Mas em vez das riquezas,
De que pompa só faz ambição cega,
Prostrados te daremos (chega,
Hum dom, a que outro dom algum não
Hum dom, que tu mais prezas.
A teus pés Virgem pura, te rendemos
As almas abrasadas,
E em teu divino amor purificadas.

Em quanto o Sol brilhante
Dourar a terra, e o horror da noute escura
C'os froxos resplendores
A Lua dissipar formosa e pura;

Com zelo a todo instante
Formará nossa lingoa os teus louvores;
Cantando-te á porfia (1)
Ou traga o Sol comsigo, ou leve o dia.

III.

Para celebrar o Nascimento do Senhor.

ENxugai, enxugai o triste pranto,
Que sobre as denegridas,
Sordidas faces em perennes rios
Vos cae ha tanto tempo,
Oh da santa Sião ditosas Filhas!
A pesada cadea,
Que em vinculo tenaz vos cinge os collos,
Em pequenos pedaços
Rompei, despedaçai, lançai por terra.
A antiga formosura
Torne a resplendecer nos vossos rostos.
Já a devoradora
Espada do Senhor, de sangue farta,
Na bainha descança.
Já os dias de paz, paz de justiça
São, oh mortaes, chegados.

---

(1) *O Poeta escreveo*: Cantar-te-hemos á porfia.

Eu a vejo descer com rosto ledo
N'huma dourada nuvem.
A singella Amizade, a sá Justiça
Lhe fazem companhia.
De brilhantes estrellas recamadas
Traz as candidas roupas:
Oliveira immortal lhe tece á fronte
Magestoso diadema:
Na dextra mão em tremulos reflexos
Serena luz lhe brilha:
Vem com ella abrasando as duras armas
Do carrancudo Marte.
Espadas, capacetes, piques, lanças,
Arcos, flechas, escudos
Tudo a cinza reduz, tudo devora
A radiante chama.
Quem, desejada Paz, quem entre os ho-
Entre os barbaros homens, (mens,
Guia teus passos, e a deixar te obriga
Do firmamento os tronos?
Oh pastores da Arcadia, quereis vello?
Voltai, voltai os olhos,
O seio contemplai d'aquella lapa.
Esse bello Menino,
Que alí vedes chorar, do tempo exposto
A' frigida inclemencia,
He de tanta ventura o author supremo.
Elle para nós nasce:
E d'hum ardente amor todo abrasado
(Amor, a quanto obrigas!)

Já sobre os tenros hombros toma o peso
De seu immenso imperio.
Este he, este he, pastores, o Admiravel,
O Forte, o Conselheiro,
O Principe da Paz, Deos poderoso.
Mas como o Rei da gloria,
O Deos de Abrão, de Isac, do mundo to-
Que sobre as sonorosas (do,
Azas dos Querubins o solio erige;
A cujo santo aspecto
Nos seus eixos se abala a immovel terra,
E qual a branda cera
Da crepitante chama ao moto exposta,
Derretidos os montes,
Das proprias eminencias se despenhão;
D'hum vil, tosco presepio
Pelo pobre agasalho os tronos deixa
Do luminoso impetio (1)!
Sagrados cumes do Sinai ditoso,
Fallai; dizei se he este
Do grande Jehová o filho amado,
Filho de complacencia:
Do grande Jehová, cuja terrivel
Tremenda magestade
Nas vossas eminencias contemplastes,
Quando de denso fumo

---

(1) *Talvez escrevesse o Author* empyrio, *ou* impirio.

E coruscantes chamas rodeado,
Entre o horrido estampido
De raios, de trovões e de bozinas,
O Decalogo santo,
Ante o povo de Israel de horror tremendo,
A Moyses promulgava.
Sim, sim, elle mesmo he. As soberanas,
Sacras Intelligencias,
Que do manso Cordeiro ao trono assistem,
Com incessantes vozes,
Ao doce som das armoniosas liras
A' terra o estáo dizendo:
De Sabaoth Senhor tres vezes santo
Continuamente o acclamáo.
Ventos do Septentriáo, asperos ventos,
Vós que ao rapido moto
Das negras azas sacudís furiosos
Pelos ingremes montes
O crespo caramelo, ah! por piedade
Detende as vossas iras:
Furiosos náo corteis do tenro Infante
Os delicados membros.
Prostremo-nos, pastores, sobre a terra,
Prostremo-nos ante elle,
Nós que somos do seu sab'roso pasto
As mimosas ovelhas.
O Senhor que nos fez, que nos sustenta,
Humildes adoremos.
Mas que nova mudança resplendece
Em a face da terra!

Mordendo furiosa os torpes beiços
Foge a barbara Guerra,
E entre as sombras do Tartaro mergulha
A horrenda catadura.
De pesadas cadeas carregado
O duro Cativeiro,
A macilenta Morte, a voraz Peste,
A despida Pobreza,
E a do mal persuasora negra Fome,
Lhe fazem companhia.
Brotão os desertos mil cheirosas flores (1);
E chea de alegria,
Parece que a pesar do enorme peso,
A Terra está saltando.
O espantoso rumor o mar serena,
E a vasta superficie
De brilhantes escumas adornando (2),
Os lassos marinheiros
Está para que o surquem convidando.
Fogem as negras nuvens,
Que a luz do sol avaras encobrião;
E de repente os Ventos

(1) *A Ecthlipse, que he necessaria para ficar certo este verso, não he pouco usada nos nossos bons Poetas antigos, ainda que neste rarissima vez a temos observado. Talvez elle escrevesse:* Brota o deserto &c.

(2) *Talvez o Poeta escrevesse:* adornada

Immoveis sobre as negras azas ficão.
Com benevolo aspecto
Nos desertos do Ceo brilhando roda
Nova formosa estrella.
Oh dia venturoso! eternamente
Cantem os Ceos e Terra
Teu sublime louvor: eternamente
Te exaltem, te engrandeção.

IV.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Sebastião José de Carvalho e Mello, recitada na Arcadia aos 29 d'Outubro de 1757.

QUe sagrado furor, que estranho impulso
Me incita a que deixando a agreste lira,
De mais nobre instrumento as cordas fira
A mão não costumada?

Que sublime varão, Clio sagrada,
Me mandas celebrar? que esprito raro,
A que a guerra, ou a paz fizesse claro,
Digno de eterna fama?

Acaso cantarei do illustre Gama
O sem igual valor, de que animado,
Por hum mar nunca d'antes navegado

O berço vio da Aurora?
(ra (1),
O Galvão, por quem inda o Ganges cho-
Do valor e fortuna claro espelho?
Ou a ti, Luso Marte, alto Botelho (2),
Liberal da grande alma?

Não: outro heróe, q̃ a estes leva a palma,
Cantar me mandas: hum por quem já vejo
Restituir-se ao nosso patrio Tejo
A gloria já passada.

Hum, que na paz angelica e dourada
Desde onde o Sol se esconde no Oceano
Até adonde nasce, o Lusitano
Nome faz respeitado.

O famoso Carvalho celebrado
Lá onde corre o Tamisa orgulhoso,
E onde banha o Danubio caudaloso
A terra em sangue envolto.

O famoso Carvalho, que do solto
Vulgo a furia e licença refreando,
As desmaiadas artes animando
Está com seu exemplo.
(plo,
Mas, Senhor, se as virtudes vos contem-
Como ousarei louvar-vos? com que aléto?
Se ao vosso singular merecimento

O estilo não se ajusta ?

Porem quem poderá d'essa alma augusta
Celebrar dignamente a magestade ?
Quem vossa rectidão ? quem a piedade
Do animo generoso ?

Quem as leis santas ? quem o fervoroso
Zelo, com que apartais da patria terra
A ruina e o terror, que a crua Guerra
Semea noutra parte ?

Por vós do nosso campo foge Marte,
E nelle, em vez da fouce retorcida,
Não brilha na sanguenta mão despida
A espada de aço fino.

Oh Fleury, oh Colbert, oh Mazarino!
E vós outros, a que a grande experiencia
Principes da politica sciencia
Em todo o mundo acclama :

Se quereis ver quem hoje vossa fama
Escurece, vede este heróe preclaro,
Cujo espirito grande, inclito e raro,
Cheo de santo zelo ;

As maximas do torpe Machiavelo
Detestando, e do honesto só guiado,
Em o publico bem todo empregado

Cheo de gloria brilha;

Mas Ceos, que vejo ! que alta maravilha !
Onde estou eu! que maquina arrogante
Sobre as nuvens se eleva ! e que brilhante
Raio de luz derrama !

Ah ! sim, este o templo he da immortal Fa-
E no mais superior trono sentado, (ma :
Carvalho illustre, estás ; e a teu lado
A justissima Astrea.

Não podendo soffrer da nobre idea
A activa luz que sempre está manando,
De ante elle, os olhos cõ as mãos tapando,
Se aparta a Negligencia.

(cia,
Tambem tu, tambem tu, triste Indigen-
Despreso dos que gosão rico estado,
C' o torpe Ocio dos vicios rodeado
Lhe fazes companhia.

E que doce, agradavel melodia,
Em quanto a mais resplendecente croa
Lhe tece o amor da patria, pelo ar soa
Seu nome celebrando !

Viva Sebastião, que a patria ornando
De innocentes costumes, faz eterna
A sua gloria : o sacro coro alterna

E repete o Eco: viva!

Mas que estranho rumor de ouvir me priva
O brando canto, oh Ceos! q̃ velho he este,
De aspecto venerando, mas agreste,
Que a musica confunde
(funde!
C' o rumor, com que da urna a agoa dif-
Sim, sim, este he o Rio, a quem a fama
Pela sua grandeza o Pará chama,
Hoje tão celebrado.

O outro, que de manilhas d'ouro ornado
O baço corpo tem, da ardente Sena
Refresca os campos co' a corrente amena,
Rica do metal louro.

O que turvo corre he o frio Douro,
A quem no mundo faz claro e famoso
O licor suavissimo e precioso,
Que os cuidados desterra (3).

Oh como debruçados sobre a terra
Dos tributarios Rios rodeados
Beijão as santas leis, e alvoraçados
Correm ao Oceano!

Lá lhe dizem que o Reino Lusitano,
Pelo grande Carvalho dirigido,
Torna a empunhar o cetro já perdido

De todo o imperio undoso.

E com quanto alvoroço, com que gozo
Recebe o velho padre a feliz nova!
Tres vezes, mas em váo, erguer-se prova
Ao nome esclarecido:

Porque dos longos annos opprimido,
Tres vezes no espumoso leito cahe;
E entre tanto o festivo coro sahe
Das humidas Deidades.

E que venturas, que prosperidades
Cheo de gloria, cheo de alegria,
Ao cetro Portugues náo annuncia
O coro armonioso!

Oh feliz Portugal, Reino ditoso,
Que tal heróe creaste! ah! por elle vejo
Correr coberto d'ouro o claro Tejo
A dar ao mar tributo.

Já, já nos nossos campos brota o fruto
De seu constante zelo e vigilancia:
E com prodiga máo lança a Abundancia
Os seus grandes tesouros.

Plantas do fresco Tejo, em verdes louros
Todas vos convertei; porque se teçáo
Diademas immortaes, que lhe guarneçáo

A fronte soberana.

E tu, feliz idade, corre ufana,
Corre, corre ao teu fim chea de gloria;
Pois te illustra hum varão, cuja memoria
Te ha de fazer famosa.

Dos seculos passados invejosa
Não estejas; que nem vós d'aurea idade
Claros dias, igual felicidade
He certo que lograstes.

Espiritos felices, vós que ornastes
Os seculos ditosos da innocencia,
Dizei: houve entre vós tanta clemencia,
Tanto horror da cobiça?

Tanto amor da igualdade e da justiça,
Da rectidão, da paz, da singeleza,
Tal modestia, tal fé, tal inteireza,
Igual á que ennobrece
(dece,
Este herói, que entre os outros resplen-
Como entre os mais metaes o fino ouro?
Ah! ser não póde! Seculo vindouro,
Quando os grandes louvores

Delle ouvires, crè, crè que são maiores
As virtudes, de que sempre assistido
Adorado se faz, se faz temido,

Ou severo, ou piedoso.

Oh soberano Heróe! e quão famoso
Vosso nome será na Lusa historia!
Quão cheo de louvores e de gloria
Voareis de boca em boca!

Eia, Espirito illustre, a vós só toca
Despertar do letargo em que jazia
A afflicta Lusitania, e de vós fia
A sua liberdade.

Por vós espera a antiga magestade
Cobrar a patria, e ver feitos pedaços
Os grilhões, que lhe poz aos fortes braços
A propria negligencia.

Acabe, acabe a perspicas prudencia
As felices empresas meditadas:
Célebre entre as Nações mais apartadas
O vosso zelo seja.

Torça-se embora a macilenta Inveja,
Brame raivosa, a boca em negra escuma
Inunde, as proprias mãos morda e cōsuma
C' os dentes venenosos:

(mosos
Em quanto, oh Senhor, sobre os mais fa-
Vos ides elevando, e o nome augusto
Desde a gelada Thule ao Nilo adusto

Espalha a heroica Fama :
(ma ,
Em quanto... mas q̃ he isto ! oh sacra cha-
Onde , onde estás ? que já desafinada
Sinto a voz , rouca a lira , a máo cansada,
E o peito sem alento.

Por mais que temperar a lira intento ,
E a voz affino , que pouco sonoro
Soa o meu canto ! Ninfas do Aonio coro
Alentai meu esprito.
(cito ,
Mas debalde vos chamo , e em váo me in-
Que o canto que a cansada voz entoa ,
Cada vez menos armonioso soa ,
Menos digno de ouvir-se.

Oh Siveno , oh Alcino , oh brando Tirse,
D'este varáo cantai dignos louvores :
Cantai , cantai por mi , sabios Pastores,
Que eu só náo posso tanto.

E em quanto rompe o ar o vosso canto ,
Aqui neste pinheiro levantado ,
Para mi peso inutil , pendurado
Deixo o rouco instrumento.

NOTAS.

(1) Antonio Galvão foi hum dos mais famosos Capitães, que passárão ao Oriente: não só se distinguio pelo seu esforço, conquistando as Malucas, mas pela innocencia e santidade dos seus costumes. Voltando á patria, em premio das acções que por ella tinha obrado, morreo n'hum hospital.

(2) Nuno Alves Botelho, ascendente dos Condes de S. Miguel, e por cujos assignalados serviços se deo este titolo á sua Casa. Sendo Governador na India, destroçou a Lacsamana e Marataja, Generaes do Achem, que com vinte mil homens e dozentas e quarenta velas cercavão a Malaca. Morreo querendo apagar o incendio, que n'huma Náo Holandesa, que valerosamente tinha rendido, se ateára.

(3) Ao grande zelo e amor da patria, ao infatigavel espirito de S. Excellencia se deve a instituição das duas utilissimas Companhias do Grão Pará, e Alto Douro, e a separação, que do Governo e terras adjacentes a Moçambique se fez do de Estado da India para augmento e melhor administração das mesmas.

ODES.

V.

Alcaica.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Manoel Bernardo de Mello de Castro, então Marechal de Campo e Governador da praça d'Elvas; depois Tenente General, Conselheiro de Guerra, Governador das Armas da Provincia d'Alemtejo, conservando o Governo da mesma Praça, General de Infantaria, Visconde da Lourinhá &c.

SE pulso a Cithara de Alceo armonica,
O plectro altisono não rende prodigo
A' virtude falsa tributo:
Solida gloria he só quem o move.

Tu Castro celebre, dás a seus numeros
Assumpto esplendido: o profundo pelago
Surca ufana de teus louvores,
Sem as Syrtes temer da lisonja.

A longa serie de Avós clarissimos,
A rica copia de metal fulgido

Da fortuna são ricos mimos;
Mas não faz os heróes a fortuna.

Tu novo, intrepido, caminho incognito
A' fama postuma mostras sollicito,
Da gloria seguindo a vereda,
Que vulgares espritos não trilhão.

O zelo eximio, o valor inclito,
Que ornão teu animo, são sós os titolos(1),
Que brilhante croa te formão,
Que da Fama te levão ao templo.

Campos da America, campos que prodigo
Com larga copia de cristaes liquidos
De preciosos fructos fecunda
O Monarca dos rios famoso:

Em vozes públicas seu panegirico
Tecendo candidos de immortal credito,
Meu hymno, que vòa ao futuro
Sintillando, cobrís entre as gentes (2).

---

(1) *No Original de Coimbra lè-se assim este verso: o Poeta quando corrigio a Ode, escreveo por engano:* são só titolos.

(2) *Assim no Original de Coimbra: o Poeta escreveo depois:*

De meu hymno, que vòa ao futuro,
Os accentos cobris entre as gentes.

Vós a policia, que crece prospera,
Vós a abundancia, que lograis placidos;
Que obras são de seu puro zelo,
Sem cessar publicais pela terra (1).

O povo idolatra, que habita misero
Seus bosques asperos, o culto barbaro
Sem temor deixando, o publica
Da liberdade no amavel seio.

Mas a nobre emula de vossos jubilos
Elvas belligera, já grata cinge-lhe
De louros eternos a fronte,
Louros, que brota o campo de Marte.

Novos espiritos recebe impavida
Com seus auspicios: alça ao Zodiaco,
Insultando Iberia soberba,
A cabeça de torres croada.

Bellona attonita no Heróe magnanimo
A nobre pratica dos Villes inclitos,
Dos Freitags o engenho sublime
Vè sintillar com raios mais vivos.

Cega obediencia aos preceitos Tacticos,

---

(1) *Assim no Original de Coimbra: a ultima lição he:*
Publicando estais mudamente.

Do ocio aos prestigios rancor indomito,
Sáo as leis, que dicta severo,
Que respeitar faz com seu exemplo.

Mas quem lauréola a teus grandes meritos
A tecer alça-se, Castro magnifico (1),
Novo nome dará ás ondas,
Nellas largando as plumas soberbas.

VI.

A Pedro Antonio Joaquim Correa Garçáo, chamado na Arcadia Coridáo Erimanteo. Em 1757.

BAtendo as negras azas, o regelo
Sacode o fero Boreas pelos montes,
C'o duro caramelo
Geláo-se as fontes.

Despidos da viçosa e verde rama
Das arvores se vem os grossos troncos,
Nas rochas o mar brama
Com feios roncos.

---

(1) *Este verso em ambas as Collecções lê-se de est'outro modo:*
A tecer arroja-se, Castro magnifico,

Sae d'espantosas trevas rodeada
Do Bosphoro Cimmerio a Noute escura:
Cynthia esconde assustada
Sua luz pura.

Cobrem-se os Ceos de negros nevoeiros,
Horrorosos trovões a terra atroão,
Carregados chuveiros
Nos ares soão.

Para os curraes do campo foge o gado;
E dos bois, que descanção da lavoura,
Não trilha o curvo arado
A cerviz loura.

Nos fatos ao redor do sacro lume
Os pelicos enxugão os Pastores,
Cantando por costume
Os seus amores.

No socegado porto descançando
O navegante está, e impaciente espera
Que sopre o vento brando
Da primavera.

Ah Coridão! em quanto o Inverno frio
Cresta co' as duras mãos plantas e flores;
Fogem do campo e rio
Graças, Amores:

Com o cheiroso ponche em doce guerra
Quebremos o furor dos rijos ventos,
Que as folhas sobre a terra
Espalha aos centos.

Já na limpa poncheira o licor louro
Fervendo brilha: ledo a taça toma,
E com o liquido ouro
Seu rigor doma.

Enche-a, caro Pastor, bebe-a gostoso
Do Menalo em louvor, que eu outra bebo.
Oh Ceos! que immenso gozo
N'alma recebo!

Vè como o valentão, que nos roncava,
Que mil geladas setas despedia,
Que os beiços nos talhava
E as mãos feria;

Ao vellas empunhar, perdido o brio,
Sem ao menos ousar a defender-se,
Corre no polo frio
A recolher-se.

Bebe affouto, Pastor, que ainda chea
Do suave licor outra nos resta:
A' saude de Tresea (1)

---

(1) *Se houver duvida de fazer aqui a pa-*

Bebamos esta.

De Tresea gentil, de meu martyrio
Doce e unico allivio, mais formosa
Que o branco e puro lirio,
Que a roixa rosa.

Longe, longe a voraz malincolia,
De seus torvos espectros rodeada;
Reine em nós a alegria
Táo suspirada (1).

Tu ouves Coridáo, (ou eu m'engano)
De timpanos e sistros o ruido?
Ah náo, náo he engano,
Ouço o sonido.

Eu vejo, sim, os Satyros saltantes
Com o caprino pé ferir a terra;
As lascivas Bacchantes
Cobrir a serra.

Desgrenhado o cabello, e furiosas
Vibráo os verdes thyrsos ululando,

---

lavra saude *de duas syllabas, póde-se substituir a lição da* primeira Collecção:

Bebamos de Tresea
A' saude esta.

(1) Var. Do Riso amada.

Com vozes espantosas
Orgio bramando.

Toma a lira, Pastor, cantemos ambos
Em estilo, que os nossos nunca ouvirão:
Os livres Dithyrambos
Os ares tirão.

VII.

Saphica.

CElebrem outros as vorazes chamas,
Que pelas negras enxofradas fauces
Vomita o Etna; de terror enchendo
Toda a Trinacria.

Ou das montanhas, que fez tão famosas
Pyrene bella, do Tyrinthio amada,
O vasto incendio, que inundou Iberia
De aureas correntes:

Ou dos frondosos apraziveis Tempes
Os frescos bosques, os amenos prados,
Onde as boninas com lascivo vôo
Zephyro pinta.

(nuves
Do grande Olympo, que entre as grossas
A verde fronte magestoso esconde,
Outros publiquem pela redondeza

Dignos louvores.

Outros dos Alpes as immensas neves,
Inda banhadas no soberbo sangue
Da loura gente, que nas fontes bebe
Rhodano e Sena (1).

Outros descantem, Taprobana fertil,
Teu grande cerro, que goarda em seu pico
Sagrada planta de varão insigne;
Inda estampada.

Outros do Herminio, que a cerviz intonsa
Cobre de nevoas, a robusta gente,
Que vio prostradas as Latinas Aguias
Na aspera guerra:

Que eu só desejo, da sonora lira
Ferindo as cordas, do gelado Arcturo
Ao frigido Austro levar o teu nome,
Menalo claro.

Viva contente por fartar a sede
De vás riquezas, rasgando as entranhas
Do celebrado Potosí precioso,
Pallido avaro.

---

(1) *Esta Estancia não se acha no ultimo Original.*

Nas longas horas da calada noute
A triste sala do Ministro austero
O que pertende poderoso cargo
Timido pise.

(bosques,
Que eu entre as sombras de teus densos
Em quanto pulso com eburneo plectro
De Sapho a lira, de seus vãos cuidados
Noto a cegueira.

Na aurea carroça Senhor poderoso
Pise tirado por frisões soberbos
A triste plebe, que de toda a parte
Pavida foge:

Que os vãos cuidados, as azas batendo,
O vão seguindo muito mais velozes
Que o veloz Euro, quando sae furioso
Da horrida gruta (1).

O varão sabio na misera sorte,
Que avara estrella com elle reparte,
Vive contente, despresa constante
Titolos grandes.

A paz serena de sua alma grande

---

(1) Var. Que o veloz Euro, se do Eolio rõpe
Carcere as portas.

Temor violento jamais lhe perturba;
Os brandos sonos não lhe rouba infame
Sordido lucro.

Na Regia mesa por Murrhinos vasos (1)
O roixo çumo da famosa Creta
Beba Damocles, que a pendente espada
Pallido o torna.

Do claro Febo na misera tina
A' luz se aquente Cynico famoso
Do terror da Asia a magnifica pompa
Placido insulta.

A sá fortuna não está no fausto
De hum rico estado, d'hum distincto em- (prego,
Mas na virtude: ditosos só póde
Ella fazer-nos.

---

(1) Estes vasos erão d'huma pedra preciosa chamada murrha, da qual diz Plinio Liv. 27. (al. 37.) cap. 2. que era insigne pela excellencia de seu cheiro, e pela variedade de suas cores; tendo algumas manchas, que segundo a reflexão da luz humas vezes erão purpureas, outras tiravão a cor de leite, e outras formavão huma meia cor entre estas duas. Augusto tomada Alexandria, das alfaias Reaes só reservou para si hum destes copos. Sueton. in August. cap. 71.

ODE

VIII.

Saphica.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo D. Sancho de Faro, Conde de Vimieiro.

Eu não te invejo, Clarissimo Faro,
A rica pompa de teu alto estado;
Nem a grandeza, que partio comtigo
Benefico astro.

Cargos, riquezas, que o povo ignorante
Absorto admira, não cegão meus olhos:
Outra he a meta, que meus passos guia,
Que avido busco (1).

Só a firmeza, e valor te invejo,
Com que fugindo da Corte aos prestigios,
Em util ocio no teu Vimieiro
Vives contente.

---

(1) Var. Cargos, riquezas, do povo ignorãte
Unica meta, não cegão meus olhos:
Outro he o Norte, que no mar que
Sigo constante. (cruzo

Da Natureza contemplando attento
O grão tesouro, que os sabios estimão;
E que despresa, por não conhecello,
Rustica plebe.

Alí apprendes de ajudalla os modos
Em suas obras, com que ella te paga,
Agradecida, de teus largos campos
Rico tributo.

Alí de Breiner os cantos escutas,
E a lira de ouro; lira que invejárão
Saphos, Corinnas; a quem eterniza
Melico canto.

Breiner formosa, que á mente divina
Soltando as azas, veloz se remonta
Por entre as nuves, após si deixando
Rapidas aguias.

Ledo e contente para ti só vives;
Longe da inveja, das intrigas longe,
Da paz gozando, que só gozar póde
Animo puro.

Se a mão do Fado propicio a meus votos
Igual destino comigo partira,
Oh quão contente teu illustre exemplo
Pronto seguira!

Então de hum bosque na sombra fria,
Junto de hum rio de serenas agoas,
Cingida a fronte de floridos mirtos,
Louros virentes:

A Eolia lira sem temor tomando,
Tuas virtudes ufano cantára;
Cantára as graças, que n'alma sintillão
Da inclita Breiner.

E aos Ceos levando tão illustres nomes,
Nomes, que o Tempo, q̃ a palida Inveja
Muda respeita; com elles ornára
Novas estrellas.

EPITHALAMIO.

A's bodas do Preclarissimo Isidro de Almeida de Sousa e Lencastre, Senhor da Casa da Cavallaria, com a Preclarissima Senhora D. Anna Ifigenia de Barros Almeida Moura e Albuquerque, Senhora da Casa de Real, e Morgados de Moreira, e Ribeira de Litem.

Este Epithalamio vem no Original de Coimbra, dividido em Estancias de outo versos, os quaes são rimados dous a dous. Depois o corrigio o Poeta, pela forma por que agora se imprime, no moderno Volume Original, já citado na Advertencia ás Odes, *e n'huma copia avulsa escrita de sua letra, que conservamos em nosso poder: e por esta copia se emendou o verso 6 da penultima Estancia, o qual no volume Original se lia:* Brandindo a lança ardente.

ACcende, oh Hymenéo, a luz formosa
Da tocha nupcial; e de virente
E crespa mangerona coroado,
Sobre o viçoso prado,
Que esmaltão liberaes de mil boninas

Correndo mansamente
Do Lis e Lena as agoas cristallinas,
Dirige o vòo teu:
Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Ah! bate ledamente as aureas azas:
Dous peitos, q̃ de Amor consume o fogo
Com reciproco ardor, com grato auspi-
Vem consolar propicio: (cio
Movão-te as ternas, innocentes magoas,
Ah! mova-te o seu rogo! (1)
Vè q̃ insoffriveis são de Amor as fragoas!
Desce veloz do Ceo:
Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Olha com que impaciencia o terno joven
Os instantes, as horas conta ancioso;
E entre os doces martyrios da esperança
Culpa a tua tardança:
E soffrer não podendo a voraz chama
Que o consume extremoso,
Por ti sem ter descanço brada e chama,
Implora o favor teu:
Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Do Eta já deixa o cume levantado

---

(1) Var. Movão-te seus suspiros, suas ma-
Seu innocente rogo! (goas,

De Venus o planeta rutilante:
E tu, oh doce Nume apetecido,
Do Helicona florido
A sagrada floresta inda não deixas!
Ah! vem do terno amante
A consolar as magoadas queixas,
Filho do bom Thyoneó!
Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

O nupcial anel, que ha tanto aguarda
A linda Esposa alegre e temerosa,
Traze, Nume gentil, traze ligeiro.
Tu ledo e lisonjeiro
De teus mimos com a doce violencia
Da Ninfa vergonhosa
Os sustos vence, vence a resistencia.
Traze o sagrado veo:
Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Mas que subito facho os ares fende,
De immensa luz a terra povoando!
Que gratos, que suavissimos accentos
Ferem os brandos ventos!
He Hymeneo, que brande as sacras teas;
E das nuves calando,
Vem, Colippo, alegrar tuas areas,
Honrar o campo teu.
Já sintilla Hymeneo, desce Hymeneo.

De Amores hum enxame copioso

As coruscantes achas vem guiando:
Huns o dourado laço vem tecendo,
Os outros convertendo
Em liras os brilhantes passadores,
Docemente cantando
Dos Esposos gentis vem os louvores;
Cantão o seu trofeo.
Eis já chega Hymeneo, vem Hymeneo.

Já da cara Mãi arranca do regaço (1)
A bella Ninfa alegre e temerosa
Das Graças, dos Encantos vai cercada;
E leda e envergonhada:
Se Amor a incita, a prende o casto Pejo.
Da Ninfa vergonhosa
Cobre com o teu véo, cobre o desejo,
Que inflâma o peito seu,
Lisonjeiro Hymeneo, doce Hymeneo.

Ao raiar da manhã nunca tão bella
Entre as flores que arreão verde prado
Do cerrado botão rompeo a rosa:
Tão bella, tão graciosa,
De aljofares e perolas toucada,
Nunca do mar salgado
Sahir se vio a linda e delicada

---

(1) Mãi cara, *faria o verso mais corrente.*
(2) *O Poeta escreveo*: Cobre cõ teu véo &c.

Esposa de Peleo.
Vem ditoso Hymeneo, vem Hymeneo.

Do Lena e Lis as Ninfas mais formosas,
Humas dos campos seus flores colhendo,
As máos cheas, mil ditas augurando,
Sobre ella váo lançando:
Outras em giros mil destras e airosas
Leves danças tecendo,
Alegres ora vem, ora invejosas
O puro prazer seu.
Já sintilla Hymeneo, chega Hymeneo.

Eis já chega onde o terno e caro Esposo
A espera dos Desejos rodeado:
Eis já formado o casto, o santo laço,
Volvem ao rico Paço;
Onde os Jogos, os Risos, a Alegria
(O Pejo desterrado)
De mil Mimos na grata companhia,
Coroáo o amor seu.
Triunfo, oh Hymeneo, viva Hymeneo.
(fronte,
Colippo em tanto, aos Ceos alçando a
Oh quantas em seu peito alimentando
Esperanças está! quanta ventura,
Quanta gloria se augura
Desta excelsa uniáo do santo laço,
Que Amor suave e brando
Ordio, e que apertou o casto braço

Do sagrado Hymeneo!
Oh mil vezes feliz, santo Hymeneo!

Do futuro rasgando a densa treva
Na vaga mente já se lhe figura
Do collo da consorte ver pendentes
Os filhos innocentes;
Que crecendo em virtudes e nos annos
Brandindo a lança dura,
De nova fama cubrirão ufanos,
Darão hum novo lustre
De Barros e de Almeida á estirpe illustre.

Já de Marte no campo sanguinoso
Outro Francisco vê, outro Duarte,
Que as inimigas hostes derrocando,
Os campos arrasando,
Irão de incendios, mortes e ruinas:
Que do Orbe em toda a parte
Farão brilhar as Lusitanas Quinas:
Que eterna a sua gloria
Farão nos Fastos da immortal Memoria.

CANÇÃO.

Vem no moderno Volume Original, e entre os Apontamentos tambem originaes do Author, que conservamos em nosso poder, e por onde se corrigirão alguns versos que por descuido estavão incorrectos no referido Volume.

NOs campos, que cortando
Vem o Nabão sereno
C' o liquido cristal suave e brando,
Se alça hum bosque ameno;
Que todo matizando
De lindas flores vai o fresco rio:
Onde as plantas frondosas,
Ou já na primavera, ou já no Estio,
Sempre ledas estão, sempre viçosas.

Do placido remanso
Ao som surdo e sonoro,
De mil pintadas aves sem descanço
Canta o suave coro.
Zephyro leve e manso,
Batendo as frescas azas marchetadas,
Menea lisonjeiro
Mil arbustos, mil flores delicadas,
Que o ar perfumão de fragante cheiro.

De mil Pastoras bellas
He toda povoada
A deliciosa selva; mas entre ellas
Por formosa e engraçada,
Qual sóe entre as estrellas
De Venus distinguir-se a luz graciosa
Na noute escura e fria,
Ou em culto jardim purpurea rosa,
Jonia para meu mal se distinguia.

Pela Ninfa formosa
Os mais destros pastores,
Que habitão na ribeira deleitosa,
Suspiravão de amores.
Na margem arenosa
Huns com outros por ella ora lutavão,
Ora soltando ao vento
As accordadas vozes, celebravão
De Jonia com as graças seu tormento.

A este bosque engraçado
Me trouxe astro malino
Do mal, que alí me aguarda, descuidado:
Tanto póde o Destino!
Dos Pastores guiado
Vi de Jonia infiel o lindo aspeito,
E apenas o vi, logo
Dentro senti no innocente peito
Arder hum vivo, mas suave fogo.

Amor, que ha muito havia,
Que arteiro me esperava,
De seus olhos com doce tirannia
O peito me falsava.
Eu que incauto sentia
Correr-me as veias huma chama inquieta,
Corria apòs a chama;
Qual na brilhante luz a borboleta
Corre aos estragos, e as ruinas ama.

Jonia, que então conhece
De meu mal o motivo,
De meu mal o motivo aumenta e crece(1)
Com hum repudio esquivo:
Novas prisões me tece
Em seu desdem ou falso, ou verdadeiro.
Que ás vezes vingativo
Quer para mais triunfo o Deos frecheiro
Que o repudio de amor seja incentivo.

Quantas lagrimas tristes
As faces descoradas,
Nabanciades, então banhar me vistes!
Que queixas namoradas
Alí me não ouvistes!
Mas podérão meus ais, pòde o meu rogo

---

(1) *O Author escreveo*: O motivo de meu mal &c.

O pranto, que vertia,
Derreter, e tornar em vivo fogo
De seu gelado peito a neve fria.

Neste gostoso enleio
Minha alma embevecida,
Com ledas esperanças sem receio
Gastava a doce vida:
De immenso prazer cheio,
De Jonia na mimosa companhia
Sempre o Sol me encontrava;
Ou quando no Horizonte apparecia,
Ou quando no Oceano se banhava.

E ou fosse verdadeira
A paixão, que mostrava,
Ou que ella a simulasse lisonjeira;
Tão contente arrojava
Minha alma prisioneira
O grilhão, que por outro o não trocára;
Nem hoje o trocaria,
Se astuta ainda agora me enganára
Como então me enganou a Ninfa impia.

Porém Amor tiranno
C' o Tempo conjurado,
Longos dias não quiz que neste engano
Vivesse afortunado:
Elle para meu dáno
A carreira appressou, e trouxe o dia,

Trouxe as funestas horas
De minha doce paz, minha alegria
Inimigas crueis, e roubadoras.

Astrea então chamava
Os Pastores de Luso
Ao certame annual, que celebrava
Por antiga lei e uso
Nas ribeiras, que lava
Do Mondego a corrente cristallina,
Onde na luta ardente
Em premio do combate orna benina
De immortal croa ao lutador a frente.

Eu que á palma aspirava,
Que a Deosa offerecia;
Da Ninfa suspirando me apartava:
E (oh triste, oh cruel dia!)
Em seus olhos deixava,
Em seguro penhor da lealdade,
Da eterna fé jurada,
A minha alma cativa e a liberdade:
Mas em q̃ mãos ficou, Ceos, empenhada!

Que excessos de ternura,
Que extremos de constancia
A perfida não fez, e me não jura!
Quem vira então sua ancia,
E a não julgára pura?
Q̃ trespassos, que accentos magoados,

Amor, lhe não ouvias!
Que juramentos de mil ais troncados!
Mas delles e de mim, cruel, te rias.

Da Ninfa em fim me ausento
Sem tino e suspirando;
E mais do que ao cavallo, ao pensamento
As redeas affrouxando,
Caminhava sem tento.
Em toda a longa e então penosa estrada
A veloz fantasia,
De Amor nas soltas azas transportada,
A Jonia só voava, Jonia via.

Ora no pensamento
Traçava a antiga gloria;
Ora mudando a scena a meu tormento,
Pintava a triste historia
De meu apartamento.
Então de ardente amor arrebatado,
O rosto atrás volvia:
E de dor ao volvello transportado (1),
O cavallo talvez volver queria.

Então da dura ausencia
Provando todo o effeito
Me estalava da dor com a violencia

---

(1) *O Author escreveo* : E da saudade. &c.

O coração no peito:
Morria de impaciencia.
Porem logo as promessas recordando,
Que fez na despedida,
Novo espirito o coração cobrando,
Se animava a sustér a amarga vida.

D'esta arte salteado
De saudosas lembranças,
De hum pensamento mesto e magoado
Entre susto e esperanças
Em outro transportado,
Atravessando fui a larga estrada:
E do fresco Mondego
A' campina suave e dilatada,
Quasi sem o saber, absorto chego.

Alí croada a frente
Do laurel glorioso,
Do claro rio a placida corrente
E o campo deleitoso,
Onde hum tempo contente
A lira já tangi, deixo appressado;
E corro sem demora
A buscar o lugar afortunado,
Onde meu coração minha alma mora.

Chego á floresta amena,
Onde n'hum doce engano
Tão pago vivi já de minha pena.

A Jonia busco ufano:
Mas oh que cruel scena
Alí meus tristes olhos aguardava!
Alí minha esperança,
Quando este golpe menos receava,
Vi morta ás mãos da perfida mudança.

No peito de alegria
O coração pulava,
Ao ver presente o venturoso dia
Que tanto suspirava:
O mais feliz se cria.
A' Ninfa corro, e quando a seu tormento
Minha alma o fim espera;
Acho que dando meu amor ao vento,
A fé, que me jurou, a outro dera.

Neste cruel instante
De mil furias cercado
Me vi morrer, e o coração constante
Em cem partes rasgado.
Sevo Deos inconstante!
Amor! de tanta fé, tanta constancia
He este o premio dino?
Mas oh! que em tão cruel fea inconstancia
Mais parte tem a Mái do que o menino.

Tu só, oh fera humana,
Tu mulher fementida,
Hes a causa cruel da dor tiranna,

Que me consume a vida.
Ah dura tigre Hyrcana!
Assim goardas a fé, que me juraste?
Mas ai Elpino insano!
Quando em seus juramentos confiaste,
Esperavas constante o Oceano.

Canção, as azas abre, bate e vòa.
De Jonia o fingimento
Pelo mundo apregoa
De incautos corações para escarmento.

HYMNOS.

Vem na primeira *e* segunda Collecção.

I.

A S. Donato Martyr, e Advogado contra as trovoadas.

TEçamos, alma,
Ao grão Donato
D' eternas flores
Brilhante palma:
Os seus louvores,
Ou sombra fria
O mundo envolva,
Ou novo dia
De luz o croe,
A lingoa entoe.

A Fé triunfante
Sua alma pura
De luz guarnece,
Quando constante
A Deos se offrece:
E o collo exposto
A' fina espada,
Com ledo rosto,

Que a Morte espanta,
O Senhor canta.

Se horrendo soa
Por cem gargantas
Trovão ardente,
Que os Ceos atroa,
A afflicta gente
Elle soccorre;
E a voraz chama,
Que á terra corre
Da nuve fea,
No ar enfrea.

Entre o Divino
Cheiroso encenso
Em seus altares
Armonico hymno
Povòe os ares:
Louve seu Nome
Todo o creado,
E ao ouvillo dome
A ira violenta
Rija tormenta.

Martyr bemdito,
Que entre os Archanjos,
Virtudes santas,
O nome invito
De Adonai cantas,

Ouve propicio
Os teus devotos:
Teu beneficio,
Se raios chovem,
Teu favor provem.

II.

A S. Simão Estelita.

CEleste Lira, que nas frescas margens
Do Jordão santo aos soberanos Coros
De mil Profetas fecunda inspiraste
Hymnos sonoros:

As maravilhas do grande Estelita
Comigo canta: leve ao firmamento
Os seus louvores nas serenas azas
Placido vento.

De grossas nuvens carregado o dia
Fea borrasca pelos ares brama;
E em flechas solta, dos Ceos se despenha
Horrida chama.

Treme nos quicios assustada a terra:
A Syria gente do terror cercada,
A Simão corre, e pelo seu auxilio
Misera brada.

O Varáo santo, que seu clamor ouve,
Por elle orando logo em sacrificio
Se offrece ao Eterno, e o Eterno seus vo-
Croa propicio. (tos

Candida chama, sintilantes sulcos
Nos Ceos abrindo, de Simáo envolve
O santo corpo; e da prisáo terrena
A alma dissolve.

Pelos abismos das eternas luzes
Vòa o espirito, Jehová cantando:
Fogem as nuves, o dia se torna
Prospero e brando.

Do Immenso aos olhos tãto preço encerra
Do justo a morte! Vibre a nuve densa
Farpões ardentes, que em Simão teremos
Firme defensa.

Ao som das arpas, de sonoros orgãos
Os seus louvores, oh mortaes, cantemos:
Do Eterno o braço, que nelle sintilla,
Nelle louvemos.

HYMNO

III.

A S. Africano.

ESprito illuminado,
Que comercio de fé c' os Ceos conserva,
Do tigre marchetado
No deserto não teme a ira proterva;
Nem os choques violentos,
Com que assaltão a terra os elementos.

O Povo Gallicano
Fé a meu Hymno dá com seu exemplo;
Pois ao grande Africano
Em sua alma erigindo excelso templo,
Com inteiro semblante
Ouve estalar o raio crepitante.

Táo celeste confiança
Sigamos, oh mortaes; ao Varão santo
Vòe nossa esperança;
E na horrida tormenta sem espanto
Veremos sobre os riscos
Quebrar a furia indomitos coriscos.

Africano divino,

Bem que da tua dextra ás obras bellas
Teça mais brilhante Hymno
A eterna melodia das estrellas;
Nossos votos attende,
E dos vorazes raios nos defende.

IV.

A S. Adoeno.

VInde, oh mortaes, louvemos
Ao grande Sabaoth em os seus Santos,
Adoeno exaltemos
Em nossos corações, em nossos cantos.

O seu braço invencivel
Se da clemencia armado resplendece,
Logo o espirito horrivel
Das sonoras borrascas emmudece.

Ou pelos ares solto
Farpada cauda o raio desenrole,
Ou suba o mar revolto
Em serras a tocar a etherea mole:

Se o seu presidio invoca
Timido mortal, no ar a voraz chama
Subito se suffoca;
Enfrea o mar a furia, com que brama.

Oh Normandos, oh gente
Entre as que o Sol illustra venturosa!
Em ti brilha patente
Esta do braço seu obra espantosa.

Arroja ardentes lanças
Trovão horrendo, treme o globo mudo;
Mas tu em paz descanças,
Que o seu sagrado nome he teu escudo.

Vinde, oh mortaes, devotos
Comigo celebrai o grande Nume:
De nossos puros votos
Cheiroso encenso seu altar perfume.

Espirito sagrado, (no;
Onde, como em cristal, reflecte o Eter-
Cujo braço, assustado,
Teme o immundo Lusbel no escuro Aver-
(no:
Sobre os desertos mares,
Que surcados não são de humana gente,
Manda que os grossos ares
Despenhem o voraz raio estridente.

CANTIGAS.

Achão-se tão somente na primeira Collecção.

I.

POr Marilia bella
Amiclas ardia:
Por ella vivia
Sempre a suspirar.
  E sempre se ouvia
  Marilia chamar.

O duro trabalho
De noute e de dia
Vencer não podia
O seu suspirar:
  E sempre se ouvia
  Marilia chamar.

Ou já com o remo
As ondas cortasse,
Ou já desfraldasse
As vélas ao ar;
  Marilia se ouvia
  Marilia chamar.

Se no fundo pego

O lanço deitava,
Se as redes tirava
Do fundo do mar;
  Marilia se ouvia,
  Marilia chamar.

Na praia colhendo (1)
As redes em giros,
Ardentes suspiros
Se ouvia lançar:
  Marilia, Marilia
  Se ouvia bradar.

Marilia somente
Na boca trazia
De noute e de dia
Sempre a suspirar:
  E sempre se ouvia
  Marilia chamar.

E a Ninfa tiranna
Seus brados escuta,
Qual a penha bruta
Os roncos do mar;
  Que por huma ingrata
  He vão suspirar.

(1) *O Poeta escreveo*: Se na praia colhia.

CANTIGAS.

II.

NAs frescas praias,
Que o Tejo fende,
Em quanto estende
A rede ao Sol:

Ternos suspiros
D'alma arrancava,
E assim cantava
Hum pescador.

Agoas do Tejo
Suave e brando,
Que murmurando
O mar buscais:

Que o vosso Amiclas
Em mil ardores
Morre d'amores,
Vós o sabeis.

A doce causa
De suas magoas,
Oh brandas agoas,
Vós o sabeis.

Mas por piedade
Goardai segredo,
Que hei grande medo
Que o saiba alguem.

Ninfa tão linda,
Tão delicada,
Tão engraçada
Ninfa gentil;

Perdoe Doris
E Panopea,
A vossa area
Nunca pisou.

He seu cabello
Ondado e louro
D' Amor tesouro,
Melhor Ophir.

Traz em seus olhos
Duas estrellas:
Outras tam bellas
O Ceo não tem.

Na breve boca,
Que Amor infláma,
Amor derrama
Graças sem fim.

No' branco collo,
Faces formosas
A neve e rosas
Se vem brilhar.

A vida alegre
Hoje exalára,
Se éu as tocára
Huma só vez.

Mas tantas graças
Dos cobiçosos
Goardão zelosos
Amores mil.

Amores feros,
Que em torno a cingem,
E as setas tingem
Nos corações.

Amor na boca,
Nos olhos bellos,
Longos cabellos,
No seio traz.

Mas tem-te, oh lingoa,
Não digas mais,
Que estes sinais
Mui claros são.

Oh brandas agoas,
Goardai segredo,
Que hei grande medo
Que o saiba alguem.

VARIANTES.

Variante da Ode I. á Immaculada Conceição de Maria Santissima.

Estrofe I.

Ah longe, longe deste fertil monte,
A Febo consagrado,
Vulgo profano;
Em cujo coração não alça a fronte
Das santas Musas o furor sagrado:
E vós, em cujo peito soberano
Celeste coro seu furor inspira,
Attenção; que hoje intento
Novo tocar altisono instrumento.

Antistrofe I.

Clara d'immensa luz brilhante chama,
Na rude escura mente
Seus raios espalhando,
A negra nevoa rompe, e já me inflâma:
Transportar-se a minha alma já se sente.
Ah! nos campos que rega murmurando
O Alpheo cristallino,
Já goardador não sou de pobre gado;
Noutra especie me sinto transformado.

EPODO I.

Occulta força
Da opaca terra
Entre os Ceos a subir me anima e esforça.
De brancas plumas
Cobrir me vejo;
E qual de Thebas o Cantor sonoro,
Pelo ar vagando vou cisne canoro.
Já sacudindo as azas inquietas,
Vejo sob os meus pés astros, planetas.

ESTROFE II.

Mas que serpe feroz se nutre e ceva
Naquelle inferior globo?
Que estrago miserando
Em seus viventes faz! na densa treva
Tanto não faz no gado cerval lobo!
Huns nas garras crueis vai lacerando,
Outros traga, e c'o bafo envenenado
Ainda os mais distantes
Subito mata ou deixa agonisantes.

ANTISTROFE II.

Por todo o largo globo se derrama
O halito venenoso!
Em toda, em toda a parte
O contagio letifero se infláma!
Gente infeliz! no estrago lastimoso
Quem te póde valer? quem ajudar-te?

Mas que brilhante luz lá vem raiando,
Qual a da roixa Aurora,
Quando em serena manhã as nuvens cora!

EPODO II.

Que maravilha!
Do Sol trajada
Da progenie de Adão a melhor filha,
Que a branca lua
Airosa pisa,
E tece as soltas, crespas tranças bellas
Diadema immortal d'aureas estrellas,
He a que derramando vem briosa
A torrente de luz pura e formosa!

ESTROFE III.

Oh! e que airosos passos vem formando
Toda de graça chéa!
Ao vella o monstro horrendo
As salpicadas conchas eriçando,
De que espantoso o negro corpo arrea,
Tinge de sangue os olhos, e batendo
Com a comprida cauda a dura terra,
De pó nuvens espalha,
Ensaio horrivel da cruel batalha.

ANTISTROFE III.

Ai! que contra a Donzella delicada
(De horror gélo e desmaio!)
Silvando se abalança!

Já sobre a grossa cauda levantada
Dardeja da farpada lingoa o raio,
E para a devorar o collo avança.
Já em circulos mil, para prendella,
Humas vezes estende,
Outras em giro estreito o corpo prende.

EPODO III.

Mas á victoria
Em vão aspiras,
Serpe cruel, que chea d'alta gloria
A Mulher forte
Firme resiste,
Qual o guerreiro Exercito ordenado.
Ah! já deixas o campo ensanguentado,
Já foges, já te segue, e a sublime
Na indomita cerviz planta te imprime.

ESTROFE IV.

Valerosa Mulher, tu só soubeste
Domar a horrivel furia
Da medonha serpente.
Entre as filhas de Adão tu só podeste
De teu sexo vingar a grande injuria.
Mas que formoso, que Esquadrão lusente
As nuvens rõpe, e em torno a cerca e croa?
Ah! dos celestes Coros
Estes são os Espiritos canoros.

ANTISTROFE IV.

Huns sobre ella ao passar lanção velozes
Hum diluvio de flores,
Outros ao som d'accordes instrumentos,
A seu alto valor, soltando as vozes,
Cantando vem celestiaes louvores.
Silencio, que já soão seus accentos.
Oh bemdita Mulher, q̃ entre as mulheres
Aos Ceos alçaste a fronte,
Qual o cedro do Libano no monte.

EPODO IV.

A incombustivel
Çarça entre o fogo
Tu Virgem foste, á culpa inaccessivel.
Tu entre as filhas
De Adão brotaste,
Qual entre espinhos brota o branco lirio.
Tu dos Anjos hes gloria, tu do Impirio:
Tu filha do Senhor, e Esposa amada.
Vem triunfante, vem, serás coroada.

N. B. *Nesta Ode se observão alguns leves defeitos, que seria preciso emendar para ficar certa ou a medição dos versos, ou a consonancia das Estancias. Assim poder-se-hia ler o verso* 3. *da Estr.* 1. Fuja o vulgo profano. *Os*

v. 7. *e* 8. *da Antistr.* 1. O cristallino Alpheo na bella Arcadia, Não goardo pobre gado. *Finalmente os v.* 1. *e* 3. *da Antistr.* 4. Taes sobre ella ao passar lanção velozes: Taes ao som de instrumentos.

VARIANTE DA CANÇÃO.

He tirada da segunda Collecção.

NAs margens do sereno
Nabão suave e brando
N'hum bosque de altas arvores sombrio
Se vè hum sitio ameno,
Que todo matizando
De lindas flores vai o manso rio:
E sempre em fresco estio
As agoas cristallinas
Fazem durar viçosas
As cravinas, as rosas,
Açucenas, mosquetas e boninas;
Sem que do sol ardores
Se atrevão a murchar os seus verdores.

Alí ao som do manso
Cristal, que se despenha,
Sonoramente canta o passarinho,
Que corre sem descanço

O monte, o valle, a penha;
Procurando entre as flores o raminho,
Para tecer seu ninho;
Adonde descançado
Sem temores do astuto
Caçador, logre o fruto
De seus doces affectos desejado;
E consiga entre as flores
O suspirado fim dos seus amores.

Nesta alegre espessura
A's nuves se levanta
Com justa proporção raro edificio,
Em cuja architectura,
Que o primor da arte espanta,
Não fez falta de Escopas o artificio:
Porque no frontespicio,
Nas portas ext'riores,
Cimalhas, alquitraves,
Bases, columnas, naves,
De escultura feliz entre os primores,
Se vè a primasia
Da mais bem regulada simmetria.

Coro de Ninfas bellas
No seu recinto assiste:
A seus olhos, de amor gostosas fragoas,
Mais lindos que as estrellas,
O Nabão não resiste,
Abrasando-se em fogo as mesmas agoas.

Por ellas tristes magoas
A mesma Syques chora:
Do menino se queixa,
Porque cruel a deixa
Pelas Ninfas, que tanto cego adora:
Sendo no seu sentido
Cada huma melhor Syques a Cupido.

A esta feliz terra
Me trouxe o injusto Fado,
Quando o bifronte Deos, esse Deos Jano,
Do templo á dura Guerra
Tendo as portas cerrado,
As portas vinha abrindo ao novo anno.
Aqui para meu dáno
Vi entre as Ninfas bellas
Aonia, que a primasia
Das outras conseguia,
Como a consegue o sol das mais estrellas,
E como entre os verdores
A alcança a rosa entre as outras flores.

Pela Ninfa formosa
Os rusticos pastores,
Que o manso gado alli apascentavão,
Na margem arenosa
Do Nabão entre as flores,
Humas vezes de amor versos cantavão;
Outras vezes louvavão
A rara gentileza,

A graça, o luzimento,
De que a dotou a sabia Natureza:
Celebrando á porfia
A graça, o acerto, o garbo, a bizarria.

Guiado dos pastores
Vi a pastora, e logo
Cupido que em seus olhos se escondia,
Como aspide entre as flores,
Setas de ardente fogo
Despede, com que o peito me feria.
Eu que incauto sentia
Que o peito se abrasava,
Provando o doce effeito,
O incendio no peito
Vendo a formosa origem augmentava:
Como o insecto na chama
Adora os estragos, as ruinas ama.

A Ninfa, que conhece
De meu dáno o motivo,
O motivo accrescenta de meu dáno.
Novas prisões me tece
N'hum doce olhar esquivo,
Em que á razão me enlea hum doce engano.
De seu peito tiranno
As cristallinas agoas,
Que meus olhos lançárão,
O marmore abrandárão:
Pois lastimada em fim de minhas magoas,

Se deixou ver amante.
Oh! quanto cõsegue hum amor constante!

De mi proprio esquecido
E de Aonia só lembrado
Nos montes, valles, bosques e florestas
Deixava andar perdido
Sem goarda o triste gado.
As serenas manhãs, calmosas sestas
Em praticas honestas
Co' a Ninfa divertia;
Em agradavel luta
Colhendo a doce fruta,
Que Amor do seu amor me promettia.
Mas oh injusto Fado!
Que depressa se muda hum doce estado!

Era o tempo em que Apollo,
Deixando o vellocino,
No roubadòr de Europa alegre entrando,
No frio Arctico pólo
Seu resplendor divino
Liberal outra vez vinha espalhando:
E Flora, matizando
Os campos de mil cores,
Nos prados diffundia
Quanta Zephyro cria
Mimosa producção dos seus amores:
Vendo-se em toda a parte
Florido Adonis, a pesar de Marte.

As innocentes aves
Dos ramos espalhavão
Em confusa, mas doce melodia
Varios cantos suaves:
Os ribeiros quebravão
As prisões em que o gelo os suspendia:
Em todo o mundo havia
Doce contentamento:
Quando a cruel Fortuna
Instavel, importuna
Da roda no ligeiro movimento,
Fez barbara, inclemente,
Que em todo o mundo eu fosse descôtente.

Nos montes, que o Mondego
Brandamente rodea,
O certame annual se celebrava,
A cujo justo emprego
A Sacrosanta Astrea
Os pastores do Luso convocava:
Eu que á palma aspirava,
Que Nemesis tecia,
Da Ninfa alí me ausento
(Oh duro apartamento!)
Deixando-lhe (oh cruel, oh triste dia!)
Em fé da lealdade
Coração, alma, vida e liberdade.

Cheguei ao altivo monte,
Onde a filha de Astreo,

Fugindo da maldade achou asilo :
E coroada a fronte
Co' a rama, que a Peneo
Fez de lagrimas ternas outro Nilo,
Premio que antigo estilo
No certamen reparte;
Da saudade excitado,
Dos campos, onde o gado
Tantas vezes me ouvio, Amor, louvar-te,
Me ausento sem demora :
O Norte busco, que minha alma adora.

A' selva infeliz chego,
Onde a formosa e cara
Deosa de Chypre, Gnido e mais Cythera
De amor no doce emprego
Feliz me coroara
Com grinaldas de murta, que tecera.
Busco a pastora : (oh fera !
Oh barbara lembrança !
Tu cruel, tu impia,
Me roubas a alegria !
Pois de Aonia na perfida mudança
Trazes ao pensamento
O motivo cruel de meu tormento !)

Busco a pastora bella :
E quando nos seus braços
O premio espero a meu amor constante,
Encontro (injusta estrella !)

Que presa em outros laços
Por infiel Pastor suspira amante.
Cruel Deos inconstante,
He este o premio justo
Que dás a quem te adora?
Mas oh! sem causa agora
Te reputo cruel, te chamo injusto:
Pois deste premio indino
He mais culpa a da mái, que a do menino.

Tu só, oh fera humana,
Com teu fingido agrado
Foste causa cruel do meu tormento:
De ti na dor tiranna
A' selva, á fonte, ao gado,
Plantas, aves, terra, agoas, fogo, e vento
Me queixo e me lamento.
Dize, oh Circe fingida,
Que he da fé que juraste?
Assim desempenhaste
A eterna constancia promettida?
Mas oh! se em ti fiava,
Constante o vento, o mar firme esperava.

Vós Ninfas cristallinas,
Em cujas claras agoas
Assiste essa cruel nova Serea,
Se acaso ouvis beninas
Estas funebres magoas,
Que ao som cantei da misera cadea,

Sepultai nessa area
As queixas, que refiro:
Assim vossa corrente
Não turve grossa enchente!
Pois não he bem que a dor porque suspiro,
Quando meu mal contemplo,
Da perfidia no mundo deixe exemplo.

Canção, se por ventura
Alguem teus desacertos
Accusar rigoroso, tu lhe diz:
Que nunca a desventura
Costuma outros acertos
Despender a hum misero infeliz:
E que a dor mais violenta
Sempre menos discreta assim se ostenta.

N. B. *Na Est. 6. falta hum verso, para ella ficar semelhante ás outras Estancias.*

FIM.

INDICE

Das Poesias, que se contém neste Volume.

DITHYRAMBOS.

ODES ANACREONTICAS.

ODES.

EPITHALAMIO.

CANÇÃO.

HYMNOS.

CANTIGAS.

	Erros.	Emendas.
Pag. 34. l. 8.	*lèa-se*	Διὸς ἔνυξεν:
35. l. 1.	(*Veja-se*	*Veja-se*
75. v. 4.	Vlulando,	Ululando,
91. v. 9.	emborco	emborco.
153. v. 17.	escondido,	escondido
194. v. 4.	saudade,	saudade.
246. v. 9.	famoso	famoso,
l. 18.	al.	*al.*
253. v. 10.	temerosa	temerosa.
v. 15.	desejo,	desejo (2),
263. v. 6.	as mãos	ás mãos

